O Ser Subconsciente

Gustave Geley

Quando, em 1899, o Dr. Gustave Geley dava ao público O Ser Subconsciente, provavelmente não imaginava o inestimável trabalho que prestava ao mundo científico e cristão, quanto ao testemunho que assinava; testemunho em prol dos princípios propagados a viva voz pela Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec. Toda a verdade fura o bloqueio maciço do inconformismo, sobrevive às investidas desnorteadas do obscurantismo, galga as encostas pedregosas do tempo, atravessa os séculos e brilha intensamente, quanto mais intenso for o quilate de pureza que abarque.

Há sempre, no entanto, necessidade de difusão da verdade, qualquer que ela seja pelos meios convenientes à grandeza que encerre: se verdade científica, meios científicos; se verdade religiosa, meios religiosos; se verdade filosófica, meios filosóficos. Por isso, a difusão espírita deve ser conscienciosa, imparcial, moralizada, filosófica, científica, cristã, numa palavra. O que não se atenha às regras da cristandade não pode ser tido como autenticamente espírita.

Mas, sempre que revelações de grande envergadura entram em contato com a relatividade do homem, há choques os mais variados. Daí a eficiência do estudo científico, a propriedade da argüição filosófica, a procedência da edificação evangélica. Só com a argumentação científica não há base sólida; só com raciocínios filosóficos não existe equilíbrio; simples entendimento moral, sem assimilação integral, não possibilita sobrevivência do novo corpo. Nenhum pássaro voa com uma só asa. Cada ser humano apresenta necessidades peculiares que, na medida do possível e do racional, devem ser atendidas. E é precisamente neste ponto que a unidade das duas asas faz-se imperiosa. O homem que entende essa unidade está de posse da chave certa que abre as portas do Reino dos céus.

Geley conseguiu atingir semelhante alvo. Foi cientista moralizado; moralizador dono de grande ciência. Foi filósofo e foi caritativo, porque soube compreender a sede de saber que ardia dentro de cada um. E, principalmente, foi trabalhador conscienciosa porque se deu ao mundo científico de então, visando ao mundo moralizado do futuro.

A profundidade que ressuma das páginas de O Ser Subconsciente é o canto de vitória do justo, a cartilha do estudioso, o bálsamo do viajor esgotado. . . E a fonte cristalina que recebe a transcendental busca da humanidade. O Ser Subconsciente é destes livros que enobrecem a biblioteca espírita; é o pequeno grande livro do Espiritismo.

Acervo Virtual Espírita

Nele encontramos o raciocínio preciso, a forma adequada, a perspicácia que não alfineta e a simplicidade tocante, esta última, aliás, a marca registrada do Dr. Geley, o trunfo que lhe assegurou o agrado de todos os seus leitores.
Eis por que procuramos nesta tradução adaptar, na medida do possível, a fluência rítmica da língua francesa à modulação expressiva do idioma português, obedecendo, contudo, à forma de pensar característica do francês, de modo a que o estilo de Geley não fosse prejudicado de feição irremediável.
É tarefa altamente feliz o entregarmos, agora, ao espírita brasileiro, O Ser Subconsciente. Feliz não porque tenhamos efetuado algo digno de glória - que, absolutamente, não o é -, mas porque temos a certeza de que o presente trabalho será altamente proveitoso para quantos queiram aprofundar seus conhecimentos da Doutrina Espírita que o amor de Deus e o amar do Cristo - estes sim, glórias do Universo - entregaram ao mundo.
Praza aos céus que todos nós, estudando conscienciosa e imparcialmente esta primeira grande de Geley, consigamos penetrar um pouco mais nos ainda hoje mistérios da mediunidade, caminhando, deste modo, mais alguns centímetros na estrada do conhecimento iluminado pela fé cristã em que o mundo inteiro precisa viver.
Rio de Janeiro, 30 de maio de 1974.

O TRADUTOR

GELEY: APÓSTOLO DA CIÊNCIA CRISTÃ

As idéias novas constituem testes avançados para quem quer que ouse esposá-Ias. Em todos os tempos, em todas as regiões, houve dúvidas quanto à veracidade dos fatos; o raciocínio foi e continuará sempre a ser o grande trunfo do espírito chegado ao reino humano. Mas, difícil faz-se de compreender que o homem se utilize desse raciocínio, atarraxando a própria consciência à baliza da negativa infundada. É atitude que contraria a própria essência da faculdade de discernimento. É profundamente estranha a verificação da atividade consciencíal lutando por menos entender todas as coisas, por perder progressivamente a noção da própria vida. Felizmente, essa não é regra geral, embora digam que a exceção confirma a regra. Dentro da Ciência, preocupada com o esclarecimento da vida, do Universo, houve sempre e sempre haverá o legitimo cientista, isto é, aquele que, lançando mão dos métodos científicos, prossegue na pesquisa sem espírito prevenido, sem a má-vontade dos falsos pesquisadores e com a lúcida atenção do cérebro e do coração.
A antiga Metapsíquica que, na classificação de Charles Robert Richet - o genial descobridor da anafilaxia, pacifista emérito, estudioso do calor animal - ocupa lugar de destaque no desenvolvimento do Século XIX, é, no seu

Acervo Virtual Espírita

conceito, a ciência que tem por objeto os fenômenos físicos ou psicológicos devidos a forças que parecem inteligentes, ou a faculdades desconhecidas do espírito. Esse o Richet ainda não convicto da realidade do Espírito imortal, da sobrevivência do ser. Eis agora o mesmo cientista depois das pacientes pesquisas efetuadas na companhia de inúmeros estudiosos de grande mérito: O mundo oculto existe. Correndo o risco de ser olhado por meus contemporâneos como um insensato, creio que existem fantasmas. (Revue Spirite de setembro de 1937, pág. 396.)

Ora, o enunciados do conceito de metapsíquica, se não endossava a hipótese espírita, naquela época, não deixava de afirmar a existência de um espírito desconhecido, reconhecendo-lhe faculdades também desconhecidas.

Atualmente, os seres que pareciam inteligentes já dão mostras de raros conhecimentos e, também, de conhecimentos raros, e são eles mesmos que nos recordam sempre a importância das vidas desses primeiros pesquisadores, dedicadas inteiramente à tarefa do aclaramento da inteligência humana.

Como introdução, cabe apenas citar os nomes de, por exemplo, Myers, Podmore, Hodgson, Aksakof, Bernheim, René Sudre, Ochorowsky, Delanne, Schrenck-Notzing e outros investigadores célebres, todos os adeptos da Metapsíquica, alguns concluindo a favor da hipótese espírita, como Aksakof, Bozzano - os refutados de René Sudre e de Morselli -, e outros pugnando pela inverdade do Espiritismo, como o próprio René Sudre, autor de Introdução à Metapsíquica Humana, obra de tristes raciocínios ditos científicos, mas de inusitado valor informático e histórico. Nessa pequenina lista de celebridades deixamos de incluir um dos mais famosos nomes, justamente pelo fato de ser ele a figura central do nosso estudo, e cujo cinqüentenário de desencarnação se comemorou em julho de 1974. Trata-se do Dr. Gustave Geley, antigo interno dos hospitais de Lyon, laureado pela Faculdade de Medicina da mesma cidade graças à sua obra Des applications périphériques de certains alcaloïdes ou glucosides.

Pelo que nos informa a Revue Spirite, de 1924, o Dr. Geley reencarnou em 1868, em Montceau-les-Mines, França. Cursou a Faculdade de Medicina de Lyon, estabelecendo-se, posteriormente, em Annecy, já com farta bagagem de realizações, inclusive a precatada tese premiada.

A vida de Geley era moldada pela mais absoluta integridade moral, sendo, inclusive, criatura profundamente estimada por seus amigos e conhecidos. Foi sempre um homem assaz acatado. Positivista, reencarnado em pleno século em que fervilhavam as asserções de Auguste Comte, Gustave Geley extraiu do Positivismo tudo quanto lhe poderia este conceder. Soube separar o joio do trigo, discernindo entre o que servia e o que não era de grande utilidade, os exageros distinguindo da realidade clara. É fato sabido, no Espiritismo, que - em nossa atual posição - o imperativo do mal é a válvula de libertação para a grande ala do bem; é por aquele que alcançaremos à paz interior. Pois, soube o

Acervo Virtual Espírita

Dr. Geley retirar do Positivismo tudo o que de bom lhe poderia ele conferir. Seu raciocínio moldou-se de forma altamente científica, jamais aceitando o que pesquisado e provado não fosse. Isso foi à preparação de um trabalho importantíssimo, a ser futuramente desenvolvido com tanta propriedade e argúcia. E, já que falamos levemente em Positivismo, não será demais recordar, em favor das concepções espiritistas, que o próprio Comte pontilhou seus últimos momentos na terra de uma espiritualidade contundente.

Em 1918, funda-se o Instituto de Metapsíquica Internacional, sendo Geley seu presidente até o ano de 1924, quando desencarnou em desastre aviatório. Os rumos que tomaria esse famoso Instituto nos levam a crer que Geley, de fato, precisaria de mais esse estágio a fim de compreender os posicionamentos de certos cientistas que, para desmascarar a pantomima espírita, não hesitaram em promover polêmicas acerbas e as mais chulas celeumas. Aqui, ainda uma vez, relembramos as diatribes de Morselli ao parecer espírita, diatribes essas tão veementemente bem destroçadas pela impressionante lógica de Ernesto Bozzano.

Quando se examina a obra de René Sudre Introduction à la Métapsychique humaine, Paris, Payot, 1926, bem se observa o espírito prevenido contra o que Geley apelidava de hipothèses nouvelles (hipóteses novas); dentre elas, situavam-se a exteriorização e a subconsciência. A primeira foi fartamente tratada pelo coronel Conde Albert de Rochas d'Aiglun. Da segunda, Geley e Myers retiraram todas as ilações compatíveis com as possibilidades da época, indo mesmo adiante. O que diferencia os dois sábios (que como tal não se consideravam) era, basicamente, a diferença de raciocínios: Geley é preciso ao extremo, de razões mais cristalinas que água sobre cristais de rocha. Myers não é tão acessível, às vezes apresentando suas opiniões de modo bastante prolixo. Diga-se, não podemos considerar tal coisa como propriamente um defeito. Além disso, é agradavelmente interessante notarmos o método de Geley, no qual a muito de intuição (contrariando até mesmo os ditames do Positivismo), mas no qual essa intuição não é lúdica, e sim obediente aos caminhos da prudência, porque lhe são meio e não fim.

Nessa Metapsíquica, que primou pela contestação gratuita e infantil - como no caso do próprio René Sudre, inteligente e perspicaz, porém apaixonado -, mas que também encontrou a própria defesa e justificativa na aquilina visão de Charles Richet, Geley desponta como figura de primeiro plano,

Interessou-se especialmente pela Metapsíquica Física. Nesse campo, examinou as produções do engenheiro polonês Ossowiecki, junto de Richet e de Sudre. Este último narra-nos extraordinária experiência a que assistiu com o médium. Sudre colocou dentro de um vidro opaco um bilhete no qual escreveu a seguinte frase de Pascal: O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza; mas um caniço que pensa. Concentrando-se sobre o papel escrito, eis o que disse o médium:

Acervo Virtual Espírita

- Isso concerne à humanidade . . . Ao homem, melhor dizendo. . . E uma criatura, a mais tola . . . É algo do homem . . . Tenho a intuição da tolice. . . É um provérbio. . . São idéias de um dos mais importantes homens do passado . . . Pascal, eu diria . . . O homem é fraco. . . Um caniço fraco. . . Mas . . . Fraqueza . . . E também o mais pensativo dos caniços.
No Congresso de Varsóvia, onde estavam Geley e René Sudre, Ossowiecki decifrou diante de numerosas pessoas um documento que havia sido preparado na Inglaterra, pelo investigador da Sociedade de Pesquisas Psíquicas inglesa, nessa época Mr. Dingwall.
Geley, na sábia e quieta observação, deixava aos menos avisados a fúria do palavrório inútil. E prosseguia, ainda não satisfeito.
Mais adiante, junto a Schrenck-Notzing, esquadrinhou os fenômenos de levitação de Willy, principalmente da última vez em que esteve em Viena, experiências essas levadas a efeito na casa do Dr. Holub, metapsiquista igualmente. As fotografias desses fenômenos podem ser encontradas no hoje raríssimo e ultraprecioso livro de Schrenck-Notzing Os Fenômenos Físicos da Mediunidade. Quando terminaram suas experiências com Willy, Geley estava convicto da autenticidade do ocorrido. As práticas eram realizadas sob a leve claridade de uma lâmpada vermelha, estando o médium vestido com uma roupa coberta de pontos fosforescentes, de modo que seu corpo permanecia totalmente visível nessa penumbra. Levitava horizontalmente e, como afirma René Sudre, parecia carregado por uma nuvem invisível. Continuava levitando, até que atingisse o teto, lá permanecendo por volta de cinco minutos, a agitar as pernas atadas uma à outra. A descida, pelas narrativas que coligimos, era na igual velocidade da subida: ambas verificavam-se de modo relativamente brusco. Como vemos, não havia possibilidade de fraude.
Em outra época, acompanhado de Charles Richet, presenciou os raros fenômenos de formações ectoplásmicas de animais, com o médium Guzik, também polonês. Geley narra por diversas vezes - inclusive nos anais do Instituto que dirigia - o estranho contacto que lembrava o roçar da cauda de um cachorro no tecido de seus costumes, além da presença de outras formas de animais que exalavam o odor de fava.
Nessa mesma etapa de sua vida, realizou e presenciou experiências de fluido mumificador, mumificando animais por meio de passes. A respeito, pronunciou profunda preleção, afirmando que mesmo os animais maiores conservavam-se tão bem quanto se houvessem sido empalhados. Além disso, notou que as parasitas microscópicas eram destruídas por essa ação fluídica, o que o levou a concluir que a ação fluídica do médium era microbicida indireta; indireta porque se processava graças ao reforço que emprestava aos tecidos.
Foi assim que Geley ligou o fenômeno ao campo da Metapsíquica Curativa, o que é hoje amplamente difundido no Espiritismo Experimental. Nesse particular, os afrescos egípcios demonstram a realidade do aproveitamento das

Acervo Virtual Espírita

forças magnéticas humanas na mumificação, onde, dentre outros componentes, eram aproveitadas a energia solar e a polaridade natural. Recentemente, nos Estados Unidos, hão sido realizadas experiências desse teor, com a conservação de pedaços de carne animal por muitos dias consecutivos, apenas com base na imposição das mãos.
De 1922 a 1923, Geley conduziu sessões no Instituto de Metapsíquica Internacional, com Guzik e com Franeck Kluski. Essas sessões eram desenvolvidas sob as mais rigorosas condições: os médiuns estavam vestidos com roupa especial, amarrados nos pulsos e nas pernas e ligados aos assistentes por fios resistentes. Nessa empresa foram vistas súbitas luzes entrecortadas, voando numa certa altura, formando, depois, dois belos olhos. Ao lado desses olhos, esboçavam-se posteriormente traços luminosos, a formar um rosto; depois, surgia, perfeitamente visível, a cabeça. De repente, uma voz rouca indefinível (palavras de Geley) pronunciou em alemão Guten Morgen. Nessas mesmas reuniões, luzes estranhas esvoaçavam sobre o piano do salão, fechado a chave, furtando-lhe quatro ou cinco sons subseqüentes. Com Kluski, realizou também experiências de materializações de formas de animais, tendo visto a presença de enorme águia pousada sobre os ombros desse médium. Esse estranho animal, produzido também em sessão onde se achavam Richet e Geley, foi por eles chamado de Pitecantropo. Observaram ainda a materialização de um homem barbado, com voz rouca, que tocava o rosto dos presentes. Analisando a ocorrência, Geley chegou à conclusão de que esse homem não passava de criação do médium, a partir da exteriorização de ectoplasma (teleplasma, para Schrenck-Notzing; eflúvios ódicos, para Reichembach), uma vez que tal ser obedecia sempre aos pensamentos do sensitivo, não apresentando autonomia de vontade.
Geley não se satisfazia com pouco, até que obteve os célebres moldes, também com Kluski, além das impressões na parafina, prenúncios da dactiloscopia efetuada com as materializações obtidas com Anna Prado, no Pará. Nesses casos, mais uma vez entrou em cena a prudência. Colocava-se um balde repleto de água bastante quente ao lado de outro, pleno de parafina em fusão. A forma mergulhava - em geral braços ou pés - dentro de um e de outro, fazendo com que endurecesse a parafina. Depois desmaterializava o membro, sem partir a substancia. Geley, já plenamente certificado da impossibilidade de qualquer fraude (as reuniões eram realizadas sob austeríssimas condições), resolveu adicionar ao banho de parafina determinada quantidade de colesterina, gordura que existe no sangue. Ao final do empreendimento, foi achada essa mesma substancia nos moldes deixados. Nas primeiras sessões do Instituto de Metapsíquica, foram obtidos nove moldes, dos quais sete eram de mãos, um de pés e outro de queixos e lábios. O tamanho destes últimos era perfeitamente normal, estando os demais reduzidos de um quarto, se bem que apresentassem sempre as características

Acervo Virtual Espírita

de membros adultos. Geley observava, dentre outros aspectos, os pormenores da pele, idênticos aos de um membro vivo.
As mãos entrelaçadas e ligadas Geley só as obteve nas sessões de 1921 e 1922. Essas moldagens foram, quando examinadas por cinco peritos em moldes, consideradas não como sobre moldagens, mas como moldes originais. Os peritos ficaram atônitos com a finura das paredes de parafina, jamais ultrapassando a espessura de um milímetro, perante o que afirmaram que apenas uma mão viva poderia ter servido de molde. Todos os artistas declararam-se impotentes para reproduzir ao que chamaram de obra de arte.
Foi, no entanto, com Marthe Béraud (Eva Carrière) que Geley realizou o maior número de experimentações. Sua obra DÓ Inconsciente ao Consciente baseia-se em maior parte nos fenômenos observados com a sensitiva, que produzia materializações diminutas de rostos, mãos e cabeças inteiras. Eva Carrière submeteu-se a todas as exigências de Geley, em proveito da Ciência, razão pela qual o eminente cientista lhe dirigiu tocante agradecimento, apresentando-lhe o muito obrigado da parte dessa mesma Ciência. A médium era despida e vestida, a seguir, com um gabão negro, tendo essa roupa sido investigada por senhoras da confiança do Dr. Geley. Depois disso, era amarrada à cadeira, amordaçada e totalmente cerceada em seus movimentos, tendo a mão segura por Geley. O ambiente era iluminado por suave luz vermelha.
Também experimentou a fotografia, com Kluski, tendo surpreendido um oficial, completamente fardado, que passou a insistir sobre as peculiaridades do barrete, dos botões do uniforme, dos cordões das botas, etc. Mesmo assim, Geley afirmou peremptoriamente que muito tinha ainda a aprender sobre esse assunto (Revista de Metapsíquica, 1925, pág. 30).
Pelo pequenino resumo que efetuamos da experiência científica de nosso personagem, há alguns pontos que ressaltam a olhos vistos:
- Geley era investigador intransigente;
- buscava os resultados através de diversos sensitivos;
- desse conjunto de fatos, partia em direção a uma possível resposta;
- para atingir essa resposta, examinava todas as teorias já formuladas sobre o assunto;
- analisava-as, aceitando-as ou não;
- escolhia as que primassem pela lógica;
- com elas, à luz delas, enfocava o ocorrido, concluindo - num segundo exame
- sobre sua real procedência;
- confrontava-as com o seu parecer;
- tirava a média entre eles, procurando mostrar sempre os prós e os contras;
- concluía.
Só poderia agir desse modo um indivíduo cujo raciocínio e intuição funcionasse em obediência a determinado esquema evolutivo superior. Geley,

Acervo Virtual Espírita

por tudo isso, trouxe ao nosso conhecimento colaboração de difícil estimativa, contribuindo para a decisiva descoberta científica do espírito humano, com a final corroboração dos princípios espiritistas.
Tendo pesquisado muito, até exaustivamente, formulou teorias necessárias ao entendimento da matéria, de modo a apresentar todas as contradições aparentes e possíveis, para depois destruí-Ias pela razão esclarecida.
Resumiremos seu ponto de vista:
A unidade da substância orgânica preocupou-o de modo assaz perceptível. Para Geley, o ectoplasma - termo de eleição de Richet, não nos esqueçamos - é, em sua essência, um prolongamento fisiológico do médium. É a substância íntima, viva, componente do ser humano, extremamente sensível, úmida, coleante, viscosa, levemente acinzentada (atualmente, sabemos que a alvura dessa matéria é instável, dependendo quase sempre da condição evolutiva da entidade); em linguagem moderna, é o plasma biológico que compõe a criatura. Sua tessitura, para nós, varia de acordo com a evolução do ser, evolução essa que, para Geley, se faz através da gradativa expansão do ser, desde o estado de inconsciência até ao da consciência plena e abrangente, quando o Espírito passa a ser um só com Deus. Nesse ponto - o da expansão consciencial progressiva -, recomendamos aos interessados o estudo das teorias de Myers, na obra Human Personality, bem como a obra de André Luiz Evolução em Dois Mundos. Ainda será interessante e altamente proveitosa a análise da obra de Gabriel Delanne, principalmente os brilhantes estudos a respeito do perispírito, suas propriedades funcionais adquiridas, seu amplíssimo desempenho na vida do Espírito, até que - purificado (ou puro desde o início) -, não precise ele de perispírito, no dizer de Max (Bezerra de Menezes), no excelente artigo O Corpo Fluídico de Jesus, inserido em Reformador de março de 1974. O ectoplasma, em outras palavras, é o próprio médium parcialmente exteriorizado. Mas, observou o cientista que essa substância é indiferenciada: não é nem tecido nervoso, nem tecido muscular, nem tecido conjuntivo; não é nem mesmo um amálgama celular. É substância única, que obedece a comandos de organização e de desorganização do ser subconsciente, podendo tomar todas as formas da vida, trazendo em si mesma o movimento da própria vida.
Desejando estudá-la, Geley precisou estabelecer os campos limitados da Fisiologia, da Psicologia normal e da Psicologia anormal. Do exame dessa tripla caracterização científica, ele começa por recordar que a Biologia normal nos demonstra que todo ser organizado provém de uma célula. De fato, teríamos a ordem normal estudada pela ciência. Mas raciocinava em certos casos, observa-se o surgimento de uma borboleta, por exemplo, a partir de uma aparente desorganização: é a crisálida que se reduz a um amontoado de subst8ncia, com o desaparecimento de qualquer figuração celular, em sua própria linguagem. Dessa massa aparece um outro animal, de novas

Acervo Virtual Espírita

características físicas e psíquicas. Era o estudo do cientista aplicando o método já exposto, inclusive a analogia, e mostrando no campo da própria natureza animal a base dos fenômenos ditos paranormais. Atualmente é a histólise do inseto (sucessão de destruições transformativas que levam a um outro estado natural), consistindo em verdadeira materialização, na qual o médium será a crisálida donde sai o fantasma (como se costumava dizer), que é a borboleta. O casulo representa o gabinete, destinado a proteger a operação complexa das formas materializadas.

Assim raciocinando, Geley observou a importância prática do estudo da Fisiologia normal e anormal, explicando o conjunto de fatos ocorridos, bem como a Psicologia, também normal e anormal, lançando luzes sobre o aspecto psíquico do mesmo conjunto de fatos. Prosseguindo, viu que, se toda essa gama notável de ocorrências obedecia a um sistema organizador ou desorganização, que manipulava uma substancia primordial única, dando origem a representações, não mais haveria razão para bipartir o campo científico: haveria apenas uma Fisiologia, a superior; uma Psicologia, a de igual modo superior, cada uma delas atuando em seu campo. Era a chegada do homem aos sistemas de compreensão da unidade do próprio Universo.

Novidade? Não. Geley dava exemplo da própria teoria: a penetração e expansão consciencial do Espírito no todo universal. Nós vivemos em meio a representações que estampam determinados estados, estados esses que obedecem às necessidades íntimas da evolução, abrindo ao homem imenso campo de atividade intelecto-moral-espiritual. E é nesse próprio campo que a analogia nos apresenta a possibilidade de compreensão da riqueza de possibilidades, tanto do fenômeno humano quanto do sobre-humano, se assim nos podemos expressar. É preciso admitir a necessidade de um dinamismo superior que organiza, centraliza e dirige essa substancia, para que se entenda a variedade impressionante produzida pela substancia primordial, causa única, simples, e seus efeitos variados, de grande riqueza.

Que força diretora será essa? Para Geley ela representa o ponto de união, precisamente aquele que justifica a unidade da ciência superior, englobando os aspectos menores: é a faculdade organizadora e desorganizadora do ser subconsciente, de Geley, e a idéia diretriz, de Claude Bernard. No entanto, a superioridade daquela lança sombras de esquecimento sobre a segunda. O ser subconsciente, liberado em determinados estados de exteriorização total, penetrando o mundo invisível, adquire amplo espectro de ação, não sendo efeito, mas causa. Destarte, a idéia diretriz seria elucubração do ser subconsciente, assim como a mente tem a norteá-la a emissão do Espírito consciente. É o mais englobando o menos.

Aqui, cabe citar outra peculiaridade do método geleyano: o mais pode o mais, atua sobre o menos. Assim, o Doutor pesquisa o fato complexo, onde se encontra subentendido e englobado o menos complexo; só se atém a este

Acervo Virtual Espírita

último no caso de ser imprescindível esse proceder. Como vemos, eis o papel da intuição, aliada à razão de que inicialmente falamos: encontrar, do melhor modo possível, o MAIS. Isso não é empírico: é produto de larga experiência científica, de observação arguta e percuciente, bem característica dos integrantes da grei dos defensores do esclarecimento humano.
Em todo esse processo construtor há reparadores responsáveis pela manutenção da integridade do modelo. É precisamente a propriedade da substância una, movimentada pela faculdade organizadora da vontade. É esse ectoplasma a substancia vital, mantenedora e reparadora, no dizer de Gabriel Delanne. Chegamos, então, ao resultado: o ser humano é Espírito momentaneamente revestido de um corpo de carne, tendo como elo, entre Espírito e corpo carnal, o corpo perispiritual, que maneja - segundo a vontade (a idéia do ser-Espírito) - a substancia reparadora e mantenedora, que organiza ou desorganiza. É a ação do Espírito humano. Será isso o mediunismo? Não. Gustave Geley relembra que, se essa faculdade é inerente ao Espírito humano presente na matéria da Terra, deverá também ser próprio do Espírito humano momentaneamente liberto dessa matéria, em estado de erraticidade. O mediunismo seria, então, todo esse processo magnífico de apresentação de vida, com a movimentação dos recônditos do Espírito e a utilização do fluido vital, através do perispírito (ele é o molde, não nos esqueçamos), segundo a vontade espiritual, tudo isso, dizíamos nós, elevado a campo muito mais amplo: o - segundo suas palavras, corroborando as de Myers - dos seres em presente evolução extraterrestre. Será isso, portanto, de um lado o animismo, ainda que no efeito físico, e, de outro, a mediunidade, isto é, a franca intervenção de um ser diverso do próprio médium, atuando sobre ele na criação física ou psíquica, não importa.
Como vemos, isso significa programação de adesão e defesa dos princípios espíritas. Mas, como dissemos no início, as idéias novas constituem-se em testes avançados para quem quer que ouse esposá-las. Veio a Fisiologia clássica explicando que o sono, um dos meios de exteriorização do ser, não passa de repouso dos centros nervosos. Mas, pergunta Geley: deixando de lado à intensidade emotiva de certos sonhos alegres ou tristes, que dizer das importantes manifestações do trabalho subconsciente? Isso é o suficiente para que se entenda que o repouso dos centros nervosos não explica nem mesmo os fenômenos anímicos, psicológica ou fisicamente. O trabalho do Espírito permanece autêntico, mais livre e amplo. Não se conseguiu, portanto, destruir a hipótese espírita.
E sobre o mediunismo, Geley não mais se estendeu sobre as pesquisas incomensuráveis levadas a efeito por toda parte, e - de acordo com suas próprias palavras - de modo conclusivo e irrefutável. Recordava, principalmente, que somente as criaturas que não conhecem o tema (o mediunismo), nem teórica nem experimentalmente, continuam a negar os

Acervo Virtual Espírita

fenômenos dessa ordem; que esses fenômenos investem-se de uma objetividade facilmente demonstrável e não somente explicável pela fraude, pela ilusão ou pela alucinação; que nada têm de sobrenatural, podendo ser interpretados de modo perfeitamente racional e satisfatório.
Como vemos, fraude, ilusão e alucinação (coletiva ou não) de há muito são desculpas esfarrapadas, instrumentos anacrônicos de refutação caprichosa da verdade.
E o animismo (a exteriorização e a subconsciência) seria a explicação de todo o fenômeno mediúnico? Já por si só o animismo prova o Espiritismo: naquele estão em jogo forças espirituais, que não obedecem às secreções cerebrais ou aos humores glandulares, isto é, que não tem sua sede na matéria, embora possam por esta ser influenciadas. Além disso, só seria possível a total explicação se passássemos por cima de uma série infinita de pormenores. Em primeiro lugar, os fenômenos de exteriorização e de subconsciência - para que explicassem o mediunismo - teriam de ter impressionante desenvolvimento, não podendo estar (como dissemos) submetidos à constrição da matéria bruta; seria necessário que eles estivessem fora dela, com o que seriam Espíritos.
Mas, admitamos que assim aconteça. Vejamos o que diz Geley em O Ser Subconsciente:
Todos os fenômenos físicos podem ser explicados pela exteriorização, desde que se admita a complexa exteriorização de sensibilidade, força, matéria e inteligência, bem como de uma potente faculdade de organização e de desorganização sobre a matéria.
Ora, raciocinamos nós, isso é impossível, dadas às limitações impostas ao Espírito pela matéria. Mas, prossigamos, admitindo que assim seja. Vejamos ainda Geley:
A subconsciência pode explicar a influencia diretora dos fenômenos e de todas as manifestações intelectuais, desde que se admita uma subconsciência superior bastante complexa, muito diferente da subconsciência clássica (recairemos na hipótese espírita), ainda mais diferente da consciência normal, por suas faculdades e por seus conhecimentos com freqüência muito mais importantes e vastos, englobando completas personalidades múltiplas, ignoradas pela personalidade normal. (O parêntesis é nosso.).
Haverá os que, em desespero, dirão: E as vidas passadas?
Voltamos ao contexto espírita, mas, ainda assim, como explicar que alguém que, comprovadamente, não teve vivência no campo da Química ou da Física, consiga, em estado de transe, elaborar fórmulas inteiras, dissertando sobre elas? Ah - dirão -, pela conscientização progressiva!
Mas, diremos nós, então estaremos no caminho da evolução, da evolução do Espírito, e não da matéria, porque a consciência é Espírito!
Ouçamos Geley, mais uma vez:

Acervo Virtual Espírita

Finalmente, sob a condição de atribuir a subconsciências superiores extensas faculdades de leitura de pensamento e de clarividência (fenômenos que estão contidos na e explicados pela hipótese espírita), não logram explicar o conhecimento de tudo o que concerne aos Espíritos, cuja manifestação simula. (O parêntesis é nosso.) Relativamente à origem dos fenômenos, é necessário admitir-se um erro voluntário ou involuntário da subconsciência, uma vez que atribui aos Espíritos o que na realidade dela mesma promana.
Aí está: Geley raciocinou dentro da Ciência e contribuiu com um verdadeiro conceito científico sobre o homem, o único que o Espiritismo pode apoiar; de qualquer lado por que se ataque, topa-se com o Espírito, que vive e sobrevive, porque é imperecível, e, por ser imperecível, vive sempre. Mas, viverá sempre na contemplação beatífica, no ócio desesperador? Trabalha-se na Terra, será o espaço lugar onde não exercerá suas faculdades? E se, mesmo trabalhando na Terra, não logra deixar de ser por agora imperfeito, só se pode concluir que viverá muitas vezes, aperfeiçoando-se moral, intelectual e espiritualmente, cada vez mais, em expansões da consciência, até que, no estado de puro Espírito, compreenda o Universo e o Criador.
Para examinarmos a posição de Geley face à reencarnação, é necessário recorrermos ã preciosa obra O Ser Subconsciente.
Na segunda parte do livro, iniciada a páginas 151, da terceira edição francesa, 1911, Paris, F. Alcan, o autor propõe um esboço de filosofia idealista baseada nas novas noções. Há quem critique a apresentação do tema, achando que a posição poderia ser mais clara. Discordamos inteiramente desse parecer, que reflete a precipitação imperdoável ao homem de ciência. Quem quer que atentamente leia (e estude) a abordagem do assunto - que encerra o livro com chave de ouro -, ali encontrara subsídios infindáveis para as mais diversas lucubrações, todas elas corroboradoras dos princípios contidos na codificação kardequiana. Geley foi de tocante clareza, e o tratamento que emprestou à teoria, confessamos, conduziu-nos às lágrimas de emoção. Explicamos: não se trata de água com açúcar, nem - muito menos - que Geley tenha buscado as palavras de grande efeito, descambando para o terreno da banalidade. Muito pelo contrário - e o achará quem ler o prefalado trecho -, foram precisamente a simplicidade e a concisão as responsáveis pela comunicação emotiva que, cremos nós, todos experimentarão.
Seguindo fielmente seu método, obedecendo à progressividade do estudo, o escritor principia por estabelecer com nitidez as pontes entre o estudo anterior da Psicologia normal e anormal, de um modo geral, e a filosofia que pretende apresentar. De imediato, faz questão de lembrar que não é dogmático e que deixa ao tempo o julgamento de suas obras, mas que o dever de consciência lhe impõe a exposição e a conclusão a que chegou, após anos de minuciosas investigações. Evoca, em primeiro lugar, a presença no ser de princípios dinâmicos e psíquicos, todos independentes do funcionamento orgânico. Do

Acervo Virtual Espírita

mesmo modo, se esses princípios se separam desse organismo já durante a vida terrena, operando à revelia da matéria bruta, evidente que - na sobrevivência, que responde pela grandiosidade da própria Criação - tais princípios continuarão a existir, preexistindo também. Deixa bem claro, depois, que aceita a dupla evolução, terrestre e extraterrestre, a que se acha submetido o ser humano. Essa é, aliás, como já recordamos, a posição de Myers, em Human Personality.

Explica, a seguir, sua teoria da expansão do ser, do inconsciente ao consciente, a qual também responde à lógica criacionista, pois somente pela evolução constante, demorada e progressiva poderá o Espírito atingir o estado de felicidade. Para Geley, incontestavelmente, esse estado é certeza absoluta; e essa certeza, desde já, impõe à criatura o dever de zelar pela sua própria vida e pela dos semelhantes; pela sua própria honra e pela dos semelhantes; pelo seu próprio bem-estar e pelo do próximo; enfim, é uma verdade inegável, que impõe à humanidade inteira a noção de respeito mútuo.

Surge, então, o problema do mal de modo inusitado: por um lado, importa a sua prática em atraso na marcha evolutiva e no conseqüente alcance da felicidade a que nos referíamos. Mas, por outro lado, desanuvia-se em muito o ambiente que cerca a vida humana, pela nitidez da concepção da transitoriedade desse mal, vestido - agora - do caráter ilusório e efêmero que é a sua realidade. O mal - diz Gustave Geley - perde grande parte de sua pretensa importância na filosofia da palingenésica. Será sempre reparável, tendo seus efeitos constantemente atenuados.

Belíssima ilação de cunho eminentemente espiritista! A atenuação dos efeitos desse mal obedece aos imperativos da própria lei do bem. Quem não está recordado do conto em que um trabalhador de engenho tem um dedo decepado por complicada engrenagem e, chegando à reunião espírita que freqüentava, ouve do mentor espiritual a declaração de que sua pena havia sido aliviada, em vista da reta conduta que havia sempre mantido, dedicando-se ao bem do próximo? . . . Mas, que tivesse sempre em mente o fato de que justa era a ocorrência, vez que, em existência pretérita, colocara propositadamente o braço de subordinado nas engrenagens de outro engenho, obedecendo ao seu instinto de dominação, como desumano feitor! Além disso, quem esquece a resposta que os Espíritos dão a Allan Kardec, quando respondem a respeito da intenção de quem obra: Deus vê mais a intenção. Aí mesmo reside a relatividade do mal, relatividade essa que só poderia ser resolvida pelo absoluto, porque este a ela subtrai qualquer manobra mais hábil com vistas a eternizar-se. Por isso, justamente, que, ainda que o quisesse, o homem não estacionaria, mas caminharia sempre. No campo científico, Geley - e muitos outros, como dissemos - incumbiu-se de proclamar tal verdade, comprovando-a quantas vezes foram necessárias.

Acervo Virtual Espírita

Ora, da transitoriedade e da relatividade do mal, eminentemente superável e destrutível pela construção do bem, o Doutor chega à conclusão de que:
1. O mal é a medida da inferioridade dos mundos e dos seres.
Isso, em outras palavras, acompanha o que proclamaram os Espíritos ao Codificador, quando com ele estudaram a evolução dos Espíritos e a escala evolucionista dos mundos, assunto também magistralmente tratado na obra Os Quatro Evangelhos, de J: B. Roustaing. O mal é conseqüência da imperfeição do Espírito, sendo a medida de seu estado íntimo, como Espírito.
2. O mal é a condição que favorece a evolução.
Nada de precipitações. Para o relativo (que somos e no qual vivemos), do qual faz parte à imperfeição maior ou menor (ver item anterior), o mal é conseqüência dós atos praticados. Se o erro é o mal, a partir da falência estamos no erro, e só pela vitória sobre ele conseguiremos a libertação final. É, em outras palavras, o que Leon Denis também assegura, quando confere à dor o papel de reveladora sublime e grande libertadora. Quanto maior o erro mais amargo deverá ser o remédio; quem nega semelhante fato não aceita a lei da causa é efeito. Ora, dizemos nós, se o mal é medida da inferioridade dos mundos e, dos seres, ele o será nos seres e nos mundos onde exista imperfeição. É o que O Livro dos Espíritos afirma. Se, aduzimos nós, não existir mal no Espírito, esse Espírito estará livre das imperfeições e a lei de causa e efeito será, para ele, muito mais suave, posto que em seus arquivos nada guardará que o possa incriminar. Isso posto, deduzimos que todos os Espíritos passam pelo estado de ignorância e de inocência, mas nem todos engrossam as fileiras do mal. Quanto a isso, enviamos os leitores à pergunta de número 120, de O Livro dos Espíritos:
120. Todos os Espíritos passam pela fieira do mal para chegar ao bem?
R. Pela fieira do mal, não; pela fieira da ignorância.
Aliás, é a única forma de compreendermos a justiça divina e, só assim, não há de fato privilégio. Sim, porque o livre-arbítrio passa a ser inerente ao Espírito que deixou os reinos inferiores da Criação, tendo já penetrado o estado consciência pleno. Essa a razão por que a resposta que os Espíritos deram a Kardec vem vazada nos seguintes termos:
121. Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?
R. Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanto para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por vontade própria.
E esse o motivo por que o mal haverá sempre de ser opção, constituindo-se em escolha pura e simples que o Espírito realiza depois que se ache investido do raciocínio, precioso e perigoso dom, no dizer dos evangelistas, em Os Quatro Evangelhos.

Acervo Virtual Espírita

Eis aí o porquê da possibilidade da descida de Jesus ao nosso planeta. Sendo ele um só com o Pai, haurindo na fonte absoluta a mais perfeita integração com essa divindade una e única, só ele poderia, de acordo com sua pureza imaculada e com as leis que regem as esferas que assiste trazer o exemplo do absoluto bem e do mais incontestado amor. Jesus, não nos esqueçamos, é um eleito, como bem o diz Emmanuel, em O Consolador, resposta à pergunta de número 277: é aquele que percorreu toda a escala evolutiva em linha reta, o que se elevou para Deus em linha reta, sem as quedas que nos são comuns, sendo justo afirmar que o orbe terrestre só viu um eleito, que é Jesus Cristo.
Daí Geley dizer que o mal é a medida da interioridade dos mundos e dos seres: só haverá mal onde houver imperfeição; só existirá imperfeição nos seres falidos.
Mais adiante, fala ele de um determinismo atuante em todo campo superior, onde cessa o livre-arbítrio, o que - prima faties - poderá parecer estranho. Observemos, contudo, que todos os seres alcançam à perfeição, o estado de puros Espíritos. Ora, se todos o alcançam ele será um fim comum a qualquer um. É o determinismo cio bem, a partir do momento em que o Espírito se decide pelo reto proceder, em que compreende integralmente o destino do Universo.
Ele luta por integrar-se nessa realidade: se raciocina, parte rumo ao entendimento, e s6 ao entendimento. Logo - prova-o suficientemente o douto cientista -, existe um fim único, fatal por assim dizer, coroado da mais pura lógica, objetivo do Espírito humano, condição para que a essência espiritual caminhe sob a tutela dos Espíritos prepostos, enfim, razão por que brilha o sol e por que desabrocham as flores e chilreiam os passarinhos.
Palingenésica!... Que importam as palavras se tão imenso é o trabalho a realizar, se tão vastos os horizontes descortinados e se tão avassaladora é ainda a estupidez humana?!... Quem haverá de entender o espírito que fala das coisas do Alto, que mostra a verdadeira grandiosidade da ciência legítima, da ciência que deixa a pomposa cátedra universitária e desce ao nível da ignorância - em subida concessão -, por serem justamente os que estão no alto que podem descer ao nível das misérias humanas, sem contaminar-se irremediavelmente? O Dr. Geley entendeu a humanidade porque não compactuou com as estranhezas em que ela vegeta, e porque a compreendeu acima de tudo como indigente de pão de sabedoria e como mendiga da nobreza que caracteriza os espíritos sábios!
Para isso, basta recorramos à sua síntese de conseqüências morais e sociais da filosofia da palingenesia; basta que isso se faça para que percebamos quem foi Gustave Geley. Diz ele, em arroubo de bondade:
Essas conseqüências se resumem em algumas prescrições: trabalhar, amar cada um ao próximo, auxiliar-se mutuamente. Rejeitar todos os sentimentos

Acervo Virtual Espírita

baixos e inferiores, tais como o egoísmo, o ciúme e sobretudo o ódio e o espírito de vingança.
Evitar tudo o que a outrem possa prejudicar. Não desprezar ninguém; não ver nos imbecis, nos iníquos e nos criminosos senão seres inferiores, toda vez que não sejam doentes; ser, por conseguinte, profundamente indulgente para com as faltas de outrem, e - na medida do possível - abster-se de julgá-los; enfim, estender nossa piedade e nossa ajuda até aos animais, aos quais - no máximo possível - evitaremos o sofrimento e aos quais apenas em caso extremo daremos à morte. Os homens, quando compreenderem a infinita evolução, saberão conciliar os princípios da liberdade individual e da solidariedade social. Compreenderão que têm o direito ao livre desenvolvimento, mas que são rigorosamente solidários - nesse seu livre desenvolvimento - não só de seus semelhantes, mas de tudo o que pensa, de tudo o que vive, de tudo o que existe. As quimeras de hoje serão as esplêndidas realidades de amanhã.
Aí, nesse pequenino trecho, está resumida toda a idéia de Geley a respeito da vida, do homem e da harmonia universal. O estudioso da Doutrina dos Espíritos não pode deixar de enxergar nesse manifesto pacifista o libelo contra as erupções de violência que povoam o mundo, espargindo sobre ele as nuvens venenosas da desconfiança e do ódio. A mensagem contida nas expressões edificantes dizem do ponto de vista do Doutor face às necessidades que povoam o íntimo da criatura, correspondendo às reais imperiosidades do espírito torturado pela inconseqüência do mal. Geley foi apóstolo do bem na ciência rude que o homem criou. Ele respondeu ao ceticismo do pegador gratuito com a imagem do equilíbrio que a moralidade elaborou e guardou no coração de cada um.
Estamos diante de um missionário, de um homem que apreciava mais as idéias, a elas submetendo os fatos. A idéia palingenésica é de soberana beleza e de radiante verdade. Contra ela nada podem os fatos miseráveis. Era ele um idealista puro, um intransigente defensor do homem. Não era místico, sempre dando preferência às idéias precisas e insofismáveis, mas sempre cuidando de procurar, em toda nova noção que surgisse, a marca da possibilidade, ainda que remota. Pode dizer-se, recordando a beleza da tese do Dr. Aléxis Gamei, a respeito da oração, que Geley era adepto de Descartes, muito embora jamais houvesse conseguido esquecer Pascal. A fé que possuía era absoluta, constantemente a serviço do raciocínio rápido como flecha (expressão de René Sudre) e preciso a toda prova.
Enquanto, de um lado, aceita plenamente o monismo e concebe a evolução como o passo de um dínamo-psiquismo potencial e inconsciente para um dínamo-psiquismo realizado e consciente, procura, por outro lado, humanizar a teoria pura e simples, apresentando seus resultados, com toda a beleza e grandiosidade que a causa guarda. Geley é um demolidor de estruturas vazias

Acervo Virtual Espírita

e obnóxias, mas um demolidor que, imediatamente, comparece ao campo da luta com o plano e com a proposta de paz e de reconstrução.
Extremamente preocupado com os transcendentes fatos da Psicologia normal e anormal, logrou obter pleno e justificado êxito em suas pesquisas, propondo novas concepções científicas da vida em sua ampla significação, tendo asseverado que sob a claridade dessas noções tão simples (a palingenesia, a sobrevivência, a comunicação dos Espíritos, etc.) desaparecem todas as obscuridades da Psicologia normal e anormal. Considerava a sua teoria idealista como dotada de uma originalidade: a noção que expunha era cientifica e racional. Procurava entender sempre as necessidades da razão sob o prisma das imperiosidades do coração, porque considerava sempre (ainda que intuitivamente) que o homem era principalmente Espírito eterno. Essa a razão velada por que sua principal motivação dentro dos estudos que estendeu foi sempre a EVOLUÇÃO. O raciocínio do cientista, insistentemente levando em consideração os apelos do sentimento puro (não confundamos com sentimentalismo), não poderia desprezar o móvel da bondade e o desejo de bem e de paz que dimana das elucubrações do indivíduo bem intencionado. Não podia conceber explicações puramente físicas para problemas que sabia pertencerem à estreita faixa da moral e da espiritualidade. Era um nacionalista-intuitivo, bom senso autentico e servidor fiel da seara científico-moral.
O que se observa nessa pequena análise da época, da vida e da obra do Dr. Gustavo Geley constitui a necessária resposta àqueles que se escuda por detrás de brasões de augusta sabedoria, repetindo jargões anacrônicos, adotando atitudes de superioridade só por não compreenderem o sentido imensurável do que os cerca. Esses estão ainda perdidos na própria pequenez, nadando na massa de água revolta do próprio espírito. São os pegadores de Deus, os que pretendem encontrar no vazio do próprio ser as respostas que transcendem os conceitos mesquinhos que a ortodoxia negativista proclama. Outros, quiçá mais infelizes, postos em contacto com a realidade, passam a desempenhar o papel de cegos voluntários e voluntariosos, dizendo, quase em desespero: Vejo, mas não posso crer! Esses, por sua vez, perdem-se no ritualismo inútil e nas fórmulas ditas sacramentais, passam a ditar normas de salvação ou de desgraça irremissível, quando não adotam a ciência distorcida, ciência que responda às próprias distorções íntimas. Oremos por eles todos, indiscriminadamente, e oremos também por nós, para que não venhamos a cair sob os golpes da ignorância, deixando naufragar o imenso navio cheio, não de ilusões, mas navegando no mar ilusionista da Terra, carregando a preciosa valise onde residem as esperanças humanas: concórdia e progresso.
Os que refutam Allan Kardec não percebem que renegam toda a base do bem-estar espiritual do homem; os que combatem os seguidores de Kardec, esses

Acervo Virtual Espírita

também não tomam conhecimento de que destroem a própria segurança, embasada na certeza do progresso incessante.
O estudo da obra de Geley conduz-nos à certeza de que o Espiritismo tem a verdade e de que essa verdade precisa encontrar campo dentro de cada espírita, para que venha. À luz, alcançando os covis enegrecidos do mundo.
Estudemos a obra de Geley com o espírito livre dos preconceitos e da má-vontade e, talvez espantados, como aconteceu a René Sudre, venhamos a concluir: Não é que ele é espírita?!
Apenas para arrematar: cremos que o próprio René Sudré, homem inteligentíssimo e cultíssimo, mas de espírito prevenido em relação aos estudos espíritas, talvez já tenha encontrado a oportunidade almejada para dar o seu testemunho em favor da verdade da sobrevivência da alma, na reencarnação de trabalho ininterrupto, onde alcançará o equilíbrio que perdeu na negativa odiosa da verdade.
Quando, aos 14 de julho de 1924, tombava no desastre aviatório o corpo físico de Geley, junto desse mesmo corpo erguia-se vitorioso o Espírito imortal, que deu provas de entendimento ao mundo inteiro, não se envergonhando de pugnar pela verdade que foi o móvel da própria vida que viveu na Terra. Esse mesmo Espírito, das felizes regiões que habita, permanece derramando sobre os estudiosos do mundo as intuições edificantes, auxiliando, assim, na difusão da ciência cristã, da qual foi um inesquecível apóstolo. Enquanto no século XVIII a Bastilha tombava irremissivelmente, no século XIX e no inicio do século XX tombava a fortaleza do obscurantismo imediatista sob o sol da paz que o missionário cria. Aos 14 de julho, repetimos, tombava a Bastilha da carne, entoando o cântico de libertação: e o apóstolo da ciência, vindo em carne ao chão, alçava vôo, em Espírito, evoluindo, evoluindo, qual fora sua preocupação eterna!

GILBERTO CAMPISTA GUARINO

Rio de Janeiro 05 de outubro de 1974.

INTRODUÇÃO

DO METODO E DA EVOLUÇAO DA FILOSOFIA CIENTIFICA

A filosofia do futuro será, com toda a certeza, uma filosofia científica, baseada sobre conhecimentos positivos e guiada, em suas deduções e em suas hipóteses, pelo espírito científico neste ponto que encontramos uma verdade sem dúvida banal, mas cuja proclamação em altas vozes se nos impõe como decorrência dos ataques audaciosos de certa escola.

Acervo Virtual Espírita

Com muita propriedade, o Sr. Berthelot exprimiu o que devia ser essa filosofia, que ele chama de ciência ideal:
Aquém, como acém da cadeia científica, o espírito humano incessantemente concebe novas ligações; no terreno do que é por ele ignorado, vê-se conduzido a construir e a imaginar, graças a uma força invencível, até que haja remontado às causas primeiras. . .
Essas realidades ocultas, essas causas primeiras são vinculadas aos fatos científicos, de modo fatal, e o espírito humano - que assim procede - reunindo o todo, forma um conjunto, m sistema que abraça a universalidade das coisas materiais e morais...
A fim de construir a ciência ideal, existe apenas um meio: o da aplicação de todas as ordens de fatos que possamos alcançar á solução dos problemas que essa ciência nos proponha....
Nesse comenos, cada ciência contribuirá com os mais generalizados resultados...
Devemos confessar que a verdade não poderia ser atingida pela ciência ideal com a mesma facilidade e certeza com que o seria pela ciência positiva...
Com feito, aquela não se acha inteiramente formada, como a ciência positiva, por uma trama contínua de fatos encadeados com o auxílio de relações certas e demonstráveis. As ações gerais às quais chega cada ciência em particular são disjuntas e separadas umas das outras, não só dentro de uma mesma ciência como de uma para outra. Pára reuni-las e com elas formar um tecido contínuo, será mister recorrer aos tenteios e à imaginação, bem como preencher os vazios e prolongar as linhas...
Desse modo, enquanto a ciência positiva é para sempre e definitivamente constituída, a ciência ideal varia e variará sempre, incessantemente.
A filosofia, portanto, não se há de separar do método científico, ainda quando vá além dos fatos. Avançará sempre, com muita prudência, do conhecido ao desconhecido, não admitindo senão as deduções perfeitamente lógicas e racionais; no terreno das hipóteses, não criará senão as que sejam rigorosamente necessárias, e apenas lhes conferirá caráter provisório. Não hesitará em sacrificar as hipóteses tornadas insuficientes ou reconhecidos em contradição com um só fato que esteja bem estabelecido.
Sendo a ciência indefinidamente progressiva, a filosofia científica assimilar-lhe-á esse característico, sendo, conseguintemente, variável.
Igualmente, verificamos que, decorrido menos de meio século, o caráter geral da filosofia científica sofreu transformações radicais; e isso é facilmente observável pelo prodigioso vôo de emancipação das ciências modernas.
O monismo naturalista surgiu a partir do momento em que o materialismo puro ingressou em estágio de maior avanço.
O próprio monismo encontra-se na iminência de sofrer uma evolução capital, graças ao recente desenvolvimento da psicologia, devendo, então, desaguar

Acervo Virtual Espírita

numa interpretação racional do universo e da vida; satisfação plena, tanto do ponto de vista idealista quanto do moral.
O materialismo puro aparecia como se houvesse encontrado sólida base científica, cujas raízes estariam enterradas nas grandes descobertas das ciências naturais e na teoria transformista.
Tudo parecia ter explicação natural na evolução progressiva da matéria, conjugando, por uma transição insensível, as formas inferiores da vida e da inteligência às formas superiores.
Uma vez que já se achava exaustivamente provado que existia uma estreita correlação entre a extensão da consciência e o desenvolvimento dos centros nervosos, do mesmo modo que consciência parecia subordinada ao bom estado e ao bom funcionamento do sistema nervoso, nada mais havia a esperar da sobreviria da inteligência depois da destruição do organismo.
Mas, a doutrina materialista não se devia manter por longo tempo na sua integralidade.
Inicialmente, a concepção de evolução, tal como a admitia a ciência natural, chocava-se com grandes dificuldades filosóficas.
Com efeito, o conhecimento das condições evolutivas essenciais (influência rio meio, seleção natural, etc...) não pode excluir a idéia de causa primeira ou de causa final.
Volumes e volumes foram escritos com vistas a essa demonstração.
Eis o mais comprobatório e cientificamente deduzido argumento em torno do assunto: em nenhum caso, o mais pode proceder do menos se o menos não contiver potencialmente todas as possibilidades do mais.
Admitir o contrário é, de fato, ilógico e anticientífico.
O carvalho está contido na glande, uma vez que a glande contém em gérmen o carvalho futuro; mas, o carvalho não poderá ser derivado de uma semente vegetal inferior, ainda que a derivação seja extremamente lenta, a menos que nela ele já esteja contido em essência. As condições de evolução verificadas não são, portanto, a causa suficiente.
As transformações progressivas só podem ser concebidas como possíveis na hipótese de se supor estarem potencialmente contidas no elemento original mais simples, qualquer que seja ele, colocado na base da evolução.
O raciocínio é rigoroso e parece cientificamente irrefutável.
Conseguintemente, bom ou mal grado, é-se conduzido à pesquisa dessa causa primeira, que se esperava evitar.
Outra dificuldade: a matéria, tomada como base da evolução, não mais ofereceria o sólido ponto de apoio que se acreditava nela encontrar.
Suas qualidades as mais essenciais - expansão, impenetrabilidade - apareciam como efetivamente ilusórias, sempre que submetidas à análise. De solidez, os sólidos somente apresentavam a aparência, e essa aparência era essencialmente relativa aos nossos sentidos.

Acervo Virtual Espírita

Com Ampère, Faraday, Tyndall, etc..., não mais se poderia enxergar num corpo tido como sólido nada além de um agregado de milhares de átomos móveis, gravitando uns em volta dos outros, não se tocando em parte alguma e separados por distâncias relativamente consideráveis.
O átomo, ele próprio, já agora aparecia domo uma necessidade de lógica, uma cômoda ficção sem realidade verdadeira.
O atomismo transformava-se em dinamismo: o átomo não era mais do que um turbilhão (Helmotz), um centro de forças; e forças, por sua vez, levavam logicamente ao movimento.
As descobertas recentes da radioatividade da matéria dão forte apoio de concepções dinâmicas, mostrando-nos - na agregação de elementos que constituem o átomo químico - reservas de energias formidáveis, antes inimagináveis.
O materialismo, portanto, não apresenta a mais que o espiritualismo nem valor nem importância científica.
O materialista, Guyau assevera, admiravelmente, crê praticar ciência positiva; ele mesmo, no entanto, assim como o idealista, realiza poesia metapsíquica; acontece apenas que seus poemas, com suas construções imaginativas, são escritos em língua de átomos e de movimentos, ao invés de o serem em língua de idéias... Esses dos nossos sábios que de tal modo especulam a respeito da natureza das coisas são Lucrecia que se ignoram:
Em realidade, o único sistema de filosofia científica atual é o monismo, com sua grandiosa concepção de um princípio único, ao mesmo tempo inteligência, força e matéria, englobando tudo o que existe e tudo o que é possível, causa primeira e causa final, cujas diferenciações são meras formas diversas de movimentos.
Essas doutrinas acham-se de acordo com todas as verificações científicas, apoiando-se não somente nas ciências naturais, como em tudo o que nos ensina a física, a mecânica e a química, na tangente da imortalidade da matéria e da força; lançando base, do mesmo modo, nas suas transformações e na sua unidade provável.
As conseqüências do monismo são das mais importantes.
Inicialmente, trata-se da rejeição definitiva da concepção de uma divindade exterior ao Universo, mas não da divindade.
Essa é, com efeito, uma hipótese inútil, conforme ao velho e irrefutável argumento panteísta que nos mostra a causa primária já par si só sem causa, pomo totalmente incompreensível para nós, tanto fora do universo, quanto nele mesmo; de maneira que, colocar essa causa primária fora desse contexto é simplesmente aumentar a dificuldade, sem a resolver.
No mais, ainda do ponto de vista moral, estamos em face de uma hipótese verdadeiramente pouco racional, como bem o demonstrou Guyau. A despeito

Acervo Virtual Espírita

das sutilezas teológicas e dos paradoxos do otimismo, o Deus Todo-poderoso seria responsável por todo o mal verificado no universo.
Pareceria mais lógico atribuir o mal à natureza cega:
"Se há malvados, verdugos mais não há, E inocentemente a natureza mata. Eu vos absolvo sol, espaço, céu profundo, Estrelas que deslizais, palpitando na nuvem, Grandes seres sem fala que não sabem o que fazem"
(Guyau, Versos de um filósofo).
Serão as condições do monismo naturalista mais satisfatória do que aquelas do materialismo puro?
Sem dúvida; isso do ponto de vista metafísico, uma vez que sua essência panteísta suprime as dificuldades desse sistema. Não, do ponto de vista moral. Em vão Haeckel pretende colocar no monismo - tal como o concebe - uma espécie de ideal religioso. Falta-lhe, no entanto, tudo o que em essência caracteriza as religiões; uma explicação do Universo, não somente do ponto de vista físico, mas também moral; uma esperança e uma consolação. Faz-nos em vão entrever como explicação do mal o aprimoramento da espécie e a felicidade futura.
A perspectiva do aperfeiçoamento da espécie, não rigorosamente carreta, aliás, não passam de relativa compensação ao sacrifício da individualidade, aos incompensados sofrimentos dos seres viventes. As esperanças de justiça e de felicidade pessoal tomam cores desmaiadas e, desde já, o pessimismo aparece como conseqüência inevitável dessa interpretação científica do Universo.
Nenhuma das objeções feitas ao pessimismo pode manter-se de pé diante da simples e antiqüíssima verificação da predominância das dores sobre os prazeres, na vida terrestre.
Essa predominância é ai de mim, inegável!
Evidenciam-se, primeiramente, para todos os homens um pouco elevados. Seus prazeres, exceções feitas, não são completos; ressentem-se eles da limitação de suas forças e de suas faculdades, da impossibilidade de realizar suas esperanças, bem como da de atingir plenamente seus ideais.
Por outro lado, sua sensibilidade muito desenvolvida multiplica-lhes as ocasiões dolorosas, e a própria dor e o instinto e a consciência da universal solidariedade - obrigam-nos ou a se ressentirem de todas as misérias, injustiças e sofrimentos, próximos ou afastados.
Para os medíocres, que constituem a massa da humanidade, as conclusões pessimistas são menos evidentes. A existência terrestre com freqüência parece oferecer-lhes um grau satisfatório de felicidade, uma vez que suas faculdades físicas e psíquicos, sua elevação moral e sua sensibilidade são adequadas às condições vitais ambientes.
Indubitavelmente, essas criaturas não são passíveis de experimentar dessas grandiosas sensações de emotividade sublimada, que elevam o ser esclarecido a um plano superior ao das realidades banais; vêem-se eles abraçados por uma

Acervo Virtual Espírita

multidão de pequeninas satisfações, infinitamente mais freqüentes e, para eles, plenamente satisfatórias.
Se não evitam o mal, permanecem de um modo geral, inacessíveis ou pouco sensíveis a numerosos motivos de sofrimentos que, incessantemente, afetam os mais bem dotados seres.
Apesar de tudo, parece, de fato, que, mesmo em relação aos homens medíocres, a soma de sofrimentos equilibra-se com a dos prazeres.
Prova acessória, mas nem por isso pouco interessante, de que a vida terrena confere poucas satisfações reais, está na utilização perpétua e no abuso freqüente que, em todos os tempos e lugares, a humanidade fez dos narcóticos. Estes são variáveis, mas, na essência, serão sempre: álcool, erva-santa, haxixe, ópio, éter, etc., etc., isso pouco importa; parece que o homem, na obtenção de algumas ilusões, ou, simplesmente, de repouso e esquecimento, não pode dispensar um ou outro deles.
Além disso, ao lado desses narcóticos orgânicos, quantos narcóticos morais, de ainda maior potência: quimeras religiosas e superstições, devaneios místicos, crenças maravilhosas, etc., etc.
De qualquer modo, não se trata - tanto quanto os narcóticos - de ilusões reconfortadoras, às quais o mais infeliz dos homens luta por não renunciar, e que o fazem amar a vida, menos pelo que lhe confere do que por aquilo que a leva a esperar?
A existência individual toma os ares de um mal se, privada de suas ilusões, ela assim se desenrola, do nascimento á morte.
Essa não é, felizmente, a conclusão definitiva da filosofia científica. Novos conhecimentos no domínio da psicologia teórica e experimental talvez permitam uma conclusão inteiramente diferente.
O monismo não é inconciliável com as esperanças da imortalidade individual. A partir do momento em que a inteligência não mais é considerada como uma secreção da matéria, e sim como um modo de movimento do princípio único, não mais há lógica na afirmação do aniquilamento da inteligência pela morte do organismo. Freqüentemente opõem ao nosso monismo, diz Haeckel, o fato de que ele recusa de modo peremptório a existência da imortalidade. No entanto, não há verdade nisso... O universo, em seu conjunto, é imortal. O perecimento no seio do universo da menor parcela de matéria ou de força é tão pouco provável quanto à morte dos átomos do nosso cérebro das forças do nosso espírito.
E, prossegue o precitado autor, proclamando que o que desaparece pela morte é simplesmente a consciência, a memória individual. A força-inteligência do ser desagrega-se e transforma-se, como, em si mesma, se desagrega e se transforma a matéria orgânica.
Mas, estamos em face de mera afirmação, nada provando a impossibilidade de demonstração em sentido contrário. Guyau previa a iminente evolução da

Acervo Virtual Espírita

filosofia científica num sentido idealista: O século XIX o diz, aportará a descobertas ainda mal formuladas - e igualmente importantes -, talvez, no mundo moral; tão importantes quanto às de Newton ou de Laplace, no mundo sideral.
Na sua Irreligião do futuro, em importante capítulo, o mencionado autor estuda a possibilidade da imortalidade no naturalismo monista. A imortalidade, segundo ele, poderia transformar-se em aquisição final da evolução.
Poderia ser também, o resultado de uma espécie de penetração recíproca das consciências superiores, que encontrariam seguimento umas nas outras. E o que há de melhor na consciência individual poderia permanecer na consciência de um ser animado, mantendo-se-lhe unida após a morte.
Aí estão concepções invulgarmente belas, embora excessivamente vagas e imprecisas, se tomadas, no dizer de Guyau, como elementos de satisfação de nossas esperanças de imortalidade.
Seja-nos permitido tomar a fio um estudo metódico sobre algumas das descobertas previstas por esse grande pensador, descobertas essas recentes e ainda obumbradas, as quais, porém, a filosofia não mais tem o direito de desdenhar.
Talvez, no decorrer do tempo, venhamos a hesitar na proclamação da quimera da concepção da imortalidade no naturalismo monista.

PRIMEIRA PARTE

ESTUDO DOS FATOS OBSCUROS DE PSICOLOGIA NORMAL E ANORMAL

ENSAIO DE SÍNTESE EXPLICATIVA

CAPITULO PRIMEIRO

FATOS OBSCUROS DE PSICOLOGIA NORMAL

Sumário: A função cerebral e os fenômenos conscienciais. - A psicologia pode ser inteiramente reduzida ao funcionamento dos centros nervosos? - Exame dos fatos ainda obscuros de psicologia normal. - A impotência da anatomia e da fisiologia para dar interpretação completa ao problema. - Os fenômenos psíquicos inconscientes e o automatismo psicológico. - A inspiração genial. - Hipótese de uma subconsciência superior distinta da subconsciência automática. - O sono. - Explicação fisiológica do sono. - Inexistência de explicação psicológica racional do sono. - Verificação de dois

Acervo Virtual Espírita

fenômenos aparentemente contraditórios no sono: diminuição de atividade funcional e persistência ou aumento de certos modos de atividade psíquica.

I. É POSSIVEL REDUZIR. TODA A PSICOLOGIA AO FUNCIONAMENTO DOS CENTROS NERVOSOS?

Essa questão, que foi objeto de tantas controvérsias teóricas, parecia cientificamente resolvida de modo afirmativo, antes das pesquisas experimentais modernas.
Os argumentos levantados em favor de uma solução contrária consistiam especialmente em objeções de ordem idealista e moral.
Verificações positivas: estreita correlação entre o desenvolvimento dos centros nervosos e o alcance da consciência; entre a atividade e a regularidade das manifestações intelectuais e a atividade e regularidade do funcionamento cerebral.
Tão pronunciada se mostra à dependência da psicologia em relação à fisiologia que o mínimo problema patológico, traumático, tóxico, etc., desde que atingindo direta ou indiretamente os centros nervosos, é suficiente para sobre excitar, amortecer ou desnaturar as manifestações da alma.
Diante dessas verificações, nada teríamos a opor, senão uma objeção de caráter dubitativo: a correlação psicofisiológica talvez dependesse, conforme se dizia não da subordinação absoluta, mas da associação de um princípio psíquico ao organismo, princípio esse independente em sua origem e em seus fins.
Como se tratava de hipótese facultativa e de nenhum modo. Indispensável, pareceria conforme ao espírito científico a sua simples e pura rejeição.
No entanto, isso não significa que não tenhamos passado por sérias dificuldades na interpretação fisiológica, de um grande número de fatos psíquicos, como, por exemplo: a preservação da personalidade não obstante a contínua renovação das moléculas cerebrais as consideráveis desigualdades intelectuais entre indivíduos de origens vizinhas; a congérie de certas faculdades inatas; as discrepâncias entre a hereditariedade física e a psíquica; o sono, etc.
De qualquer modo, essas dificuldades, de importância diversa e diversamente apreciadas, não podiam abalar seriamente a hipótese fisiológica: a alma é função do cérebro.
Com os recentes progressos da psicologia (tanto no domínio teórico quanto no experimental), as dificuldades de interpretação fisiológica multiplicaram-se a tal ponto que passaram a legitimar e a. impor a dúvida.
Atualmente, pode e deve perguntar-se não se a antiga hipótese fisiológica é falsa, mas se ela é suficiente. E, evidentemente, não seria o caso de negar-se a

Acervo Virtual Espírita

importância do funcionamento cerebral, mas de estar-se obrigado a pesquisar minuciosamente se não há algo mais, além do funcionamento cerebral.
Num estudo dessa natureza, é essencial deixar de lado toda a idéia preconcebida, bem como rejeitar qualquer tentativa de solução a priori, e seguir pari passo o método científico.
Desse modo, podemos garantir se não conseguirmos atingir o propósito, ao menos lograremos desentulhar a via que para ele nos encaminha; e, qualquer que seja o resultado imediato, teremos realizado obra útil.
Neste trabalho, proponho-me a analisar sucessivamente todas os fenômenos psíquicos, quer os de observação recente, quer os de antanho, que apresentem sérias dificuldades de interpretação fisiológica., bem como a procurar sua explicação racional.
Entre as hipóteses explicativas que encontrar, esforçar-me-ei por conservar apenas as que preencham as condições impostas pelo método científico: indispensabilidade, dedução lógica e suficiente comprobabilidade, bem como o não estarem essas hipóteses em contradição com nenhuma verificação positiva.
Finalmente, tentarei retirar dos fatos e das hipóteses todas as deduções racionais.
Segundo esse programa, tratar-se-á, antes de tudo, de procurai uma teoria capaz de, se possível, abarcai e interpretai todos os fatos ainda obscuros, tanto na psicologia normal quanto na anormal.
Entre esses fatos obscuros, uns são conhecidos e admitidos por todos os psicólogos; outras, ditos supranormais, apenas são negados, sem qualquer reserva, por aqueles que voluntariamente os ignoram.
Meu propósito é não de provar, mas de interpretar; por isso, de modo algum procurarei estabelecer a autenticidade dos fenômenos supranormais, endereçando o leitor a quem a questão interesse às numerosas obras escritas com essa intenção.

II

As principais dificuldades de interpretação fisiológica no campo da psicologia normal advêm das seguintes verifcações:
1 - As consideráveis desigualdades intelectuais e morais existentes entre indivíduos assaz aproximados pelas condições de nascimento e de vida; seu desenvolvimento psíquico, bem como a extensão e diversidade das faculdades que apresentam não se acham em aparente ligação com as desigualdades cerebrais constantes e proporcionais.
2 - A diferença entre a hereditariedade ou o atavismo psíquico e a hereditariedade ou o atavismo físico comum observai-se a parecença orgânica

Acervo Virtual Espírita

da criança com seus pais e a dessemelhança quase total do ponto de vista da inteligência e dos sentimentos.
Dois irmãos, nascidos e crescidos em idênticas condições, podem parecer-se fisicamente, enquanto nada possuem em comum no campo moral.
Os homens de talento e de gênio provêm, com freqüência, de meios inferiores, gerando - com igual constância - crianças pronunciadamente medíocres.
De tudo isso, pode concluir-se que a parecença psíquica, uma vez existente, é antes produto da educação e do meio do que da hereditariedade.
Encontramo-nos, portanto, em presença de uma primeira ordem de desconcertantes comprovações. Em razão disso, é geralmente proposta a seguinte explicação: as dificuldades de interpretação fisiológica seriam resultados da rudimentariedade e insuficiência dos atuais meios de investigação, face à extrema delicadeza do órgão cerebral.
As diferenças psíquicas seriam produzidas por inapreciáveis diversidades anatômicas.
Enfim, essas diversidades anatômicas poderiam por si sós, produzir, independentemente da hereditariedade, uma multidão de causas que permaneceriam desapreciadas, assim como certas influências patológicas, traumáticas, tóxicas, reflexas, etc., durante a vida intra-uterina, ou, de igual modo, dadas condições de geração ainda obscuras.
Essa explicação não é bastante satisfatória, posto que se embale sobre uma necessária presunção de ignorância; por outro lado, não pode ser tida como irracional poder, portanto, aceitá-la provisoriamente, sempre com a possibilidade de adotar outros raciocínios que a destruam.
3 - Dificuldade de outra ordem está na interpretação fisiológica da permanência da personalidade, não obstante as contínuas variações moleculares do organismo.
Esse ponto deu ensanchas a intermináveis controvérsias relativas à necessidade de um princípio fixo, servindo de substrato à matéria orgânica incessantemente renovada. Essa necessidade é negada por uns e aceita por outros.
Julgo inútil enveredar por semelhante discussão. Contento-me em assinalar a real importância dessa dificuldade, a que os fisiologistas se esquivam de bom grado e em relação à qual simulam atitudes de descaso, à falta de satisfatória explicação.
Mais adiante, retornaremos ao assunto.
4 - Os fenômenos psíquicos inconscientes, ou, pelo menos, os que escapam em maior parte à vontade consciente, constituem outro enigma fisiológico, estando grupados sob a etiqueta de automatismo psicológico. Conhecidos desde os mais recuados tempos, foram em muito maior número registradas, com características mais complexas e importantes do que as vislumbradas antes dos recentes progressos da psicologia e da neuropatologia.

Acervo Virtual Espírita

Entre aqueles há mais tempo conhecidos, podem citar-se os sonhos.
A conservação de um aglomerado de lembranças, à nossa revelia, e aparentemente esquecidas, mas podendo reaparecer sob a influência de uma emoção violenta, de um perigo ameaçador, etc., é um desses fatos.
Do mesmo modo, a atividade psíquica latente traduzindo-se:
a) por emoções sem causa apreciável, determinações inesperadas, bruscas modificações, em aparência, no caráter e nas idéias;
b) por resultados conscientes de operações intelectuais inconscientes, assim como a inesperada solução de uma pesquisa, abandonada depois de vãos esforços, etc.
As pesquisas modernas estenderam consideravelmente o domínio atribuído à psicologia inconsciente.
Como veremos, lá incluíram não somente toda a psicologia anormal, mas também uma porção cada vez mais importante da psicologia normal. A atividade intelectual latente desempenharia um papel de grande monta nas manifestações das nossas faculdades, bem como - de um modo geral - em todas as operações conscienciais. Hartmann, é sabido, atribui uma, parte preponderante das elevadas manifestações da alma ao inconsciente, considerando, prazerosamente, o gênio como sua emanação direta.
Todos os recentes trabalhos sobre o gênio acham-se de acordo em demonstrar o bom fundamento dessa opinião.
Contentar-me-ei em citar um dos mais completos, a investigação global do Dr. Chabaneix, intitulada O Subconsciente nos artistas, nos sábios e nos escritores. Terei satisfação, de igual modo, em apresentar uma rápida análise dos documentos reunidos nesse trabalho. A influência subconsciente pode - com notável força e amiudada preponderância - manifestar-se nas produções científicas, artísticas ou literárias.
Ela pode ser observada:
Seja durante o sono ou no despertar; em pleno estado de vigília;
Numa espécie de estado intermediário entre a vigília e o sono.
Eis alguns dos exemplos dados pelo Dr. Chabaneix: EXEMPLOS DE ATIVIDADE SUBCONSCIENTE DURANTE O S0N0 OU NO DESPERTAR - São múltiplos. Podem citar-se, a partir de suas próprias observações, como tendo notado e utilizado o trabalho psíquico durante o sono: Conüarcet, Franklin, Michelet, Condillac, Arago.
Voltaire narra um sonho que teve com um canto completo da Henriade, de modo diverso do que ele o havia escrito.
La Fontaine compôs em sonho a fábula dos Dois Pombos.
Cardan diz ter composto uma de suas obras durante o sono, integralmente.
Maignan por esse meio teria encontrado teoremas importantes.
Freqüentemente, surgiram idéias científicas em meus sonhos, conta Burdach, as quais me pareciam a tal ponto importantes que chegavam a acordar-me. Em

Acervo Virtual Espírita

grande número de casos, elas como que rolavam sobre objetos com os quais me ocupava na época, muito embora permanecessem, quanto ao conteúdo, inteiramente estranhas.
O caso de Coleridge, como se segue, é bastante nítido
Coleridge adormeceu enquanto lia e, à sua revelia, sentiu que havia composto alguma coisa, talvez duzentos ou trezentos versos, que apenas deveriam ser escritos. Cinqüenta e quatro foram grafadas sem esforço e com a máxima rapidez passível à pena no entanto, tendo sido interrompido por alguém que aguardava há uma hora a realização de um negócio, Coleridge percebeu, surpreso e mortificado, que, muito embora ainda retivesse uma vaga recordação de sua visão, todos os versos haviam desaparecido, a exceção de oito ou dez, que se mantiveram esparsas.
O Senhor de Rosny declara que tem por hábito colocar ao lado de seu leito lápis e papel, ressaltando que, aos sobressaltas, acorda durante a noite para tomar notas importantes.
Em alguns casos, a influência subconsciente no sono traduz-se por sonhos alucinatórios; foi o que ocorreu no conhecidíssimo caso de Tartini, que sonhou como diabo executando em seu violino uma sonata maravilhosa, no meio do que despertou e escreveu a peça, de memória.
EXEMPLOS DE ATIVIDADE SUBCONSCIENTE, SEJA NO ESTADO DE VIGÍLIA, SEJAM NUM ESTADO INTERMEDIÁRIO ENTRE A VIGÍLIA E O SONO - O que costumamos designar por inspiração produz-se amiúde num estado de obnubilação da realidade consciente, de modo mais ou menos completo.
Diderot a todo o momento esquecia as horas, os dias e os meses, chegando ao ponto de assim ficai em relação às pessoas com as quais mal começara a conversar.
Diz Théaphile Gauthier, falando de Balzac: Sua atitude era a de um extático, de um sonâmbulo que dorme com os olhos abertos; não escutava o que se lhe dizia, perdida que se achava num devaneio profundo.
Hegel, em Iena, terminou tranqüilamente a Frenologia do Espírito, aos 4 de outubro de 1806, sem se aperceber sequer de que a batalha estrondeava em sua volta.
Beethoven, estando em Neudstadt, completamente absorto na inspiração, saiu semi vestido, tendo sido preso como vagabundo; ninguém admitiu que fosse ele Beethoven, não obstante seus gritas.
Schopenhauer diz de si próprio: Meus postulados filosóficos produziram-se em minha casa, sem minha intervenção, em momentos nos quais minha vontade estava como que adormecida e meu espírito sem uma direção anteriormente prevista... Desse modo, minha pessoa era estranha à obra.
Às vezes, a influência subconsciente é tão nítida que toma os ares de uma influência exterior precisamente isso o que Musset exprimia nestes versos:

Acervo Virtual Espírita

Escuta-se, espera-se, não se trabalha,
Coma um desconhecido que algo vos murmura. Nesse ponto de vista, são clássicos os exemplos de Sócrates, de Pascal e de Mozart.
A INFLUÊNCIA SUBCONSCIENTE NO ESTADO DE VIGILA é difícil de ser diferençada do trabalho consciente e voluntário.
No entanto, poder-se-ia encontrá-la nos casos de artistas ou de escritores que só conseguem compor uma obra com prolongadas interrupções, abandonando em presença de uma séria dificuldade e retomando-a, mais tarde, com ligeireza.
Entre os exemplos ilustrativos deste último caso, o Dr. Chabaneix cita Renan, Broca, Goethe -- que abandonou e retomou o Fausto após longos anos de intervalo.
Finalmente, a influência subconsciente evidencia-se na observação de geniais manifestações nas crianças (Pascal, Mozart, etc.).
Como se vê, a atividade psíquica latente apresenta importância capital, mesmo Psicologia normal. Desde então, o eu aparece-nos como extremamente complexo e difícil de analisar. Conhecer tudo o que constitui a consciência é, já por si só, muito complicado; outrossim, saber tudo o que, na síntese psíquica, escapa a essa consciência implica um novo e formidável problema.
Desde então, verificamos que aquilo que é designado sob o nome de subconsciente compreende elementos de naturezas diversas, ainda que possuindo em comum a característica de se furtarem, em sua maior parte, ao conhecimento e à vontade direta.
Dentre esses elementos, alguns, como é o caso dos que se revelam nos sonhos comuns, parecem de natureza pronunciadamente inferior. Outros, como os que se manifestam na, inspiração genial, são de natureza multo superior aos fenômenos conscientes normais.
Há, portanto, razões suficientes para nos perguntarmos se, simplesmente, não nos confundimos, tomando por automatismo psicológico ou subconsciente manifestações de origem e essência diferentes; podemos ainda pergunta se não é necessário distinguir, ao menos, duas categorias de fenômenos subconscientes: os de ordem inferior, dependentes do automatismo cerebral, e os de ordem superior, ainda inexplicados.
Nos fatos de psicologia anormal, poderemos ver a importância e o desenvolvimento dessa nova hipótese. Uma última e assaz importante dificuldade de interpretação fisiológica é a do sono.
Do ponto de vista fisiológico, em si mesmo, a explicação do sono durante muito tempo consistiu em teorias hipotéticas; foi recentemente, e graças às pesquisas histológicas, que se logrou compreendê-lo de modo satisfatório.
A tese do Dr. Pupin - O neurônio e as hipóteses histológicas a propósito de seu modo de funcionamento. Teoria histológica do sono fornece um resumo

Acervo Virtual Espírita

bastante claro e assaz completo da questão, bem como das teorias antigas e das novas idéias.
As antigas teorias eram tão numerosas quanto incertas e contraditórias.
Uma primeira, a teoria circulatória, atribuía o sono a variações periódicas na circulação sangüínea, do cérebro.
Acontece que os partidários dessa opinião não encontravam meios de acordo entre as seguintes variações
Uns, acompanhando de Haller, Cabanis, etc., acreditavam na ocorrência da congestão, a hiperemia do cérebro durante o sono. Outros, com Burham, Claude Bernard, Mosso, etc., acreditavam na anemia cerebral.
Uma outra teoria, a teoria química, fazia com que o sono dependesse da diminuição da quantidade de oxigênio do sangue e dos tecidos; esse oxigênio acumular-se-ia durante o sono e diminuiria durante a vigília, por diversos processos de atividade vital.
Essa teoria, sustentada por Humboldt, Purkinj e, Pettenkofer, etc., foram combatidas por Voit, que demonstrou não haver aumento da quantidade de oxigênio durante o sono.
Finalmente, uma última teoria, a teoria tóxica, atribui o sono à acumulação de leucomaínas produzidas pela atividade cerebral (Armand Gauthier, Bouchard, etc.).
As pesquisas histológicas deram fim às incertezas explicativas, contribuindo com uma nova teoria do sono, claríssima e muito racional.
Eis, segundo o Dr. Pupin, essa teoria histológica, que repousa sobre os conhecimentos anatômicos e fisiológicos relativos aos neurônios, conhecimentos estes muito recentes.
Sabe-se que por neurônio se entende a célula nervosa, provida de seu núcleo, prolongamentos protoplásmicos e de seu prolongamento arborizado do cilindra-eixo.
Esses prolongamentos ramificados não sofrem anastomose com os das células vizinhas, como antigamente se acreditava; as ligações estabelecem-se não pela continuidade, mas pela contigüidade.
Cada neurônio constitui-se numa individualidade anatômica, fisiológica e histogenia, um todo isolado e independente. O sistema nervoso, no seu conjunto, não passa de um agregado de neurônios sem união mútua.
Ora, no estado de vigília a atividade funcional do cérebro seria caracterizada pela mobilidade e pela distensão dos prolongamentos ramificados dos tentáculos dos neurônios, que, assim, entram em contato de célula a célula.
No sono, ao contrário, processa-se a retração e a imobilidade desses tentáculos, que, desse modo, se isolam, impedindo a corrente nervosa, ou fazendo-a decrescer.
Portanto, se essa teoria é verdadeira, nenhuma dúvida é fisiologicamente possível: o sono é o repouso dos centros nervosos. De qualquer modo, a

Acervo Virtual Espírita

existência desses movimentos amebóides não é admitida por todos os histologistas. Certo número pensa que os neurônios são sempre imóveis e que a transmissão nervosa faz-se por uma espécie de verdadeira descarga.
Mas, ainda nessa hipótese, o sono só pode ser concebido como repouso dos centros nervosos.
Passemos agora à explicação psicológica do sono. Geralmente, fazemo-la consistir simplesmente na noção de repouso do sistema nervoso.
O sono, diz Mathias Duval, é a cessação reparadora, total ou parcial, das funções de relação.
Para Broussais, o sono outra coisa não é senão a cessação das funções intelectuais ou afetivas.
Para Prever, consiste no desaparecimento periódico da atividade cerebral superior.
A maior parte dos fisiologistas professa similar opinião. No entanto, a questão acha-se bem longe das fronteiras de tal simplicidade.
Se no sono não tivéssemos a observar senão uma obnubilação passageira da inteligência, a explicação, é óbvio, estaria inteiramente contida no fato de uma diminuição de atividade psíquica devida a uma diminuição de atividade funcional do cérebro.
Mas, é precisamente aí que reside à dificuldade: a diminuição de atividade psíquica não é o fenômeno essencial ao sono, nem mesmo lhe é necessária.
O repouso do cérebro caracteriza-se, sobretudo pela obnubilação da vontade consciente normal, obnubilação essa que não obsta a que os outros modos de atividade psíquica persistam ou mesmo aumentem de intensidade, apesar do sono.
Sem falar da intensidade emotiva de certos sonhos alegres ou tristes, é suficiente aludirmos às tão importantes manifestações do trabalho subconsciente, para concluir que o sono não tem sua explicação psicológica suficiente na diminuição da atividade funcional do cérebro.
E, no entanto, a fisiologia demonstra que o sono não passa de repouso dos centros nervosos.
Como vemos, encontramo-nos diante de uma contradição parcial, a qual tentarei delir na interpretação final que darei da subconsciência e de todos os fatos obscuros da psicologia.

CAPÍTULO SEGUNDO

FATOS OBSCUROS DE PSICOLOGIA ANORMAL

Sumário: I. As neuroses e a histeria. - A loucura essencial. - Impotência da anatomia e da fisiologia para explicá-las. II. As manifestações de personalidades múltiplas. Principais explicações. - Sua interpretação pela

Acervo Virtual Espírita

hipótese de uma subconsciência superior. III. O hipnotismo e suas manifestações principais. - Explicações clássicas. - Sugestão ou neurose. - Ilogismo das explicações clássicas totalizadoras e partícularizadoras. - Necessidade de uma nova hipótese: a exteriorização. IV. A exteriorização da sensibilidade. - Os fantasmas dos vivos. V. Ação sensorial à distância ou telestesia. - Lucidez. - A lucidez concebida como faculdade da subconsciência superior. VI. Exteriorização da motricidade e raps. - Estado do sujeito durante a produção dos fenômenos. - Sono especial ou transe. - Direção inteligente dos fenômenos. - Explicação da motricidade à distância pela exteriorização da subconsciência superior. VII. Ação a distância de uma faculdade organizadora e desorganizadora, ou teleplastia. - Materializações e desmaterializações. - Explicação pela exteriorização e pela subconsciência superior. VIII. Ações de pensamento a pensamento. - Leitura de pensamento, sugestão mental e telepatia. - Importância da hipótese explicativa da exteriorização. - Importância da hipótese explicativa da subconsciência superior. IX. O mediunismo. - Fenômenos físicos. - Fenômenos intelectuais. - Personalidades mediúnicas. - Caracteres principais dessas personalidades. - Autonomia e independência aparentes do sujet. - Diferenças em relação â personalidade normal do sujet. - Pretensão das personalidades mediúnicas de serem espíritos dos mortos. - Explicação do mediunismo. - A rigor, tudo pode explicar-se pela exteriorização e pela subconsciência superior. X. Resumo das verificações relativas às duas novas hipóteses: exteriorização e subconsciência superior. - Necessidade de pesquisar sua essência íntima.

I. AS NEUROSES

Parece-me imperioso principiar o estudo da psicologia anormal por um rápido exame das neuroses em suas ligações com a fisiologia.
Com efeito, é sabido que as neuroses em geral, e a histeria em particular - aos olhos dos eminentes sábios -, constituem a causa determinante das manifestações psíquicas anormais, assim como sua suficiente explicação.
E, portanto, indispensável - do ponto de vista explicativo - saber-se o que exatamente são a neurose e histeria.
Mas, isso é totalmente ignorado.
O termo neurose aparece como verdadeiro contra-senso para a fisiologia clássica., tanto que - nesse setor - designa simples problemas funcionais sem lesão orgânica.
Se as teorias materialistas são verdadeiras, qualquer problema funcional se apresenta forçosamente como seqüela de uma lesão orgânica, ainda que fraca, e qualquer que seja.
Colocada nas condições necessárias ao funcionamento à máquina intacta deve funcionar normalmente.

Acervo Virtual Espírita

Uma máquina que, posta em condições necessárias ao funcionamento, não funciona, ou atua mal, é um engenho defeituoso ou lesado em uma ou mais de suas engrenagens.
Com esse raciocínio não há, para a fisiologia, senão uma resposta lógica: é que isso não pode ser devido a afecções independentes de qualquer lesão orgânica, e que a palavra neurose significa, simplesmente, as doenças cuja causa ainda não foi descoberta em lesões de qualquer espécie.
Desde agora, dizem-se, os progressos da anatomia patológica justificaram amplas restrições no quadro das neuroses: dele se afastou a paralisia geral, por exempla; muitas outras afecções, como, por exemplo, a paralisia agitante, a coréia, ou dança-de-são-vito, a epilepsia, etc., devem-se, com certeza, a uma causa orgânica a ser descoberta, cedo ou tarde.
O raciocínio é ajustado e aplicável a todas as doenças de sintomas fixos e regulares; não mais se aplica, contudo, à neurose típica, à histeria, única que interessa ao nosso ponto de vista.
A histeria apresenta uma sintomatologia complexa, em nada reproduzindo a característica geral das afecções orgânicas.
Uma doença orgânica manifesta-se por problemas mórbidos, de caráter geralmente fixo e constante, evoluindo num ritmo especial, determinado nas grandes linhas e dependendo nitidamente da lesão causal, tanto na sua origem, quanto nas suas manifestações e no seu desaparecimento.
A neuropatia histérica é completamente diferente seus sintomas caracterizam-se por mobilidade e inconstância, aparecendo, desaparecendo, variando sem causa ou sob influência de causas múltiplas. Sucedem-se anestesias, hiperestesias, contraturas e paralisias, que passam de uma região à outra, burlando qualquer previsão de extensão ou de duração. Apresentam tão pouca fixidez, que às vezes pode operar-se sua transferência de um membro a outro, e mesmo de um paciente a outro (por meio da sugestão, dos magnetos, dos contatos de metais, etc.).
Os múltiplos sintomas podem prejudicar isolada ou simultaneamente todas as funções nervosas: motricidade, sensibilidade, inteligência, nutrição, etc. Essas funções sofrem, indiferentemente, excitação, depressão ou mesmo perversão.
Na sintomatologia da histeria tudo é contrário à hipótese de uma lesão orgânica fixa e específica. A histeria é ainda totalmente inexplicável.
A loucura essencial, isto é, aquela que - cama a histeria - não se vincula a nenhuma lesão anatômica fixa e específica, não se constitui em menor enigma para a ciência clássica. Nenhuma das pretendidas explicações fornecidas no que concerne a ela traz luzes sobre a real natureza dessa terrível afecção.

II. AS MANIFESTAÇÕES DE PERSONALIDADES DUPLAS OU MULTIPLAS NO MESMO INDIVIDUA (ALÉM DOS ESTADOS HIPNÓTICOS OU MEDIUNICOS)

Acervo Virtual Espírita

Embora essas curiosas manifestações de psicologia anormal tenham sido recolhidas, em grande número, depois da publicação do Dr. Azam, a respeito de Félida, é bastante difícil realizar um estudo geral sobre elas.
Dá-se que os casos conhecidos e por todos os lados citados são, geralmente, mal observados e muito imperfeitamente descritos. As indicações dadas pecam por falta de precisão e dizem respeito apenas às linhas gerais.
A própria observação do Dr. Azam não oferece sintomatologia metódica, se bem que seja a mais consciente. Lá, se encontra um verdadeiro luxo de hipóteses e de comparações, mas nada como pormenores analíticos, cuja importância seria essencial; é o caso da descrição precisa de cada uma das personalidades, de cada sentido, de cada faculdade física ou psíquica, bem como o é da pesquisa exata dos conhecimentos do sujet, num e noutro estado, etc.
Uma vez lidas as diversas observações classificadas sob a etiqueta comum de personalidades múltiplas, sente-se uma confusão completa, encontram-se fatos disparatados, no meio dos quais é bem difícil o próprio reconhecimento.
Confundiram-se num mesmo grupo todas as alterações da personalidade, tanto as espontâneas, quanto as de origem traumática ou patológica, bem como as de origem hipnótica ou mediúnica.. Ora, esses diversos estados oferecem pelo menos tantas dessemelhanças quanto semelhanças.
E sob o título de personalidades múltiplas apenas deveria compreender as manifestações espontâneas de personalidades completas:
Manifestações espontâneas, ou seja, as que não dependem necessariamente de qualquer influência causal acidental ou patológica;
Personalidades completas, ou seja, as que apresentam todas as faculdades e capacidades sensoriais e psíquicas de um ente normal.
Principais caracteres das manifestações de personalidades múltiplas - A vida consciente do indivíduo é, etapa por etapa, constituída de estados psíquicos mais ou menos diferentes e independentes uns dos outros, mas sempre suficientemente diferentes e independentes para representai personalidades distintas e autônomas.
Cada personalidade se manifesta durante fases de duração variável, indo de alguns instantes há muitos meses.
A passagem de uma fase à outra é marcada por um estado de inconsciência completa: e esse estado tanto pode durar um período de alguns segundos - o que Azam compara a uma pequena marte - quanto pode ser uma longa letargia.
As personalidades podem ser totalmente diferentes, do ponto de vista do caráter geral, das faculdades e dos conhecimentos, muito embora apresentem com freqüência certo número de idéias gerais em comum.

Acervo Virtual Espírita

Cada uma ignora a outra, completa ou incompletamente, podendo nada saber de tudo o que se sucedeu fora de suas fases de manifestação. Mas, quanta às suas próprias etapas, delas recordam-se inteiramente, mesmo que separadas por longos intervalos.
Às vezes uma, e somente uma, das personalidades sucessivas mantém a consciência e a lembrança dos diferentes estados. Isso, em geral, acontece com aquela que demonstra superioridade de faculdades e de caráter. Finalmente, uma personalidade diferente da normal pode mostrar-se superior a esta última.
O caso de Fétida, no seu segundo estado, é precisamente um exemplo ultra nítido; e é o Dr. Azam quem comenta expressamente.
Suas faculdades intelectuais e morais, se bem que diferentes, são incontestavelmente unas: nenhuma idéia delirante, nenhuma falsa apreciação, nenhuma alucinação. Direi mesmo que, nesse segundo estado, nessa condição segunda, todas as suas faculdades parecem mais desenvolvidas e mais completas. Essa segunda vida, onde a dor física não se faz sentir, é em muito superior à outra.
EXPLICAÇÃO DAS PERSONALIDADES MÚLTIPLAS - As elucidações que nos esforçamos por dar das manifestações de personalidades múltiplas são de fato numerosas. Podemos agrupá-la em três séries
Explicações fisiológicas;
Explicações patológicas;
Explicações psicológicas.
Explicações fisiológicas - São duas meras hipóteses.
A primeira é a das modificações passageiras e alternativas na circulação do cérebro. Tratar-se-ia de fenômenos de vaso constrição ou de vaso dilatação... À escolha!
Essa hipótese é, indefectivelmente, insignificante; trata-se de ações fisiológicas banais, acompanhando as manifestações da atividade orgânica, antes efeitos do que propriamente causas; não passam de fenômenos sem peso explicativo. Esse caso, diga-se, está inteiramente abandonado.
A segunda é a do funcionamento independente dos dois lobos cerebrais (Luys).
Essa hipótese é inverificável e, além disso, jamais se aplicaria aos casos de personalidades múltiplas, e não mais duplas. Nela ressalta, portanto, a insuficiência, pelo que deve ser rejeitada.
Em suma: nada de explicação fisiológica. Explicações patológicas - Consistem numa pura e simples assimilação das alterações da personalidade, verificadas em certas afecções ou lesões nervosas:
1- Nas doenças orgânicas que atinjam direta ou indiretamente os centros nervosos (lesões cerebrais, traumatismos, intoxicações, infecções, etc., etc.).
2- Na epilepsia e nas doenças mentais.

Acervo Virtual Espírita

Ora, nada existe de racional em tal assimilação. Nesse caso, de um modo geral, não há que falar de modificação de personalidade e sim em diminuição ou perversão da personalidade.
Com maior freqüência, trata se de alteração parcial de uma ou de muitas faculdades; são os casos de amnésia mais ou menos extensa.
Doutras vezes, trata-se de manifestações automáticas ou impulsivas, irracionais ou desarrazoadas.
No caso, não se está diante de fenômenos comparáveis às observações de personalidades múltiplas completos.
Finalmente, esses problemas acham-se sob a dependência direta de uma causa produtora e a ela podem estar estreitamente vinculados, sem que isto seja, necessariamente, fonte geradora dos fatos de personalidades múltiplas.
Uma outra explicação patológica, mais judiciosa, aliás, é a que incorpora essas manifestações no quadro da histeria.
Baseia-se sobre a ressalva de que os pacientes que apresentam casos de personalidades múltiplas acham-se, na maioria das vezes, contidos na tipicidade da histeria.
Tudo isso é plenamente exato, conquanto não passe de simples verificação; a histeria ainda não foi fisiologicamente explicada.
Explicações psicológicas - Essas podem ser reduzidas a duas:
1 - Assimilação dos problemas da personalidade na hipnose e no mediunismo;
2 - hipótese da subconsciência.
1 Comparação cem as manifestações hipno-mediúnicas - As alterações da personalidade na hipnose foram verificadas, seja sob a influência da sugestão, seja fora dela. Examinemo-las sucessivamente.
a) Alterações de origem sugestiva - No paciente hipnotizado, consistem em manifestações de personalidades aparentemente estranhas à sua própria, manifestações essas provocadas por uma sugestão direta.
As experiências de Richet são clássicas
O professor sugere ao paciente que ele é tal ou qual personagem conhecido, ou mesmo que ele tem tal ou qual profissão; o paciente, então, toma as características do personagem ou os maneirismos da profissão. A imitação é das mais fiéis e a personalidade sugerida é representada com precisão, indo até aos pormenores. O próprio timbre vocal ou a escrita sofrem modificações apropriadas.
Nesse processo, vê-se imediatamente em quanto essas personalidades fictícias diferem das verdadeiras. Em primeiro lugar, são inseparáveis da sugestão hipnótica,, nada possuindo em originalidade. São os chamados pastichos ou imitações, mais ou menos bem sucedidas.
Nessas experiências nada existe além da imitação do fenômeno das personalidades múltiplas, graças ao mecanismo da sugestão. E entre as reais manifestações e as simuladas não medeia nenhum traço comum elucidativo.

Acervo Virtual Espírita

b) Alterações hipno-mediúnicas da personalidade, fora da sugestão - Lógica é a comparação das personalidades múltiplas espontâneas com as personalidades mediúnicas. Essas últimas, no entanto, são surpreendentes e de difícil explicação. (Mais adiante, exporei o estágio atual de nossos conhecimentos a esse propósito.).
E certamente, pelo estudo metódico das manifestações intelectuais do mediunismo que se chegará a conhecer e a pôr em evidência todos os elementos constitutivos do ser psíquico, conscientes ou não; mas, somente após esse estudo poder-se-á tentar uma explicação geral do desdobramento da personalidade.
Impõe-se a mesma advertência no que tange aos fenômenos similares do sonambulismo. As personalidades de origem sonambúlica são ainda tão inexplicáveis quanto o próprio sonambulismo e o hipnotismo (examinar mais adiante o que diz respeito ao hipnotismo).
Não é, portanto, possível considerar-se como satisfatória a hipótese do Dr. Azam, que atribui às manifestações de personalidades múltiplas a um estado sonambúlico total, isto é, com o total funcionamento das faculdades ou dos sentidos, de maneira que, segundo essa hipótese, poder-se-iam encontrai indivíduos com as aparências peculiares ao comum dos homens e que, entretanto, estando em segunda condição, são sonâmbulos que, ao despertar, tudo haverá esquecido.
Quanto ao resto, essa hipótese levanta outro empecilho: o da absoluta impossibilidade de distinção entre um estado de sonambulismo total pretendido e o estado normal; conseqüentemente, o de fornecer prova positivo a seu favor.
2 Explicações das personalidades múltiplas pela hipótese da subconsciência - Todas as pretensas explicações que acabo de analisar não passam, na verdade, de assemelhação dos problemas patológicos, hipnóticos ou mediúnicos, pelas analogias oferecidas.
Tais assemelhações, inclusive, ainda que justificadas, conseguem simplesmente afastar a dificuldade, não conduzindo à compreensão da essência íntima do fenômeno.
Por outro lado, atualmente, são consideradas como soluções secundárias, necessitando de explicação geral.
Essa explicação geral é, naturalmente, fornecida pela concepção psicológica da subconsciência: as personalidades em disparidade com a personalidade normal e dela ignoradas são personalidades subconscientes.
Vá lá; mas, essa interpretação clássica, que pode parecer tão banal e paliativa, dá ensanchas à conseqüência plenamente revolucionária força a admissão de que as manifestações subconscientes não são fatalmente automáticas, uma vez que as personalidades secundárias podem revestir-se também de autonomia, e

Acervo Virtual Espírita

não apenas de inteireza e originalidade, possuidoras de vontade bastante particular e bem caracterizada.
Desse modo, somos inevitavelmente conduzidas à hipótese que o estudo da inspiração geral já nos havia sugerido: a da forçada distinção entre duas categorias de fenômenos subconscientes: uns de ordem inferior e automática, os outros partindo de uma subconsciência superior, cuja origem e natureza permanecem desconhecidas.

III. O HIPNOTISMO

As manifestações elementares de hipnose são assaz conhecidas para que seja necessário descrevê-las em nosso estudo.
E sabido que compreendem:
Do ponto de vista da sensibilidade: fenômenos ditas de anestesia e de hiperestesia.
Do ponto de vista motor: fenômenos de letargia e de catalepsia; parecias e contraturas.
Do ponto de vista psíquico: considerável obnubilação da consciência e da vontade normais, tendo no esquecimento, após o despertar, um fenômeno primordial; como fenômenos secundários, têm alterações da personalidade, com importância e caráter variáveis; há, ainda, a preponderância diretora da sugestão do magnetizador. Às vezes, finalmente, faz-se acompanhar de fenômenos ditos supranormais (leitura do pensamento, telepatia, lucidez).
Freqüentemente, todas essas manifestações se grupam numa ordem mais ou menos regular, embora se observe com raridade a estreita sistematização descrita por Charcot, bem como sua distinção das sucessivas fases, de letargia, catalepsia e sonambulismo. Uma ou outra, podem essas fases inexistir ou passai despercebidas.
O que é constante é a obnubilação da consciência normal e a persistência de um psiquismo bastante extenso, mas automático, obedecendo cegamente à sugestão do hipnotizador.
O hipnotismo pode ser provocado por diversos e bem conhecidos procedimentos, muito embora empíricos: fixação de um ponto brilhante, geralmente colocado entre os dois olhas, um pouco ao alto e adiante (método de Braid);
Passes magnéticos, ordem sugestiva expressa ou mental;
Pressões sobre certas regiões hiper-sensibilizadas, ditas hipnógenas, etc.
A explicação do hipnotismo não foi ainda apresentada de modo satisfatório.
Nada além de um interesse retrospectivo pode ser atribuído às velhas discussões entre a escola de Salpêtrière è a de Nancy.

Acervo Virtual Espírita

Ainda que se invoque uma neurose especial, comparável à histeria ainda que se esforce por tudo vincular à sugestão, nada se conseguirá além de uma explicação fictícia, perfeitamente ilusória.
A palavra neurose, relacionada com o hipnotismo, é mera etiqueta sem valor. Consiste, indubitavelmente, num procedimento cômodo, mas perfeitamente vão, tentando explicar o hipnotismo pela histeria, ou vice-versa.
As evidentes analogias sintomáticas entre esses dois estados provam que eles provêm, ambos, de uma interpretação geral e comum, que permanece ensombrada.
A teoria da escola de Nancy, de igual modo, não produz mais luzes.
Primeiramente, a sugestão não pode ser invocada para todos os fenômenos, ou em todos os casos.
Mas, ainda que venha a ser provado que se podem provocar, pela sugestão, todos os fenômenos do hipnotismo - mesmo os mais extraordinários - não se haverá logrado compreender seu mecanismo íntimo. Quais são as modificações psicofisiológica do ser que tornam possível o aniquilamento da consciência e o automatismo absoluto, as alterações da sensibilidade, as manifestações supranormais, etc.? Isso a etiqueta da sugestão nunca será capaz de explicar.
É justo o dizer-se que a sugestão é o fator principal da hipnose; é até mesmo possível, se bem que evidentemente excessivo, sustentar que lhe é o fator único e ainda passível. Mas, pretender que esse fator carrega em si mesmo a solução do problema psicológico proposto pela hipnose é, simplesmente, satisfazer-se com palavras.
E isso não é tudo; se tomarmos isoladamente as manifestações hipnóticas presenciará a multiplicação das dificuldades de interpretação. A anestesia é a verificação de um fato. Qual é a causa íntima dessa insensibilidade da pele, das mucosas e até mesmo das partes profundas; insensibilidade tal que se pode atravessar um membro, de um lado ao outro, com um instrumento perfurante, ou praticar uma grave intervenção cirúrgica, sem que o paciente sinta dor?
A hiperestesia é ainda mais intrigante.
Se, por exemplo, se coloca, à revelia do paciente, um pedaço de gelo ou um corpo quente a vinte ou trinta centímetros de distância do seu corpo, ele acusa imediatamente uma sensação de frio ou de calor.
A audição, o olfato e o próprio paladar podem ser influenciados a ultrapassarem os limites normais dos órgãos sensoriais. A visão parece exercer-se independentemente dos olhos, e através dos obstáculos materiais.
Em vista de todos esses fenômenos, a hipótese da hiperestesia parece bem pouco satisfatória. Mas, o que logra transtornar e subverter a ordem das idéias é o fato de que essa pretensa hiperestesia pode verificar-se concomitantemente com a pretendida anestesia. Há, por tanto, e em certos casos, coincidência de dois fenômenos contraditórios, na mesma função e ao mesmo tempo.

Acervo Virtual Espírita

Exemplificando: o paciente que ouve o ruído de um relógio colocado na peça vizinha não mais o ouvirá se colocado junto ao seu ouvido. O pedaço de gelo que lhe produziria desagradável impressão, a trinta centímetros do corpo, sequer será percebido se aplicado sobre sua pele. Esse mesmo paciente assinalará a presença de um odor imperceptível para os circunstantes, muito embora não logre perceber um frasco de amoníaco junto a suas narinas. O mesmo acontecerá em relação a objetos por ele descritos, estando fora de seu campo visual, embora seus olhos, inteiramente revirados, não distingam presenças completamente a seu alcance.
O que é mais sugestivo é que os diversos sentidos, a audição, o olfato, o paladar e a visão, com efeito, parecem estar presentes, não mais por seus órgãos definidos, mas por toda a periferia do organismo, indiferentemente e em maior ou menor proximidade; às vezes, isso se realiza através de objetos materiais.
Surgem desse modo, duas explicações secundárias: anestesia e hiperestesia que, admitidas fossem, não apenas careceriam de explicação, inclusive quanto à coincidência, eis que, se ocorridas simultaneamente no mesmo ponto do organismo, redundariam em inaceitável contradição.
Qual a conclusão? Pura e simplesmente que nos fenômenos sensórios do hipnotismo não há, essencialmente, nem diminuição nem exacerbação da sensibilidade, e sim o seu deslocamento.
Durante a hipnose, portanto, acontece algo que tende a separar do organismo, a exteriorizar-se, melhor dizendo, ao mesmo tempo em que desaparecem as manifestações psíquicas elevadas, sérias e conscientes.
Mantenhamos presente essa verificação de cunho geral: ela há de nos permitir uma teoria racional do hipnotismo.

IV. A EXTERIORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE

A exteriorização da sensibilidade, descoberta e magistralmente estudada pelo Senhor de Rochas, foi por diversos observadores experimentalmente controlados. Aludirei brevemente às principais verificações do Senhor de Rochas.
A sensibilidade, num dado número de pacientes, desaparece da superfície corporal durante o sono hipnótico, encontrando-se, de modo apreciável para o magnetizador, fora dela.
As investigações demonstram-na exposta do seguinte modo: uma primeira camada sensível, extremamente delgada, percorre todo o contorno do corpo, a três ou quatro centímetros fora da pele. Em redor dessa primeira camada existe uma série de outras camadas, eqüidistantes, daquela separadas por um intervalo de seis a sete centímetros, sucedendo-se até dois ou três metros, penetrando-se e entrecruzando-se, sem se modificarem.

Acervo Virtual Espírita

Se a hipnose é impulsionada mais profundamente, essas camadas sensíveis, depois da terceira ou quarta fase da letargia, condensam-se sobre dois pólos de sensibilidade situados um à direita, outro à esquerda do paciente.
Finalmente, esses dois pólos terminam por se reunirem em um só, e, a partir de então, toda a apreciável sensibilidade do sujeito encontra-se vivendo numa espécie de fantasma real, capaz de, segundo a ordem do magnetizador, deslocar-se para longe, atravessar obstáculos materiais, sempre conservando a sensibilidade.
O paciente ou outras testemunhas vêem as diversas camadas sensíveis e o fantasma real. A metade direita parece-lhes azul, e a esquerda, vermelha. O fantasma, para eles, parece iluminar aqueles sobre quem se localiza.
Em suma, certos objetos e substâncias colocados em contato com as camadas sensíveis impregnam-se de um pouco dessa sensibilidade, podendo conservá-la por algum tempo.
Tais as singulares manifestações da exteriorização da sensibilidade.
Como são naturais, semelhantes comprovações foram acolhidas com manifestações de cepticismo. Invocaram-se fraude, sugestão mais ou menos involuntária do magnetizador sobre o sujeito e, acima de tudo, sugestão mental.
Tais causas de erro podem ser evitadas. Aliás, repetiram-se em grande número experiências bem conduzidas, com vistas ao estabelecimento da absoluta autenticidade dos fatos observados por de Rochas.
Qual a possível explicação para a descoberta do Senhor de Rochas?
Evidentemente, nenhuma outra que não a fornecida por ele mesmo: do organismo do paciente provém a exteriorização de uma parte de sua sensibilidade; ou melhor, a exteriorização de algo que conduz e conserva essa sensibilidade, servindo-lhe de substrato fora do organismo.
A existência desse substrato acha-se provada pela demonstração efetuada pelo Senhor de Rochas, a respeito da objetividade dos eflúvios percebidos no estado hipnótico, bem como da realidade dos fantasmas dos vivos, manifestação superior do mesmo fenômeno.
Desde então, encontramo-nos de posse de uma hipótese solidamente estabelecida sobre verificações positivas, o que nos servirá de guia para o estudo aclarador dos fenômenos de hipótese de exteriorização.
Antes de abandonar o estudo da exteriorização da sensibilidade, restaria o exame da possibilidade da sua efetivação fora da hipnose.
Com efeito, isso parece possível, embora em grau elementar. As pesquisas de Reichenbach sobre as forças ódicas, a coqueluche de numerosos experimentadores, em particular do Sr. Baraduc, comprovam que o algo passível de exteriorização pela hipnose não está estreitamente submetido ao organismo, mesmo durante a vida normal, irradiando mais ou menos na sua periferia.

Acervo Virtual Espírita

Os eflúvios assim emitidos impressionam as placas fotográficas, e o fazem de modo diverso, de acordo com o estado moral do paciente.
O fato de não insistir sobre esse ponto deve-se ao grande número de controvérsias surgidas e à necessidade de novas pesquisas.
A irradiação periorgânica na vida normal a mim se assemelha tão provável que explica admiravelmente os fenômenos psíquicos elementares, obtidos sem sono do sujet, seja no domínio da sensibilidade, seja no da motricidade ou da inteligência (examinar os capítulos seguintes).

V. LUCIDEZ

Sob o nome de clarividência ou lucidez, designa-se a faculdade de adquirir conhecimentos precisos sem o socorro dos sentidos normais e sem leitura de pensamentos.
Os fatos dessa ordem foram recolhidos em grande número; uns parecem assaz convincentes, mas, até o presente, escaparam, em grande parte, das tentativas de experimentação metódica.
Deve-se isso ao fato de que esses fenômenos se desenrolam inteiramente à revelia do sujet. Produzem-se como relâmpagos e não podem obedecer a condições preestabelecidas. Em geral, acontecem nos estados hipnóticos.
O sujet adormecido amiúde vincula o fenômeno à visão, dizendo ver o que narra (essa é a clarividência típica). Outras vezes, atribui o que se passa ao sentido da audição (clariaudiência). Ora fala como se encontrasse em presença da cena que descreve, ora parece projetar sua visão sobre uma superfície refletora (espelho, copo com água), pela qual indubitavelmente obtém a auto-hipnose.
O sujet, em geral, vê mais facilmente quando se lhe fornecem alguns pontos de referência, indicações a título de guias do caminho a percorrer.
Freqüentemente, ainda, a clarividência é facilitada pelo contato do sujet com um objeto qualquer proveniente do ambiente visto, bem como de pessoas com as quais a afinidade deva estabelecer-se (é a psicometria) .
A lucidez, em alguns casos, parece independente de qualquer estado hipnótico aparente; é sabido, entrementes, o quanto um estado superficial de auto-hipnose pode passar despercebido. Nesse caso, o sujet pretende encontrar os conhecimentos de que dá prova por meio de certos procedimentos excessivamente distanciados do método positivo, para que me seja possível sobre eles falar neste trabalho; é o caso das cartas, da borra de café, das linhas das mãos, etc. Menciono tudo isso simplesmente para ser completo, sem, no entanto, em qualquer um deles me deter.
No que tange aos conhecimentos adquiridos pela lucidez, observa-se que, às vezes, são extremamente precisos e exatos.

Acervo Virtual Espírita

De outras vezes, o sujet engana-se redondamente, sem que seja possível distinguir em que caso e por que se engana ou acerta.
Os conhecimentos adquiridos pela lucidez podem ser relativos ao presente, ao passado ou ao porvir.
Explicação dos fatos de lucidez - Como explicar o fenômeno da lucidez, em razão de sua independência da leitura do pensamento?
Uma primeira explicação parece, em muitos casos, pode ser puramente a exteriorização da sensibilidade. Haveria projeção e ação sensibilidade à distância, telestesia, no dizer de Myers.
Uma vez que a distância e os obstáculos materiais não têm a menor importância, no que concerne a essa projeção extra-orgânica, a explicação apresentada englobaria todos os fatos de lucidez no presente.
Para os casos de lucidez no passado ou no porvir, a explicação é menos provável, em se admitindo - bem entendido - a autenticidade claramente estabelecida.
Seria fácil deduzir que os sentidos do sujet, estando exteriorizados, sabem descobrir a imagem e decifrá-la, se pudesse supor que os fatos passados deixaram imagem ou impressão em algum lugar: no planeta ou no éter. Semelhante suposição é, com efeito, pouco provável. O mais lógico, talvez, seria admitir que o sujet possua na subconsciência, ou retira da subconsciência de outrem, o conhecimento dos fatos passados de que dá prova. (Quando tivermos passado em revista tudo o que diz respeito à subconsciência, essa hipótese parecerá menos extraordinária.).
A previsão do futuro poderia explicar-se de modo análogo: o porvir advém necessariamente do passado e do presente, sendo o acaso um termo sem qualquer significação; do mesmo modo, o livre-arbítrio não se pode isolar das causas da ação, a despeito de nossas opiniões a respeito.
Seria, portanto, suficiente o conhecimento de tudo o que, no passado e no presente, dissesse respeito a alguém, para conhecer, em linhas gerais, o que lhe reserva o futuro. Talvez bastasse o conhecimento do presente, oriundo do passado. Essa explicação da lucidez é, de fato, insuficiente e pouco provável, principalmente no que se relaciona com o passado e com o futuro. De resto, a lucidez manifesta-se, em muitos casos, sob forma sintética, que exclui qualquer reflexão e qualquer pesquisa como um clarão que impressiona vivamente o paciente, ocasionando-lhe, num átimo, seja o conhecimento de um fato ignorado e inacessível às vias sensoriais, seja um conhecimento complexo, que demandaria normalmente uma elaboração intensa, partindo de numerosos elementos de pesquisa; é, por exemplo, o caso de difícil operação de aritmética.. Em ocasiões semelhantes, a lucidez é perfeitamente inexplicável, tanto no seu mecanismo como nos seus resultados. De qualquer modo, só uma faculdade subconsciente pode explicar a questão, sendo impossível estabelecer ligações com as faculdades conscientes conhecidas.

Acervo Virtual Espírita

A verificação de sua existência é uma nova prova em favor da veracidade dessa subconsciência superior misteriosa, hipótese que já nos havia sido sugerida pelo precedente estudo dos demais fenômenos a ela devidos.

VI. ESTERIORIZAÇAO DA MOTRICIDADE E SUA AÇAO A DISTANCIA

A exteriorização e a ação a distância da motricidade foram reveladas pelas manifestações mediúnicas. Só no mediunismo elas se produzem com toda a intensidade.
Foi, entretanto, possível à obtenção de fenômenos de motricidade à distância na hipnose e até mesmo sem sono aparente do paciente.
Nesse caso, contudo, as manifestações são francamente elementares.
O paciente exerce uma ação motora ligeira e a pouca distância, seja espontaneamente ou pela sugestão.
Os fenômenos de motricidade à distância, apontados como importantes, são obtidos quer com um superficial contato do médium, quer sem o menor contato.
Freqüentemente, deixam transparecer uma força considerável: deslocamento e soerguimento de objetos bem pesados, às vezes longe do sujet. As peças mais leves são transportadas de um ponto a outro na sala das sessões.
Os movimentos assumem caráter assaz importante: nunca são incoerentes. Contrariamente, acham-se sempre dirigidas a um fim manifestamente almejado, sendo, às vezes, bastante complexos. Dentro dessa ordem, um dos mais notáveis fenômenos é o da escrita direta - a pena, ou o lápis escrevendo sem suporte aparente e sem contato do médium.
Os importantes fenômenos de motricidade a distância só se obtêm por meio de sujets especialmente treinados, salvo exceção. Durante a produção, freqüentemente o sujet se encontra num sono particular, chamado transe, análogo ao sono profundo da hipnose.
De outras vezes, não há sono, mas, mesmo assim, os fenômenos se produzem independentemente da vontade consciente. Após a sessão, o sujet acusa considerável fadiga. No momento do despertar, de nada se recorda do que aconteceu desde o momento em que dormiu.
Finalmente, durante a produção dos fenômenos, os membros do sujet esboçam movimentos ligeiros, sincronizados àqueles que se realizam a distância, dirigidos como o seriam se produzidos diretamente. Esses movimentos são, no entanto, muito fracos e inconstantes, simples deslocamentos reflexos ou associados.
Os fenômenos, que - repito - quase sempre escapam à vontade conscientes do sujet, são dirigidos por uma inteligência distinta da dele, em aparência. É uma

Acervo Virtual Espírita

personalidade diversa da sua personalidade normal quem, com a força exteriorizada do daquele, produz os fenômenos.
Também as personalidades mediúnicas que se manifestam parecem utilizar à sua vontade, independentemente da vontade do médium, seus órgãos e suas faculdades motoras e de sensibilidade. Podem apresentar capacidades e conhecimentos psíquicos inteiramente diferentes dos da personalidade normal. Num capítulo especial, estudarei pormenorizadamente essas personalidades mediúnicas.
Os fenômenos de pancadas a distância do sujet, em móveis, teto, soalho, ou na armação da sala das sessões, podem acompanhar os fenômenos de exteriorização da motricidade.
As pancadas, geralmente denominadas raps, apresentam a mesma característica dos movimentos sem contato: produz-se nas mesmas condições, denotando direção inteligente que não corresponde à da personalidade normal do sujet.
EXPLICAÇÃO DAS AÇOES MOTORAS A DISTÂNCIA - Estas necessitam de dupla explicação:
1 - No que tange à origem da força, que age;
2 - No que respeita à direção inteligente dessa força.
No que concerne à força que ai, é evidente tratar-se de força exteriorizada do sujet. Tudo o prova: a presença indispensável de um médium; sua considerável fadiga após a sessão e a verificação dos movimentos associados, etc.
Não há dúvida possível. O algo que pode exteriorizar-se carrega consigo não apenas a sensibilidade, mas também a força.
No que se relaciona com a direção inteligente da força, o problema é mais difícil. É certa que a inteligência diretora não é a inteligência pessoal e normal ao sujet. Deve por isso concluir-se ser-lhe ela exterior e estranha? Não necessariamente, uma vez que, de nossa parte, dizemos que a inteligência diretora é uma personalidade subconsciente.
O que acontece é que, na conjuntura que se apresenta, somos levados a admitir a existência de personalidades subconscientes não apenas cem por cento diferentes da personalidade normal, mas, principalmente, possuidoras de capacidades alheias às desta e capazes de agir fora do organismo.
Isso significa, ainda uma vez, que a subconsciência assim compreendida é essencialmente diferente da subconsciência automática clássica. Ela constitui essa subconsciência superior que já o exame dos fatos precedentes demonstrara-nos.

VII. AÇAO A DISTANCIA SOBRE A MATÉRIA POR UMA FACULDADE ORGANIZADORA OU DESORGANIZADORA

Acervo Virtual Espírita

Nos estados hipnóticos e mediúnicos, parece que o sujet pode ter em suas moléculas materiais uma verdadeira força organizadora ou desorganizadora. Conhecem-se os possíveis efeitos dessa faculdade sobre o seu próprio organismo: produção de estigmas sobre o corpo dos histéricos, seja pela auto-sugestão mística, seja por sugestão experimental (por exemplo, vesicação com um selo utilizado nos Correios).
Não insisto nesses fatos, atualmente clássicos; contento-me em fazer ressaltar que eles conduzem-nos além do que sabíamos, esbarrando na influência do moral sobre o físico; além disso, talvez permitissem a compreensão de certas curas, ditas milagrosas; o mesmo aconteceria em relação à dadas descrições das proezas dos aissauas e dos prodígios dos faquires.
Desejo, sobretudo, ocupar-me com a ação dessa faculdade organizadora ou desorganizadora à distância.
Uma vez provada, essa ação a distância poderia explicar certas aparições e visões, tanto as místicas como as outras, as quais nem sempre exaltam a alucinação.
Lá, ainda o estudo do mediunismo demonstra a existência de tal faculdade. O sujet pode ou desorganizar certos abjetos à distância, ou organizar em formas mais ou menos complexas uma trama material emanada ou exteriorizada de seu próprio organismo. A isso denomina teleplastia.
Para que tais fenômenos possam ser considerados não como alucinatórios, mas como reais, é imperioso que sua realidade objetiva seja rigorosamente provada. E isso só acontece, diz Aksakof em Animismo e Espiritismo, quando se verificam as seguintes características:
1 - Visão da forma concomitantemente por muitas pessoas;
2 - Visão e contato da forma por muitas pessoas, com impressões concordantes dos dois sentidos;
3 - Efeitos físicos produzidos pela forma;
4 - Efeitos físicos duráveis, tais como escrita, marcas, moldagens, fotografias, efeitos sobre o corpo de um assistente.
Somente neste último caso a prova é absoluta; mas, ele é, precisamente, dos mais freqüentes. Uma forma bem nítida pode, quase sempre, deixar no seu rastro efeitos físicos duráveis.
Para facilitar, considero sucessivamente a ação organizadora e a ação desorganizada.
Ação organizadora - Em termos de nitidez e complexidade, pode levar as formações muito variáveis.
As manifestações elementares são caracterizadas pela produção efêmera e incompleta de objetos ou de órgãos. Essas formas efêmeras podem, contudo, deixar traços físicos: fotografias, impressões no mástique, na farinha, no corante negro, na parafina, no gesso, etc.
De outras vezes, não passam de clarões azulados, fosforescentes.

Acervo Virtual Espírita

As manifestações superiores da faculdade organizadora são formações orgânicas sempre efêmeras, mas completas. Nesse caso, então, dão-se as materializações - de acordo com o termo em voga - de órgãos ou de organismos perfeitamente caracterizados; cópia exata e perfeita dos órgãos ou de organismos naturais, física e fisiologicamente. Essas manifestações podem ser espontâneas ou de origem mediúnica.
Nos casos espontâneos, aliás, raros, nota-se a formação de um organismo - a distância e, às vezes, bem afastado do sujet - parecendo sua cópia minuciosa, o seu duplo.
Esse desdobramento produz-se à sua revelia, mergulhado que está num sono mais ou menos profundo, e de nada se recordando ao despertar. O duplo pode influenciar a vista das pessoas que o vêem, bem como seus outros sentidos. Pode, ainda, agir materialmente e transportar-se a grande distância.
As materializações completas, obtidas experimentalmente nas sessões mediúnicas, apresentam importantes característicos a considerar: a forma materializada - julgo dever repetir - é, às vezes, completa, ossos, músculos, vísceras, em nada diferindo de um vivente, pelo funcionamento orgânico. Assemelha-se mais ou menos com o médium. Às vezes a parecença é suficientemente forte para dar a impressão de um verdadeiro desdobramento dele.
De outras, a forma difere do sujet por importantes peculiaridades, como, por exemplo, cor dos olhos e dos cabelos, proporção, sexo, etc.
As aparições são sempre efêmeras e de curta duração, mesmo que perfeitamente materializadas.
Ação desorganizadora - A faculdade desorganizadora pode manifestar-se:
a) no próprio organismo do sujet;
b) em objetos exteriores a ele,
a) Desorganização no próprio organismo do sujet.
Trata-se de uma verdadeira desmaterialização, que coincide precisamente com as formas materiais à distância.
O peso que toma a forma materializada é exatamente o que perde o sujet. Depois de seu desaparecimento, recobra ele o peso primitivo, desprovido de algumas centenas de gramas. Estando a forma inteiramente materializada, poderia o sujet tornar-se completamente invisível.
b) Desorganização de objetos exteriores ao sujet.
Podem esses objetos ser decompostos em suas moléculas constituintes e reconstituídos no seu estado primitivo, quer no lugar de origem, quer em outro, mediante transporte.
Durante a produção dos fenômenos de organização e de desorganização, comporta-se o sujet como no decorrer dos outros fenômenos de exteriorização. Salvo exceções, encontra-se num estado de transe mais ou menos completo, de nada se recordando ao despertar. Sua vontade consciente normal não tem

Acervo Virtual Espírita

nenhum poder sobre essas manifestações, que são dirigidas por uma inteligência em aparência diferente da do sujet.
Será a explicação, portanto, a mesma que a precedente: o algo que se pode exteriorizar não comporta simplesmente sensibilidade e força, mas também moléculas materiais, além de uma faculdade organizadora e desorganizadora.
Quanto à inteligência que dirige semelhante faculdade, bem como o fenômeno em seu todo, além de exteriorizar a matéria orgânica e de modelá-la por seu arbítrio ou de acordo com leis ainda não estudadas, pode ser considerada como emanada da subconsciência superior do sujet.
Utilizo-me da expressão subconsciência superior por ser evidente que as faculdades que acabamos de estudar em nada poderiam estai vinculadas ao automatismo cerebral. Os fenômenos de materialização e de desmaterialização, mais ainda que a inspiração genial e os casos de personalidades múltiplas e exteriorização, obrigam-nos a afirmar, de modo formal, a existência dessa subconsciência superior e sua distinção nítida da subconsciência ordinária, tal como a concebe a psicologia clássica.

VIII. AÇÕES DE PENSAMENTO A PENSAMENTO

Geralmente, compreendem-se sob esse título três grupos de fenômenos: Leitura de pensamento; sugestão mental;
Telepatia, esta bem na fronteira do quadro das ações de pensamento a pensamento, como veremos.
Sucessivamente, passá-las-ei em revista.
Leitura de pensamento - Tal fenômeno parece bem estabelecido nos estados hipnóticos e mediúnicos. Ao menos, é a mais cômoda explicação para muitos fatos; e bastante cômoda, haja vista que dela se abusa singularmente. Até certo ponto, no estado de vigília parece ela possível, ou, ao menos, num estado de hipnose ou de auto-hipnose bastante superficial para que passe despercebido.
Fora do campo da hipnose e do mediunismo, contudo, a leitura do pensamento raramente é observada de modo satisfatório necessário - fique bem entendido - excluir os casos de pretensas leituras de pensamentos obtidos com o contato do agente e do sujet, casos esses que mais não são do que adivinhação por movimentos inconscientes.
Sugestão mental - Sua possibilidade e realidade são estabelecidas de modo mais rigoroso.
Pode uma ordem sugestiva de o magnetizador ser transmitida pela simples tensão da vontade, estando o sujet em estado de hipnose, sem qualquer manifestação exterior.
A sugestão mental pode efetuar-se a distância, às vezes a grandes distâncias, e através de obstáculos materiais.

Acervo Virtual Espírita

Telepatia

A telepatia consiste essencialmente na ocorrência de uma impressão psíquica intensa, que se manifesta em geral inopinadamente, numa pessoa normal, seja durante o estado de vigília, seja durante o sono, impressão que - como se observa - está acorde com um acontecimento desenrolado a distância.
Essa impressão psíquica ora constitui todo o fenômeno, ora se faz acompanhar de uma visão aparentemente objetiva e exterior ao percipiente.
A telepatia pode ser espontânea ou experimental.
a) Telepatia espontânea - Subdivide-se em:
1. Relativa a um acontecimento futuro iminente - Casos de pressentimentos, premonições, visões premonitórias e aparições de moribundos.
2. Relativa ao presente ou a um passado recente - Casos de visões nítidas ou de adivinhação de acontecimentos afastados (no estado normal). Casos de aparições de moribundos, seja no momento preciso do passamento, sejam alguns instantes, horas ou dias mais tarde. Casos de aparições de vivos, mergulhados em geral num sono anormal ou patológico (letargia, delírio febril, crise nervosa, etc.). Com freqüência, o fenômeno diz respeito a uma pessoa unida ao percipiente por laços de afeição mais ou menos fortes.
Trata-se, em geral, de acontecimento desagradável; raramente é episódio feliz e, excepcionalmente, alguma coisa de indiferente.
Em linhas gerais, o fenômeno telepático é inesperado. Amiúde alcança pessoas efetivamente alheadas, por gosto e por ocupações, do maravilhoso, criaturas essas que, raramente, são por mais de uma vez influenciadas em suas vidas. E ele as atinge seja no estado de vigília, seja, antes, durante o sono, por ele interrompido necessário notar duas características importantes no que toca ao fenômeno propriamente dito:
2-a) A visão telepática é, geralmente, assaz precisa; os pormenores relativos ao acontecimento, às circunstâncias ambientes, à vítima ou ao objeto da visão são indiscutivelmente exatos.
2-b) Nem à distância nem os objetos materiais obstam verdadeiramente a realização do fenômeno.
O seguinte é um terceiro característico, excepcional: a visão pode, simultaneamente, ou sucessivamente, afetar muitas pessoas; parece também afetar os animais, podendo, às vezes, deixar traços físicos em sua passagem.
Finalmente, a impressão telepática não afeta somente a vista, posto que haja visão aparentemente objetiva, mas também os demais sentidos (audição, tato).
b) Telepatia experimental - Esses casos, raros e pouco precisos, traduzem uma impressão psíquica produzida à distância sobre uma pessoa; e isso por outra pessoa, e simplesmente pela ação e força da vontade.

Acervo Virtual Espírita

Poder-seria, às vezes, provocar uma verdadeira visão de qualquer modo, imperioso reconhecer que a telepatia experimental encontra-se longe de ser estabelecida de modo tão nítido quanto à espontânea.
Explicação das ações de pensamento a pensamento.
A explicação que propomos é, geralmente, a seguinte: haveria transmissão de vibrações de um cérebro a outro cérebro.
Às vezes, nos casos de telepatia, haveria, ainda mais, produção de uma alucinação reflexa, dita verídica, porque seria a projeção exata da realidade telepaticamente percebida.
Evidentemente, essa explicação é racional, embora seja insuficiente. Nem tudo ela explica.
Uma primeira dificuldade, par ela levantada, é a relativa ao modo de transmissão das vibrações cerebrais.
Qual é o transmissor físico intermediário? O éter ambiente, dir-se-ia. Vá lá.
Mas, como então se explica que nem à distância nem os obstáculos materiais exerçam influência apreciável e constante sobre essa transmissão de vibrações?
Como pode ela ser, às vezes, retardada por muitas semanas, à semelhança do que acontecem em certos casos telepáticos produzidos dois meses depois da morte do cérebro, de onde teria partido a comunicação?
Finalmente, por que essa comunicação de um cérebro a outro só é possível em estados anormais, salvo quando se trata de fenômenos elementares e pauto precisos? Geralmente se dão durante o sono, durante a doença ou em estados acidentais que se façam sentir pelo menos sobre um dos sujeitos: o receptar ou o transmissor.
Aí se encontram as sérias dificuldades, muito embora seja fácil chegar ao alvo, completando-se a hipótese. Para que tudo se compreenda, é suficiente recorrer-se à explicação a nós já imposta: a da exteriorização.
Nas ações de pensamento a pensamento, dá-se primeiramente, e antes de tudo, exteriorização de força, inteligência, sensibilidade; ao menos num ou noutro sujet, transmissor ou receptor. É por isso que um deles se deve achar no estado que torne possível a exteriorização (sono, letargia, acidente mortal, hipnose, auto-hipnose por tesão da vontade, etc.). Desde então, a comunicação é possível por transmissão, depois da exteriorização por meio do éter, ou seja, pela projeção e ação a distância por parte da força exteriorizada.
Mais adiante, tentarei ensaiar uma teoria completa sobre a telepatia; aqui, apenas verifico a importância explicativa essencial da hipótese exteriorização.
Uma última ressalva, enfim, se impõe: A influência do pensamento sobre o pensamento é raramente acessível à vontade consciente. A telepatia escapa-lhe quase inteiramente. A leitura do pensamento, fenômeno quase banal nos estados hipnótico e mediúnico é, na vida normal, de caráter verdadeiramente excepcional e, mesmo nesse caso, seu mecanismo é subconsciente.

Acervo Virtual Espírita

Dá-se apenas o fato de que a sugestão mental é o produto da vontade consciente do magnetizador, embora seja bom ressaltar que ela não age sobre a personalidade normal do paciente, senão sobre e por meio de suas faculdades hipnóticas.
É necessário concluir que, não somente a ação de pensamento a pensamento não prescinde da hipótese explicativa exteriorização, como também daquela que aborda a subconsciência. A possibilidade de ação de pensamento a pensamento é, antes de tudo, uma propriedade da subconsciência, dessa subconsciência superior capaz de agir fora do organismo.
Em certas circunstâncias, apenas acessória e excepcionalmente, pode ser acessível à consciência normal.

IX. O MEDIUNISMO

Sabe-se que sob essa rubrica, Aksakof propõe à compreensão todos os fenômenos ordinariamente chamados espíritas. Tal denominação tem a vantagem de aplicar-se exclusivamente à explicação dos fenômenos.
Não me estenderei sobre as numerosíssimas pesquisas sobre este assunto, levadas a efeito de modo perfeitamente conclusivo por sábios ou por grupos de sábios de todos os países.
Apenas recordarei:
a) que somente as criaturas que não conhecem o tema teórica nem experimentalmente continuam a negar os fenômenos dessa ordem;
b) que esses fenômenos se revestem de uma objetividade facilmente demonstrável e não somente explicável pela fraude, a ilusão ou a alucinação;
c) que nada têm de sobrenatural, podendo ser interpretados de modo perfeitamente racional e satisfatório.
O mediunismo compreende fenômenos físicos e fenômenos intelectuais.
Aqueles são os seguintes: Movimentos de objetos com ou sem contato. - Raps ou pancadas. - Escrita automática do médium - Fala automática (psicofonia). Escrita direta sem operador visível.
Sensações objetivas de contatos da parte dos assistentes.
Visões de clarões e de formas orgânicas materializadas que podem deixar traços físicos (impressões, fotografias).
Fenômenos de desorganização sobre a matéria. Desmaterializações, transportes.
Não retornarei à descrição desses fenômenos, em grande parte realizada nos capítulos precedentes. Estender-me-ei somente sobre os fenômenos intelectuais.
FENÔMENOS INTELECTUAIS DO MEDIUNISMO. - PERSONALIDADES MEDIÚNICAS - Sabe-se que os fenômenos físicos da

Acervo Virtual Espírita

mediunismo são dirigidos por uma inteligência diferente, em aparência, da do médium.
E possível colocar-se em comunicação com essa inteligência diretora, seja por sinais convencionados (movimentos de objetos, pancadas, etc.), seja pela escrita eu pela fala automática do médium; ou até, mais raramente, pela escrita ou pela voz direta.
As manifestações intelectuais obtidas por esses diversos processos são variáveis, tanto em importância como em valor. Às vezes, são elementares, pouco precisas, incoerentes. Compõem-se de elementos disparatados, lembrando os dos sonhos comuns; outras vezes, integram-nas noções, voluntariamente ou não, sugeridas pelos assistentes, bem como conhecimentos advindos do próprio médium, mesmo que inesperados e fora de seu campo de atividade psíquica habitual.
São manifestações desse jaez as que se obtêm, às vezes mais, às vezes menos, o mais freqüentemente pelos movimentos da mesa, com o contato. Nesses casos, sabe-se do possível papel dos movimentos inconscientes dos assistentes.
Já em outros casos mais complexos, observa-se a manifestação de personalidades ainda elementares, se bem que já possuidor de certo grau de autonomia, capazes de conhecimentos e detentoras de faculdades mais ou menos extensas, às vezes mesmo faculdades supranormais rudimentares; essas personalidades ainda se apresentam dotadas de memória e capacidade imaginativa e inventiva, etc.
Não se trata de personalidades completas, possuidoras de todas as capacidades e de toda a autonomia que se acham no conceito desses termos; o que se observa é uma meia personalidade, uma subpersonalidade mais ou menos digna de nota, com simples e efêmera aparência de independência e de realidade.
As manifestações psíquicas importantes, ao contrário, revelam verdadeiras personalidades mediúnicas, cujo estudo deve ser cuidadoso, não obstante a idéia que se alimente a respeito de sua origem.
Os principais distintivos das personalidades mediúnicas são:
1 - Autonomia e independência aparentes;
2 - Diferença assaz nítida - em faculdades e conhecimentos - da personalidade normal do médium;
3 - Pretensão quase constante dessas personalidades em serem os espíritos dos mortos.
Tomemos esses três pontos, sucessivamente.
1) Autonomia e independência aparentes - As personalidades mediúnicas são, em aparência, independentes do médium. Com efeito:

Acervo Virtual Espírita

a) Acham-se absolutamente desvinculadas da vontade e do conhecimento do sujeito normal e, salvo exceção, só se manifestam pela obnubilação dessa vontade e desse conhecimento pelo sono mediúnico.
b) Têm um caráter muito fixo e permanente. Seus elementos psíquicos constitutivos são tão permanentes quanto os de uma personalidade viva, mas é sempre idêntica em suas diversas manifestações, qualquer que seja o modo de comunicação.
Em alguns casos manifestam-se de modo idêntico, com médiuns diferentes e estranhos uns aos outros.
c) São originais em seus conhecimentos e em suas faculdades, como, mais adiante, demonstrarei.
Em seguida, é no pelo fato de dirigirem o bel-prazer a produção dos fenômenos físicos. São-no, ainda, pela duração total de suas manifestações. Com efeito, chega a acontecer que - após haverem aparecido espontaneamente por certo tempo - desaparecem subitamente, para não mais regressarem. Quando isso ocorre, a duração de suas ações é por elas mesmas anunciada. Finalmente, por um mesmo médium podem manifestar-se personalidades muito diferentes.
As personalidades mediúnicas são, portanto, verdadeiramente autônomas e independentes, em aparência, do médium.
2) Caráter geral. - Faculdades e conhecimentos das personalidades mediúnicas - i3e um modo freqüentemente nítido, essas personalidades diferem da personalidade normal do médium. Os traços comuns que com estas últimas apresentam têm pouca importância - uma vez que existem -; as dessemelhanças, por sua vez, são muito acentuadas.
Verificam-se essas diferenças: no caráter geral, observando-se o conjunto psíquico; nas faculdades e capacidades; nos conhecimentos.
a) Diferenças no caráter geral - São inferiores ou superiores à personalidade normal do médium. Os sentimentos e idéias são, às vezes, contrários aos seus. As manifestações podem ser hostis ao médium, ou contrárias à sua vontade. Os diversos modos de expressão do pensamento, por exemplo, a escrita, é diferente dos do médium.
b) Diferenças nas faculdades e capacidades - Não me refiro às faculdades de lucidez, de ação motora e organizadora sobre a matéria, ou de ação de pensamento a pensamento. Já disse e já repeti que essas faculdades não pertenciam à personalidade normal do médium. Somente me ocuparei das faculdades e das capacidades intelectuais da mesma essência que as do sujet normal, se bem que de potência e de natureza diferentes (memória, capacidades de operações psíquicas diversas, capacidades artísticas, científicas, profissionais, etc.).
Observar-se-á, por exemplo, a produção mediúnica de desenhos de fundo bastante artístico, não possuindo o médium qualquer noção dessa arte; ou

Acervo Virtual Espírita

mesmo, a produção de notáveis obras literárias por um médium de inteligência medíocre e sem instrução (o médium é, às vezes, uma criança de pouca idade ou mesmo uma criança de mama!).
c) Diferença nos conhecimentos - Finalmente, as personalidades mediúnicas dão prova de conhecimentos verdadeiramente ignorados pelo médium.
Ora se trata de simples conhecimento de um fato ou acontecimento sobre o qual o médium, sem sombra de dúvida, não pode ser instruído pelas vias sensoriais habituais; ora são conhecimentos complexos, científicos, profissionais, etc., ou noção precisa de um idioma que o médium não aprendeu e que é incapaz de manejar ou compreender, no seu estado normal.
Esses casos em que o médium, em transe, se utiliza de idioma j amais aprendido apresentam enorme importância necessário cuidadosamente distingui-los dos fatos nos quais pacientes hipnóticos ou mediúnicos balbuciam - as mais das vezes sem compreender e de modo automático - citações de um idioma estrangeiro que, em dado momento de suas vidas, momento esse já esquecido, impressionaram os seus sentidos.
Sabe-se que o Prof. Flournoy atribui à utilização do sânscrito, no famoso caso de Helen Smith, ao vulgar e banal fenômeno de criptomnésia, supracitado. Mas, apesar de minuciosas pesquisas, não se pôde descobrir a origem desse conhecimento lingüístico. Do mesmo modo, não foram tentadas experiências sistemáticas no sentido de aprofundar seu valor e sua extensão reais.
Além disso, os argumentos que o eminente psicólogo expôs com tanto brilho e sedução não parecem decisivos. O que acontece é coisa bem diversa, das mais nítidas e precisas, das que não deixam lugar a nenhuma dúvida, demonstrando a realidade possível do conhecimento de idiomas ignorados pelo médium, por parte das personalidades mediúnicas. (Examinar, sobretudo, o livro de Aksakof.)
3) A terceira importante característica das personalidades mediúnicas é sua pretensão de serem espíritos dos mortos.
Essa pretensão apóia-se sobre certo número de provas, mais ou menos completas, das quais as principais são:
a) em casos de materialização, a semelhança no todo e nos pormenores com o defunto, tal qual ele era em seus últimos tempos de vida;
b) a memória de sua característica (idioma, conhecimentos, faculdades, estilo, letra, caráter geral, idéias, fatos pessoais, etc.).
c) os característicos são, às vezes, enumerados na ausência de qualquer pessoa que haja conhecido o defunto;
d) depois de investigação, freqüentemente os pormenores são reconhecidos como exatos;
e) em casos mais raros, a personalidade comunicante apresenta-se como sendo o espírito de um vivo adormecido, em letargia, doente, etc., fornecendo provas análogas às precedentes.

Acervo Virtual Espírita

EXPLICAÇÃO DO MEDIUNISMO

E possível à explicação de todos os fenômenos mediúnicos pelas únicas noções já conhecidas da exteriorização e da subconsciência (estando a hipótese espírita provisoriamente sob reserva)?
De fato, parece que isso seja, a rigor, possível, sob a condição de pouco aprofundamento em certos pormenores, sobre os quais retornarei; uma segunda condição é a da atribuição de um considerável desenvolvimento a esses fenômenos de exteriorização e de subconsciência.
Todos os fenômenos físicos podem ser explicados pela exteriorização, desde que se admita a Complexa Exteriorização de sensibilidade, força, matéria e inteligência, bem como de uma potente faculdade de organização e de desorganização sobre a matéria.
A subconsciência pode explicar a influência diretora dos fenômenos e todas as manifestações intelectuais, desde que se admita uma subconsciência superior bastante complexa, muito diferente da subconsciência clássica, ainda mais diferente da consciência normal por suas faculdades e por seus conhecimentos, com freqüência muito mais importantes e vastos, englobando completas personalidades múltiplas, ignoradas pela personalidade normal. E mais: sob a condição de atribuir à subconsciência superior extensa faculdades de leitura de pensamento e de clarividência, a ponto de lhe permitirem conhecimento de tudo o que concerne aos pretensos espíritos, cujas manifestações simulam.
Está claro que, se atribuirmos semelhante desenvolvimento aos fenômenos de exteriorização, e tal poder à subconsciência, tudo se pode explicar, a par das intervenções dos espíritas. Apenas, tais soluções não suportam grandes aprofundamentos. Por exemplo, eis uma imediata objeção: relativamente à origem dos fenômenos, é necessário admitir-se um erro voluntário ou involuntário da subconsciência, quase constante, uma vez que ela atribui aos espíritos dos mortos o que na realidade dela mesma promana.
Passemos, portanto, sobre semelhantes dificuldades, e admitamos provisoriamente a interpretação exclusiva do mediunismo pela exteriorização e pela subconsciência superior.
Inevitavelmente, seremos levados a deduções essenciais, que permitirão a compreensão de tudo.

X. RESUMO DAS VERIFICAÇÕES E HIPÓTESES RELATIVAS AOS FATOS OBSCUROS DE PSICOLOGIA NORMAL E ANORMAL

Acervo Virtual Espírita

Se lançarmos uma vista panorâmica sobre o estudo que acabamos de realizar notará que fomos conduzidos à redução dos fatos obscuros de psicologia normal e anormal a duas grandes categorias gerais
1 - Os fatos explicáveis pela hipótese exterioriza
2 - Os fatos explicáveis pela hipótese subconsciência superior.
A hipótese exteriorização impõe-se pela verificação de fenômenos de ação sensível, motora e organizadora, fora do organismo e por ações de pensamento a pensamento. Não haveria contra ela qualquer combate sério.
A hipótese subconsciência superior sugere-se-nos pela constatação de faculdades e conhecimentos diferentes, pela importância, extensão e características gerais, das conhecidas manifestações da subconsciência automática.
Evidentemente, esta última hipótese há de ser refutada a priori por muitos psicólogos que, com certeza, contra ela não deixarão de invocar a habitual questão de princípio, enquanto se recusam a admitir duas origens diferentes para dois fenômenos, para eles, da mesma essência. No entanto, fenômenos da subconsciência inferior e os da superior apresentam, na verdade, um só traço comum: escapam à consciência normal.
Mas, contrariamente, acham-se separados por diferenças essenciais; não é, por exemplo, evidente que os sonhos corriqueiros, mais ou menos incoerentes, nada apresentam em comum com os sonhos lúcidos ou a inspiração genial? Do mesmo modo, não estão claro que as pseudopersonalidades de origem sugestiva, sem originalidade, não poderiam ser confundidas com as verdadeiras personalidades subconscientes, providas estas últimas de uma vontade autônoma e de faculdades e conhecimentos elevados e originais? . . . Às vezes, faculdades transcendentes, até capazes de ação extra corporal, no mediunismo?
Como, dentro da lógica, vincular manifestação extra-orgânicas ao automatismo orgânico? A distinção de duas categorias de fenômenos subconscientes parece, portanto, perfeitamente natural. Ei-la:
1) Fenômenos única e simplesmente devidos ao automatismo psicológico (sonhos, pseudopersonalidades hipnóticas, etc.).
2) Fenômenos originais, revelando uma espécie de subconsciência superior, cuja essência e origem permanecem incógnitas, muito mais vasta, importante e misteriosa que a subconsciência inferior automática.
Sua concepção não constitui menos do que uma hipótese bastante verossímil, ou seja, sua existência real ou ilusória, hipótese essa natural e logicamente deduzida de fatos incontroversos. E sua existência, nós o veremos, será capaz de nos fazer compreender todas as dificuldades psicológicas.
A mim, portanto, será legítima a utilização dessa hipótese na continuação de meu trabalho; eis o caminho que seguirei: antes de mais nada, o problema da

Acervo Virtual Espírita

subconsciência superior, deixando provisoriamente de lado o que tange à subconsciência inferior automática.
Estudarei as relações que possam unir as duas novas hipóteses: a da exteriorização e a da subconsciência superior. Em seguida, procurar-lhes-ei a explicação e a teoria. Retomarei, por fim, numa síntese geral, os fatos obscuros de psicologia normal e anormal, para tentar conceder-lhes uma interpretação completa, segundo os dados novos.

CAPITULO TERCEIRO

INTERPRETAÇÃO DAS HIPÕTESES NOVAS: EXTERIORIZAÇÃO. SUBCONSCIENCIA SUPERIOR

Sumário: I. Relações da exteriorização e da subconsciência superior. - São dois aspectos de uma só manifestação. - Hipótese do ser subconsciente exteriorizável. - Caracteres conhecidos do ser subconsciente exteriorizável. - Caracteres orgânicos. - Faculdades. - Conhecimentos. II. Origem do ser subconsciente exteriorizável. - o ser subconsciente exteriorízável produto do funcionamento cerebral? - Exame rigoroso desta hipótese. - Esta hipótese deve ser rejeitada como irracional, insuficiente, contraditória com certos fatos. III. Pesquisa da origem do ser subconsciente exteriorizável pela análise de seus conhecimentos. - O ser subconsciente é produto sintético de uma série de consciências sucessivas que nele se fundiram.- Consciência e subconsciência superior. - Seu papel e seu relacionamento recíproco. - O ser subconsciente é a individualidade permanente, preexistente e sobrevivente.

I. RELAÇÕES DA HIPÓTESE EXTERIORIZAÇAO E DA HIPÓTESE SUBCONSCIENCIA SUPERIOR

As relações entre o fenômeno geral exteriorização e o fenômeno geral subconsciência superior são evidentes.
Recordo, para melhor aproveitar essas relações, as principais verificações relativas a um e a outro:
1 - Exteriorização - Pode uma quantidade da força, da inteligência e da matéria ser exteriorizada do organismo, agir, perceber; pensar, organizar, fora dos músculos, dos órgãos dos sentidos e do cérebro.
Na maior parte das vezes, essa exteriorização só é possível por meio dos estados hipnótico, sonambúlico, mediúnico, e durante eles.
Em geral, a força inteligente exteriorizada escapa à vontade e à consciência normais, submetendo-se à direção da subconsciência.
2- Subconsciências superiores - Há em nós um conjunto de faculdades e de conhecimentos subconscientes que se distinguem nitidamente das

Acervo Virtual Espírita

manifestações da subconsciência automática, em psicologia classificada e descrita por sua extensão, sua originalidade, sua autonomia e sua característica, geral.
Elas constituem uma consciência superior que, em maior parte, só é apreciável nos estados hipnótico, sonambúlico, mediúnico, e pelos fenômenos de exteriorização que dirige.
Como se vê, as relações da exteriorização com a subconsciência superior são constantes. Mesma origem: os estados psíquicos anormais. Mesmo modo de manifestação. Mesma independência da vontade consciente. Dependência estreita e recíproca: a exteriorização e a subconsciência superior manifestam-se uma com a outra e uma pela outra.
Impõe-se a seguinte conclusão:
A exteriorização e a subconsciência superior são dois aspectos, inseparáveis, da mesma manifestação psíquica. Conseguintemente, nossas duas hipóteses reduzem-se logicamente a uma única, que assim podemos expor:
Pode uma porção da força, da inteligência e da matéria ser exteriorizada do organismo, e agir, perceber, organizar e pensar independente dos músculos, dos órgãos do sentido e do cérebro. Ela outra coisa não é senão a porção subconsciente elevada do ser. Constitui verdadeiramente um ser subconsciente exteriorizável, coexistente no eu com o ser consciente normal.

INTERPRETAÇÃO DA SUBCONSCIÊNCIA EXTERIORIZÁVEL

- Podemos, agora, pesquisar qual a origem, a natureza íntima e o papel do ser subconsciente exteriorizável; em uma palavra, verificações positivas, das quais ainda nos não libertamos, de onde retirar todas as deduções compatíveis com o método científico. Imediatamente, resumo essas prefaladas verificações.
A observação, o ser subconsciente exteriorizável apresenta de essencial:
Caracteres orgânicos;
Faculdades;
Conhecimentos.
Principais caracteres conhecidos do ser subconsciente exteriorizável:
Caracteres orgânicos - Substrato de substância fluídica, servindo de veículo à força, à sensibilidade e à inteligência subconscientes.
Essa substância fluídica é homogênea, inacessível aos sentidos normais, imponderável, capaz de atravessar os obstáculos materiais, suscetível de ser parcialmente projetada para bem longe do sujeito. É visível para os sensitivos, no estado de hipnose. É, pela pesquisa metódica da sensibilidade exteriorizada, acessível às investigações do magnetizador. Essa sensibilidade parece esparramada sobre toda a superfície, e condensa os diversos sentidos do sujet num sentido único.

Acervo Virtual Espírita

Sob a influência da vontade subconsciente, a substância fluídica pode ser modelada de diversas formas. Às vezes, em sua exteriorização, carrega consigo moléculas orgânicas; pode, então, dizer respeito à vista e aos outros sentidos de uma pessoa qualquer. As moléculas assim conduzidas são como a própria substância fluídica, modeláveis pela inteligência subconsciente.
Finalmente, no estado normal, a substância fluídica exteriorizável irradia mais ou menos longe da periferia do organismo, somente se exteriorizando nos estados hipno-mediúnicos.
Faculdades do ser SUBCONSCIENTE - O ser subconsciente apresenta dois tipos de faculdades.
A primeira categoria compreende as faculdades e capacidades psíquicas análogas, como essência, às faculdades conscientes, e dessas apenas se diferençando pelo grau de potência e por sua submissão a uma vontade que não é a do sujet normal.
A segunda categoria compreende as faculdades ditas transcendentais
a) faculdades de ação à distância (sensibilidade, visão, motricidade);
b) faculdades de ação de pensamento a pensamento;
c) faculdades organizadoras e desorganizadoras sobre a matéria;
d) finalmente, lucidez.
Conhecimentos do ser subconsciente - Esses conhecimentos devem ser divididos em dois grupas;
1 - Conhecimento adquiridos pelas vias sensoriais normais.
2 - Conhecimento não advindos dessas vias.
O primeiro grupo deve ser subdividido, compreendendo:
a) as noções que foram adquiridas com conhecimento de causa e esquecidas e transferidas para a subconsciência. Sabe-se que ainda as aquisições insignificantes, esquecidas depois de muito tempo, podem ser reencontradas sob influências emotivas ou anormais;
b) os conhecimentos adquiridos pelas vias sensoriais normais, mas à revelia do ser consciente. Toda o que pode atingir nossos sentidos pode reencontrar-se na subconsciência.
O segundo grupo compreende todos os conhecimentos que não puderam ser adquiridas pelas vias sensoriais normais.
Dentro desse esquema acha-se a noção nítida de acontecimentos afastados, passados ou futuros, que o ser consciente não pode aprender nem direta nem indiretamente. No mesmo rol estão, sobretudo, as aquisições psíquicas complexas, que não podem ser devidas ao ser consciente, e por ele ignoradas: conhecimentos científicos, artísticos, literários, profissionais, etc., nunca aprendidos. Conhecimento preciso de um idioma ignorado pelo sujet normal, e assim por diante.
Agora que o ser subconsciente exteriorizável já nos é suficientemente conhecido, podemos tentar descobrir-lhe a essência íntima e a origem.

Acervo Virtual Espírita

II. ORIGEM DO SER SUBCONSCIENTE EXTERIORIZAVEL

E indispensável à abstração do imenso interesse que essa pesquisa apresenta, para bem conduzir-lhe a marcha; é imprescindível deixar momentaneamente de lado qualquer opinião filosófica preconcebida, e seguir pari passo o método científico.
Conforme esse método, que prescreve se vá sempre do conhecido ao desconhecido, devemos primeiramente ensaiar a adaptação da explicação psicológica da consciência normal, geralmente aceita, à interpretação da subconsciência.
Em outras palavras, devemos perguntar a nós mesmos: Pode o funcionamento dos centros nervosos, ao qual se atribuem às manifestações da consciência normal, de igual modo explicar as manifestações da subconsciência exteriorizável?
É nesse ponto, nos recordamos que, só na possibilidade de preenchimento das condições adiante enumeradas, conforme o método científico deverá qualquer hipótese ser aceita. Eis as condições
1- ser logicamente deduzida das verificações positivas;
2- ser suficiente;
3- não estar em contradição com nenhum fato.
E o que examinarei.
1 - logicamente deduzida a hipótese subconsciência superior exteriorizável como função dos centros nervosos?
Podemos guiar-nos pelas provas dadas pelos fisiologistas em favor da explicação da consciência pelo funcionamento cerebral, uma vez que a hipótese em questão se embasa sobre uma pretendida analogia entre a subconsciência superior e a consciência. Como sabemos, as provas dos fisiologistas são as seguintes (ver capítulo primeiro).
- estreita correlação entre a anátomo-fisiologia e a psicologia;
- atividade psíquica proporcional à atividade funcional;
- atividade psíquica inseparável do funcionamento orgânico.

Ora, as condições de manifestação da subconsciência superior são inversas às da consciência: nada de correlação estreita existente entre a anátoma-fisiologia e as manifestações subconscientes elevadas.
Atividade subconsciente em razão inversa da atividade funcional, uma vez que sua condição essencial é o sono, isto é, o repouso orgânico (sono hipnótico, mediúnico ou natural).
Atividade subconsciente separável do funcionamento orgânico (exteriorização), e tanto mais forte quanto mais completa for a exteriorização.
Conseguintemente, se os argumentas levantados em favor da hipótese consciência é função do cérebro, se esses argumentos são lógicos e racionais,

Acervo Virtual Espírita

passam a impor uma conclusão contrária no que concerne à subconsciência, e forçam a admissão de que a subconsciência superior não é função do cérebro.
Parece-me o raciocínio irrefutável: há tantas presunções contra a hipótese subconsciência superior é função do cérebro, quantas existem em favor daquela que afirma: consciência é função do cérebro.
Prossigamos no estudo da hipótese funcional, colocando-nos num outro ponto de vista.
Escapando em maior parte à vontade e ao conhecimento do ser na sua vida regular, a função subconsciência - desempenhando simples e apagado papel na sua própria vida regular - seria uma função em grande parte inutilizada e inutilizável.
Ora, conforme a doutrina evolucionista, uma função em grande parte inútil não passa de função acessória e de fraca importância.
Mas, se - no que tange à subconsciência inferior - isso é verdadeiro, o mesmo não se poderia aplicar à subconsciência superior, mais elevada do que a normal, e cujos conhecimentos armazenados são infinitamente numerosos, e cujas faculdades transcendentais, de ação à distância e de lucidez, submetidas à vontade consciente, adquiririam uma imensa importância prática.
Se a subconsciência superior é uma função, ela o é ao mesmo tempo muito importante e em maior parte inútil; o que implica em contradição insustentável.
Último argumento contra a hipótese funcional: sabemos que uma das faculdades da subconsciência exteriorizável é o poder organizador e desorganizador sobre a matéria. Seria, portanto, mais lógico atribuirmos dependência do organismo ao poder organizador da subconsciência do que transformá-la em produto daquele.
Dessa série de argumentos advém a nítida conclusão de que:
A hipótese da subconsciência superior corno função dos centros nervosos é ilógica e irracional.
Ainda assim, e apesar de tudo, resta alguma dúvida? Deixemos o mencionado caráter ilógico da hipótese e submetamo-la aos outros crivos do método científico.
2 - Somos suficientes à hipótese subconsciência superior como função dos centros nervosos?
Ora, é fácil atinarmos com o fato de que essa hipótese nada explica: nem as fatos de exteriorização, nem as faculdades transcendentais, nem os conhecimentos subconscientes. E, uma vez admitida, implicaria num corolário inevitável: a confissão de ignorância e de impotência de parte da fisiologia para explicá-la.
3 - Enfim, não se acha a hipótese em contradição com qualquer verificação positiva? - Ao contrário, estão em contradição com certos fatos telepáticos realizados muitas semanas após a marte do sujet transmissor.

Acervo Virtual Espírita

Acha-se em contradição com certos fatos mediúnicos, tais como a verificação de faculdades e conhecimentos subconscientes e importantes nas crianças cujo cérebro mal inicia seu desenvolvimento.
Está, de fato, em contradição... Mas, sobretudo, com a verificação de conhecimentos subconscientes não adquiridos pelas vias sensoriais. Com efeito, se há um axioma que nenhum fisiologista renegará, este é o nihil est in intelectu quod non prius fuerit in senso (nada está no intelecto que não haja, primeiramente, estado no sentido). Conseguintemente, se a subconsciência é função cerebral, deve poder-se encontrar a origem sensorial de todos os conhecimentos que ela enconcha. Ora, isso não é possível.
Sabemos que, a par do grupo de conhecimentos subconscientes adquiridos pelas vias sensoriais, consciente ou inconscientemente, existe uma outra categoria de noções que - com toda a certeza - não provém dessas vias sensoriais. E essas - repito-o -, não são conhecimentos vagos e pouco precisos, conseqüentemente deixando lugar à dúvida quanto à sua origem, mas informações complexas, exatas e extensas: conhecimentos científicos, artísticos, profissionais, conhecimento perfeito de um idioma, etc., todas as aquisições psíquicas que não estão e nunca estiveram na consciência normal, e que - em alguns casos - são observáveis nas manifestações subconscientes de crianças de pouca idade, e até mesmo nas de mama!
Não há dúvida possível em qualquer dos casos acima: tais conhecimentos não provêm das vias sensoriais.
Estou a par de que certos sábios não deixarão de invocar, para evitai tal conclusão, a hipótese do Sr. Figuier (História do maravilhoso), ou seja, o resultado de uma exaltação moment&rcea das faculdades intelectuais. Esses sábios, no entanto, serão, simplesmente, o alvo de um equívoco. Trata-se de conhecimentos adquiridos, e não de faculdades ou de capacidades de apreensão. A sobre excitação da inteligência nada explica no concernente à posse dos elementos adquiridos, tão variados, como os de que necessita a prática de um idioma.
Na insuficiência das vias sensoriais e faculdades normais, invocar-se-á, para explicar essas aquisições subconscientes, a utilização das faculdades transcendentais?
A visão à distância e a leitura de pensamentos evidentemente podem buscar na subconsciência - e efetivamente o fazem - muitos dos seus conhecimentos anormais; mas, sua ação está longe de explicá-los a todos. De um modo geral, elas não dão conta de conhecimentos complexos.
Tomemos, por exemplo, o caso do conhecimento preciso de uma língua ignorada pela consciência normal. Pode admitir-se que o sujeito retire tal conhecimento do pensamento de um assistente? E se não houver nenhum assistente conhecedor do idioma? Ir-se-á, então, a ponto de invocar uma ação à distância sabre o pensamento de qualquer pessoa que o conheça? E se for o

Acervo Virtual Espírita

caso de uma língua morta? E se o sujet prova o conhecimento, não de uma, mas de muitas línguas que, em seu estado normal, igualmente ignora? Eis aí toda a inverdade da hipótese leitura de pensamento.
De igual modo, qualquer que seja a envergadura que atribuamos ao fenômeno de leitura do pensamento, não é admissível ter-se um sujeito como capaz de retirar de um cérebro estranho tudo o que é necessário para compreender, falar, utilizar uma língua que não ai aprendido. Sem dúvida, poderia enunciar termos ou mesmo frases nessa língua, mas sem os compreender, e, principalmente, sem saber deles servir-se para exprimir seu pensamento.
Hartmann considera que o sujet talvez pudesse falar uma língua de modo pormenorizado, mas somente sob uma sugestão direta: Os sonâmbulos, diz ele, podem pronunciar e escrever termos e frases em língua que não compreendem, se o magnetizador ou uma outra pessoa qualquer, colocada em relação com ele, pronuncia mentalmente, com a finalidade de imprimir sugestão, aqueles termos e aquelas frases; os sonâmbulos compreendem-lhes até mesmo o sentido, desde que a pessoa que lhes transmite a sugestão o compreenda e dele tire partido, enquanto pronuncia a mensagem, seja em voz alta, seja mentalmente.
Eis as estranhas condições que se impõem aos fatos que estudamos.
Como se vê, os conhecimentos da subconsciência não são os únicos que não podem ser atribuídos aos sentidos normais, havendo os que nem mesmo podem ser explicados pelas faculdades transcendentais dessa subconsciência.
Quanto ao resto, ainda que se tratasse de faculdades transcendentais, a dificuldade não seria resolvida, posto que elas mesmas não sejam explicadas pelo funcionamento dos centros nervosos. Invocar a utilização das faculdades de leitura do pensamento ou de lucidez para apoiar a hipótese subconsciência, função do cérebro, seria simplesmente esconder-se atrás de um equívoco.
Ainda restaria um recurso: o de declarar esses conhecimentos subconscientes, que não podem ser explicados pelas vias sensoriais atuais, hereditários ou atávicos; mas, com efeito, isso seria avançar demais dentro do que permite a lógica. Julgo inútil a discussão de tal hipótese.
Formalmente, pode concluir-se: a hipótese Subconsciência superior função do cérebro é:
- ilógica e irracional;
- insuficiente para a explicação dos fatos; - em contradição com muitos deles.
Deve, portanto, ser rejeitada sem reservas, como incompatível com o método científico.
Se a subconsciência superior não é função dos centros nervosos, qual é a sua origem? Qual a sua essência íntima? Sobretudo nessa pesquisa que se faz mister o acompanhamento, par a par, do método científico. Para irmos do conhecido ao desconhecido, nosso único guia será a análise rigorosa, do ponto de vista original, das faculdades e dos conhecimentos subconscientes.

Acervo Virtual Espírita

Já sabemos que eles podem ser divididos em dois grupos:
1 - Faculdades e conhecimentos adquiridos, conscientemente ou não, pelas vias sensoriais, incursionando da consciência normal à subconsciência, que os armazenou e conservou.
2 - Faculdades e conhecimentos que não puderam ser adquiridos pelas vias sensoriais.
A verificação dos contidos no primeiro grupo prova que a subconsciência superior é, em parte, constituída pelas aquisições totais da consciência, e que contém todos os antigos atributos desta última, ou, em outros temas: que uma porção dos elementos psíquicos da subconsciência superior foi previamente elementos psíquicos da consciência.
Podemos, desde já, partindo dessas verificações, deduzirem uma hipótese racional para explicar as faculdades e os conhecimentos do segundo grupo e, em seguida, a origem total da subconsciência. Foi uma simples generalização que nos levou a essa hipótese.
Percebemos que uma dada porção dos elementos psíquicos subconscientes foram preliminarmente elementos psíquicos conscientes, pelo que estamos no direito de supor que todos os elementos psíquicos subconscientes foram anteriormente (elementos psíquicos) conscientes.
Isso implica na conclusão última de que os atributos da subconsciência que não provêm das vias sensoriais e da consciência atual originam-se das vias sensoriais e de consciências anteriores à atual. Tala hipótese que se apresenta investida de lógica se nos basearmos no axioma: nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu.
Isso pode ser, com mais clareza e simplicidade, expresso nos seguintes termos:

III. O SER SUBCONSCIENTE EXTERIORIZAVEL É O PRODUTO SINTÉTICO DE UMA SÉRIE DE CONSCIENCIAS SUCESSIVAS QUE NELE SE EMBASAM E QUE POUCO A POUCO O CONSTITUÍRAM

Tal a hipótese que pode ser proposta para substituir a da f unção cerebral, que nos vimos forçados a abandonar.
Nada mais resta senão submetê-la a crítica análoga, e pesquisar se a nova hipótese é lógica e racional, é suficiente e se está em contradição com algum fato.
Essa terceira condição acha-se certamente preenchida; seja no domínio da psicologia normal ou anormal, seja no domínio das outras ciências, buscar-se-á em vão um só fato nitidamente contrário à nova hipótese.
Não menos certo é seu caráter lógico e racional: nada de mais lógico que o se suporem todos os conhecimentos adquiridos pela via sensorial.

Acervo Virtual Espírita

Nada mais racional que o se fazer depender a superioridade do ser subconsciente sobre o consciente de seu desenvolvimento mais considerável (ele seria superior porque teria todas as aquisições da consciência atual mais as das consciências anteriores). Nada de mais racional o se supor esse desenvolvimento efetuado lenta e progressivamente nas existências sucessivas, sem nada possuir de misterioso.
Ainda sob um outro ponto de vista a hipótese é racional.
Posto que o ser subconsciente não seja função atual do organismo e posto que lhe seja independente, forçosamente deve preexistir e sobreviver a esse organismo.
Ora, como a natureza tira o melhor partido possível das forças que se acham à sua disposição, economizando e evitando qualquer produção de forças novas, é lógico pensar que utilize a força-inteligência subconsciente em organismos sucessivos, com os quais e pelos qual essa força-inteligência se desenvolve, sendo-lhes, por sua vez, o meio de desenvolvimento.
Mas, será isso suficiente?
De fato, explica satisfatoriamente a presença de todas as faculdades, de todos os conhecimentos subconscientes de idêntica natureza das faculdades e dos conhecimentos conscientes; mas, no que toca às faculdades transcendentais, especialmente à lucidez, deixa muito a desejar; a essência metafísica do ser subconsciente, sua natureza íntima nela não encontram explicação. Essa dificuldade é ainda nos dias de hoje, cientificamente insolúvel (ver a segunda parte).
Quanto às faculdades transcendentais, pode-se, acompanhando Myers, admitir que seja o produto não da evolução terrestre, mas de uma outra, extra planetária, que lhe seria correlata. Nossa vida humana, diz ele, existe e manifesta sua energia num mundo material e num mundo espiritual, concomitantemente. Desenvolvendo-se a partir dos ancestrais inferiores, a personalidade humana diferenciou-se em duas fases, das quais uma adaptada às necessidades materiais e planetárias, e a outra à existência espiritual e cósmica.
As faculdades transcendentais, utilizadas e desenvolvidas pelo ser durante suas fases de liberação, de separação relativa ou completa da vida orgânica, permaneceriam latentes ou inutilizadas durante as fases normais da existência terrestre.
Após esse estudo analítico do ser subconsciente, seja-nos permitido empreender a exposição sintética das novas noções e desenvolver as induções que elas sugerem. Veremos mais e mais se afirmar o caráter lógico e racional de nossa concepção.
Posteriormente, tentaremos a completa interpretação de todos os fatos obscuros por meio dessas novas noções.

Acervo Virtual Espírita

CAPITULO QUARTO

TEORIA SINTÉTICA DA PSICOLOGIA SEGUNDO AS NOVAS NOÇOES

Sumário: I. Concepção geral dos fenômenos psicológicos. - Os dois psiquismos. - Sua natureza e papel. II. Interpretação dos fatos obscuros de psicologia normal. III. Interpretação das neuroses. IV. Interpretação dos casos de personalidades múltiplas. V. Teoria dos sonos. VI. Teoria do hipnotismo, da sugestão, da sugestibilidade. VII. Explicação das ações à distância e das ações de pensamento a pensamento. VIII. Explicação da telepatia. IX. Explicação da lucidez. X. Teoria do mediunismo. XI. Conclusão e resumo geral.

I. CONCEPÇAO GERAL DOS FENOMENOS PSICOLOGICOS. OS DOIS PSIQUISMOS. SUA NATUREZA E SEU PAPEL

No eu, as novas verificações psicológicas e a nova hipótese mostram-nos todo um mundo dos mais complexos elementos psíquicos. O conhece-te a ti mesmo é infinitamente mais importante e mais difícil do que se supunha. O ser pensante será constituído de duas categorias distintas de elementos psíquicos:
1 - Os provenientes do funcionamento dos centros nervosos e que constituem o psiquismo cerebral, ou psiquismo inferior (para empregar uma terminologia que mais adiante reencontraremos, na análise de uma doutrina atualmente em voga).
2 - Os elementos independentes do funcionamento dos centros nervosos, pertencendo ao ser subconsciente e constituindo o psiquismo superior.
O ser consciente normal é constituído da colaboração íntima desses dois psiquismos.
A ação isolada de um ou de outro é uma ação subconsciente, ou seja, em maior parte inacessível ao conhecimento e à vontade diretos e imediatos do ser normal.
Com isso, compreendemos como aquilo a que se denomina subconsciência é de dupla natureza; como se deve distinguir a subconsciência inferior, produto do psiquismo inferior isolado, da subconsciência superior, produto do psiquismo superior, que é distinto.
A subconsciência superior - enquanto a inferior é relativamente simples e de fácil estudo -, é extremamente complicada. Com efeito, vimos que o ser subconsciente compreende:
a) elementos provenientes de uma evolução extra planetária da qual não tínhamos qualquer idéia precisa;

Acervo Virtual Espírita

b) elementos provenientes da evolução terrestre anterior, aquisições de personalidades sucessivas;
c) elementos provenientes de aquisições da personalidade atual.
Os diversos fenômenos da psicologia anormal, especialmente o mediunismo, provam que esses elementos não são incorporados, amalgamados em um bloco homogêneo, mas sim associados por grupos mais ou menos complexos na síntese psíquica. Esses grupos mentais constituem seja personalidades completas seja subpersonalidade capazes de se manifestarem isoladamente. Estando essas noções admitidas, compreenderemos facilmente o que se deve entender por psicologia normal e por psicologia anormal.
Psicologia normal - Sendo o ser consciente o produto da colaboração íntima dos dois psiquismos, sua atividade regular dependerá da correlação bem ordenada de todos os elementos constitutivos da síntese psíquica. Na vida normal haverá, portanto, subordinação do psiquismo inferior ao psiquismo superior e, sem dúvida, subordinação dos grupos mentais do psiquismo superior a um princípio central que constitui a parte essencial do eu, alma ou mônada principal, sobre cuja natureza metafísica pode discutir-se, embora com as noções novas seja bem difícil desconhecer-lhe a necessidade e realidade. Desse modo, acha-se realizada uma centralização psicológica estreita, graças à qual o ser subconsciente utiliza a bel-prazer as funções cerebrais, retirando o melhor partido possível das condições orgânicas. Todas as aquisições sensoriais ou passam do psiquismo inferior ao superior, ou são por estas assimiladas e sintetizadas em novas capacidades.
O ser subconsciente desempenha não somente o papel diretor e centralizador da personalidade atual, mas também uma tarefa capital na origem, no desenvolvimento e na conservação dessa personalidade. Sem dúvida, é ele quem a ela fornece suas faculdades inatas, suas predisposições intelectuais ou artísticas, e se esforça por adaptá-las ao funcionamento orgânico do melhor modo possível. Talvez, ainda, ou até mesmo provavelmente, desempenhe um papel no desenvolvimento do organismo, uma vez que goza - nós o sabemos - de uma faculdade organizadora sobre a matéria. Finalmente, mantém de um modo amplo, a presença da personalidade no meio da perpétua renovação molecular durante a vida.
Tal concepção do ser subconsciente permite a afirmação de que seu desempenho extremamente importante nada tem de automático, e sim a de que ele é desejado e raciocinado. Seu desconhecimento por parte da personalidade normal nada tem de extraordinário, visto que observamos, no caso das personalidades múltiplas, o conhecimento eventual manifestado pela mais elevada dentre elas a respeito de tudo o que tem ligação com as outras, embora sendo por esta inteiramente ignorada. Aqui, talvez se tratasse de um mecanismo análogo. Melhor ainda, pode reconhecer-se no ser normal o

Acervo Virtual Espírita

próprio ser subconsciente, simplesmente modificado por sua união com o organismo.
Adquire ele, nessa associação, novos caracteres, oriundos do psiquismo cerebral, e perde a memória de seu estado real, assim como a utilização direta das faculdades transcendentais e dos conhecimentos adquiridos anteriormente. Esse esquecimento, no entanto, não passa de relativo e momentâneo. O simples afrouxamento da centralização psicológica nos estados anormais, ou mesmo na vida normal, permite como mais adiante veremos certo ressurgimento das faculdades e dos conhecimentos latentes.
A ruptura total da colaboração dos dois psiquismos, o que acontece na morte, deve devolver ao ser subconsciente a utilização dessas faculdades e desses conhecimentos, utilização essa tanto mais perfeita quanto maior seja a sua evolução.
Em suma: o ser subconsciente (alma e seu psiquismo superior) seria o eu real, a individualidade permanente, síntese das personalidades transitórias sucessivas, produto integral da dupla evolução terrestre e extraterrestre.
Aksakof, partindo do Espiritismo, chega a uma opinião idêntica à que acabo de expor. E essa opinião acha-se expressa na seguinte página, que cito integralmente:
Graças aos trabalhos filosóficos do Barão L. Von Hellenbach e do Dr. Carl du Prel, a nação da personalidade adquiriu um desenvolvimento inteiramente novo; e já se aplanaram em muito as dificuldades que o problema espírita nos apresenta.
Até o presente momento, sabemos que nossa consciência interior (individual) e nossa consciência exterior (sensorial) são duas coisas distintas; que nossa personalidade, que é o resultado da consciência exterior, não pode ser identificada com o eu, que pertence à consciência interior; ou, em outros termos, o que chamamos nossa consciência não é o mesmo que nosso eu, portanto, necessário distinguir entre a personalidade e a individualidade. A pessoa é o resultado do organismo, e o organismo o é, temporariamente, do princípio individual transcendental.
No domínio do sonambulismo e do hipnotismo, a experimentação confirma esta grande verdade: desde que a personalidade, ou a consciência exterior, é adormecida, atenuada, surge um outro algo, um algo que pensa e que quer, e que não se identifica. Com a personalidade adormecida manifestando-se por seus próprios traços características. Para nós, é uma individualidade que não conhecemos; mas, ela conhece a pessoa que dorme e se recorda de suas ações e de seus pensamentos. Se quisermos admitir a hipótese espiritista, é claro que falamos desse núcleo interior, esse princípio individual, que pode sobreviver ao corpo; e tudo o que pertenceu à sua personalidade terrestre será para ele um simples trabalho da memória.
Myers não é menos afirmativo

Acervo Virtual Espírita

O eu consciente de cada um de nós, ou - como mais prazerosamente chamarei - o eu empírico ou supraliminal, está longe de compreender a totalidade de nossa consciência, e de nossas faculdades. Existe uma consciência mais vasta, faculdades mais profundas, das quais a maior parte permanece virtual, no que concerne à vida terrestre. . , e que novamente se afirmam na sua plenitude depois da morte.
Essa consciência mais vasta e mais profunda, que Myers denomina consciência subliminal, corresponde ao que chamei de ser subconsciente.
Há, no entanto, um ponto de afastamento entre minha concepção e a de Myers; ei-lo: sua consciência subliminal abarca tudo o que escapa à vontade consciente do ser normal, desde o automatismo orgânico das grandes funções vitais até às faculdades e nos conhecimentos transcendentais, passando pelo automatismo psicológico de ordem inferior. Os estados subconscientes, no seu sistema, são de mesma essência, mas se distinguem por seu grau de elevação psicológica.
De minha parte, já disse por que, contrariamente, julgo indispensável à distinção entre a subconsciência inferior, produto do automatismo dos centros nervosos, e a subconsciência superior, independente do funcionamento orgânico. Sem essa distinção capital, muitas objeções marcham contra o sistema idealista de Myers e contra o meu. O raciocínio obnubila-se e não mais se vê como se poderia atribuir uma origem e um fim diferentes a manifestações psíquicas que seriam da mesma natureza.
Psicologia anormal e dificuldades explicativas da psicologia normal - Acabamos de ver que as condições que presidem à atividade normal do ser consciente são: a correlação bem ordenada de todos os elementos psicológicos; a subordinação regular do psiquismo inferior ao psiquismo superior e, sem dúvida, a de grupos mentais deste último a um princípio diretor e centralizador.
Agora, suponhamos ausentes ou momentaneamente suspensas essas condições; assistiremos não a uma desagregação (implicando esse termo um efeito mórbido e definitivo), mas a uma descentralização mais ou menos completa, durável ou efêmera da síntese psíquica. Essa descentralização permitirá a ação isolada do psiquismo inferior, e a entrada em campo de seu automatismo e sugestibilidade. Permitirá a ação isolada do psiquismo superior (ou mesmo a ação isolada ou preponderante de um ou de outro daqueles grupos constitutivos deste último) e, por essa secessão do organismo, a manifestação de sua atividade extra corporal, de suas faculdades supranormais, de suas capacidades e de seus conhecimentos latentes.
Desaparecem todas as obscuridades da psicologia normal e anormal, sob a claridade dessas noções simples. A interpretação geral e a explicação particular década categoria de fenômenos não deixam subsistir qualquer dificuldade maior.

Acervo Virtual Espírita

II. INTERPRETAÇAO DAS DIFICULDADES NA PSICOLOGIA NORMAL

Do ponto de vista de uma interpretação anátomo-fisiologia, retomo todas as dificuldades que havia assinalado.
A inerência das principais faculdades e capacidades; O talento e o gênio;
As desigualdades psíquicas consideráveis entre seres vizinhos pelas condições de nascimento e vida;
As diferenças entre a hereditariedade física e a hereditariedade psíquica;
O trabalho inconsciente.
Todas essas verificações se aplicam facilmente, pela natureza do ser subconsciente e por seu papel na origem, no desenvolvimento e nas manifestações da consciência normal.
A extensão e o desenvolvimento da subconsciência diretora, que, intrinsecamente, dependem de seu grau evolutivo, em parte determinam o mais ou o menos de elevação e de capacidade da consciência normal. Digo em parte porque, naturalmente, goza o físico de um papel importante, sendo o cérebro, fonte do psiquismo inferior, mais ou menos perfeito, mais ou menos apto a submeter-se à direção da individualidade subconsciente. E, sobretudo, essa direção poderá ser de certo modo, diminuída, entravada ou destorcida pelas influências exteriores contrárias (educação, exemplos, etc.) e pela hereditariedade.
Não se pode, portanto, julgar do estado de avanço real da individualidade a partir da personalidade atual; é, no entanto, àquela que, sem dúvida, a personalidade deve suas principais faculdades, suas mais eminentes qualidades e a possibilidade de realização de obra de grande talento ou de gênio.
De acordo com a mais ampla probabilidade, e de um modo geral, as capacidades do ser normal são, em maior parte, o legado da subconsciência superior, o resultado da evolução passada, das experiências realizadas nas existências anteriores, enquanto seus conhecimentos atuais são, em maior parte, a aquisições da existência presente e o resultado do trabalho cerebral, naturalmente guiado pelo ser subconsciente.
O caráter, as opiniões diversas (políticas, econômicas, religiosas, mesmo as filosóficas, etc.) às vezes mantêm os dois psiquismos. Mas, enquanto o caráter retira componentes do psiquismo superior, as opiniões (em cujo desenvolvimento tem uma grande influência a hereditariedade, a ação do meio, a educação, o interesse pessoal, etc.) freqüentemente mantêm em mais alto grau componentes do psiquismo inferior, ao menos nos seres pouco evoluídos ou medíocres.

Acervo Virtual Espírita

No que concerne à inspiração (nos homens de talento ou de gênio), é claro que ela é pura e simplesmente o resultado da sugestão do ser subconsciente. Essa inspiração com freqüência passa despercebida e confunde-se com o trabalho voluntário o caso em que a colaboração dos dois psiquismos é íntima e estreita. Em muitos casos, contudo, na maior parte dos grandes artistas, escritores, filósofos e sábios, a inspiração é nitidamente distinta do trabalho voluntário. Manifesta-se ela em separado de qualquer pesquisa penosa, amiúde num estado de distração, às vezes durante o tempo em que o cérebro dorme e repousa. Aqui, é evidente a ação isolada do psiquismo superior e extra-orgânico. Infelizmente, a atividade do psiquismo superior, liberada e acrescida, permanece em grande parte inutilizada na vida prática. Com efeito, se sua separação do psiquismo inferior favorece sua atividade, naturalmente torna mais aleatória e mais difícil sua ação sobre o cérebro.
Também os resultados da atividade psíquica isolada do ser subconsciente não chegam à consciência normal senão por intervalos e por fragmentos, sempre incompletos e freqüentemente deformados. Esses resultados são superiores aos que resultam da colaboração normal dos dois psiquismos, embora sejam sempre mais ou menos irregulares, espaçados, acidentais, intermitentes. Tal a explicação do bem conhecido mecanismo habitual da inspiração.
Por outro lado, repito-o, a influência diretora do ser subconsciente explica com muita clareza a permanência geral da consciência, não obstante as contínuas variações moleculares.
Em realidade, existem modificações esquecidas; mas, como tudo o que foi consciente permanece na subconsciência superior, as modificações e olvidos não são mais do que parciais, sendo permanente a característica geral e pessoal, porque permanente e invariável é a direção individual.

III. EXPLICAÇAO DAS NEUROSES

A verdadeira neuropatia, independente de qualquer lesão orgânica, de qualquer processo patológico, é facilmente explicável pelas novas noções. Existe neuropatia todas as vezes que não há, na vida normal, correlação suficiente entre os elementos constitutivos da síntese psíquica e especialmente entre o psiquismo inferior e o superior. Dá-se a neuropatia porque o ser subconsciente preenche defeituosamente seu papel diretor e centralizador. Consideremos um histérico típico: realmente, ele parece não saber utilizar convenientemente nem seus sentidos, nem suas faculdades: há órgãos que escapam à sua direção consciente, à sua sensibilidade ou à sua vontade; outros, nos quais a sensibilidade e a vontade parece acumular-se exageradamente. Disso resulta que, de um lado, temos anestesias ou paralisias; de outro, hiperestesia ou contraturas. E o fato de os sintomas contrários se deslocarem, não apresentando qualquer fixidez, seja como localização, seja

Acervo Virtual Espírita

como intensidade, vem provar satisfatoriamente que é apenas a direção geral que está defeituosa.
Idênticas observações para os problemas psíquicos de excitação, de sobre excitação, de depressão e de incoerência, bem como no que tange aos fenômenos convulsivos: sempre força diretora mal dirigida, inutilizada ou defeituosamente utilizada. O ser subconsciente, diretor do organismo, desempenha mal sua função. Ele cede muito de um lado e não o suficiente de outro, impotente para tudo dirigir, deixando sempre algum órgão ou alguma função escapar à sua fiscalização.
A histeria seria, portanto, devida essencialmente ao defeito de concordância dos dois psiquismos e à impotência da subconsciência diretora.
De resto, eis uma opinião que os filósofos e médicos parecem atualmente entrever: sabe-se que o Sr. Pierre Janet faz da histeria um problema da atenção, da memória e da vontade.
Num belo trabalho de conjunto sobre a histeria o Dr. Paul Sollier apresenta uma nova teoria dessa neurose, que a mim parece, igualmente, concordar com minha explicação. Para ele, a histeria seria a conseqüência de um sono local do cérebro. Todos os diversos centros poderiam ser atingidos, isoladamente, por esse sano, e em graus variadas, donde a extrema variabilidade dos sintomas mórbidos.
Em lugar de sono local, coloquemos abandono ao repouso, inutilizará dos centros cerebrais, o que vem a ser o mesmo, e a concordância dessa teoria com a opinião que já eu dera antecipadamente estará completa.
Teorias análogas para a explicação dos sintomas isolados da histeria foram apresentadas por diversos sábios. Para o Prof. Lépine, por exemplo, a anestesia e a paralisia histéricas proviriam de uma insuficiência temporária da transmissão interneurótica (Lyon Médico, 1894).
Branly exprime idêntica opinião e assimila o funcionamento dos neurônios ao dos radio condutores.
Os fisiologistas acham-se, portanto, bastante de acordo a respeito da questão da patogenia histérica. Apenas, esse repouso, esse sono dos ditos centros cerebrais, essa insuficiência da circulação nervosa, etc., constituem uma verificação, e não uma explicação propriamente dita.
Qual é a causa íntima do fenômeno? É isso o que nem a teoria do Dr. Sollier nem as análogas nos ensinam. A causa íntima é a que conhecemos: o de feito de concordância entre os dois psiquismos e a impotência da direção subconsciente.
Surgem agora algumas questões secundárias, relativas precisamente à impotência da direção subconsciente. A que razões se devem atribuir esse defeito de concordância e essa impotência?

Acervo Virtual Espírita

Podem elas ser múltiplas, como o são sempre as causas secundárias. Comodamente as encontraremos quando nossa patogenia da histeria for admitida e estudada. Algumas, desde agora, podem ser fornecidas:

a) A subconsciência diretora pode ser impotente, porque sua união com a consciência e com o organismo está mal garantida, produzindo-se, então, fácil e espontaneamente, inúmeros fenômenos elementares de exteriorização. A imperfeição dessa união a poderá mesma, ser congênita ou adquirida (origem traumática, infecciosa, tóxica, reflexa).

b) A consciência diretora pode ser impotente porque deve lutar contra sugestões exteriores, contra os efeitos de uma contenda, de um gênero de vida, de um sistema de educação, etc., desviando o ser de sua via natural.

Aí está uma causa secundária freqüente da histeria. Desde que o ser saia de sua vida normal, desde, sobretudo, que ele viva em desacordo com as leis naturais, a natureza, vinga-se cruelmente e a neurose sobrevém. Sabe-se o quanto à histeria é freqüente nos conventos: é a tara habitual dos anormais.

c) Finalmente, a subconsciência diretora pode ser impotente por natureza, realmente inferior à sua tarefa, porque está unida a um organismo por demais complicada para ela, por demais aperfeiçoado para que ela saiba utilizá-lo convenientemente. Os histéricos dessa categoria seriam simplesmente neuropatas inferiores.

Concebe-se imediatamente, em vista desses neuropatas inferiores, uma categoria de neuropatas superiores, cuja individualidade subconsciente está muito acima de um organismo grosseiro.

A atividade subconsciente acha-se em perpétua luta contra uma cerebração defeituosa, contra um instrumento orgânico e sensorial do qual ela não retira todo o partido que desejaria, e que ela exaure em vão. A luta e a tortura traduzem-se no ser consciente por um mal-estar e por problemas diversos. No neuropata superior, a influência subconsciente, portanto, não peca por insuficiência, mas por excesso.

Além dos mal-estares orgânicos, o neuropata superior sofre moralmente, porque vê sempre melhor o que lhe falta, e, pior, o que ele possui, uma vez que tem a intuição muito clara da limitação de suas forças, de suas faculdades e de seus conhecimentos, bem como de seus sentimentos afetivos. Por outro lado, a consciência intuitiva ou raciocinada que ele detém da solidariedade universal multiplica-lhe as penosas emoções. A humanidade ainda se acha muito longe do seu ideal de liberdade, de justiça e de amor.

Os neuropatas superiores são uma legião: a maioria dos grandes escritores, artistas ou sábios, a maior parte dos homens de grande talento, todos os homens de gênio; esses todos são, em gradações diversas, neuropatas superiores.

Essa concepção da neuropatia explica suficientemente as semelhanças de superfície encontradiças entre os seres inferiores, como os histéricos vulgares,

Acervo Virtual Espírita

ou os monomaníacos, e os seres superiores, dos quais a humanidade se honra. Tal concepção torna vã essa lastimável teoria da degenerescência da qual a psicologia moderna havia abusado lamentavelmente. As analogias de conduta entre os neuropatas inferiores e os superiores, que eram invocadas em favor dessa teoria, explicam-se tão simplesmente quanto as analogias mórbidas. Concebe-se, por exemplo, que a idéia fixa e as intuições geniais possam, temporariamente, revestir-se da mesma aparência ou do mesmo resultado: nos dois casos, verificar-se-á a indiferença em relação ao que não são o objetivo a atingir, o desprezo ou a desatenção para com os obstáculos, as bizarrices que pontilham a caminhada, etc.

Mas, aquilo que distingue o homem de gênio, grande artista, sábio, filósofo ou fundador de religião, do doido maníaco, artista desencaminhado, falso inventor ou falso profeta, não é a ausência de defeitos graves nem de erros grosseiros, mas - a despeito desses possíveis erros - o caráter de elevação geral de inspiração; é o espírito de continuidade incansável, o real bom senso, chegando sempre a dominar os desatinos da imaginação, a sã razão vindo secundar a intuição, conferindo-lhe todo o seu valor prático.

A luminosa inteligência do neuropata superior ou genial poderá ser momentaneamente eclipsada ou perturbada; mas em nenhum momento poderá, por muito tempo, sua potente originalidade confundir-se com a extravagância imbecil do neuropata inferior.

Muitos homens de gênio foram desdenhados ou perseguidos porque contrariavam as paixões, os prejulgamentos ou, simplesmente, a ignorância e a tolice de seus contemporâneos. Muito poucos foram, sem dúvida, completa e definitivamente desconhecidos.

Muitos desequilibrados puderam sobre si mesmos atrair atenção, encontrar admiradores ou discípulos; nenhum, no entanto, conseguiu assegurar a si próprio sucesso persistente.

Entre os casos extremos do homem de gênio e do desequilibrado banal, colocam-se naturalmente muitos casos intermediários de neuropatas de ordem inferior, de um lado, e outros, de ordem superior, de outro lado. Suas diversas faculdades mostram-se muito desiguais, seja por conseqüência de uma evolução anterior inarmônica, seja por falta de concordância ou de afinidade entre os dois psiquismos.

Do mesmo modo, não raro é observar-se em certos artistas, escritores ou filósofos de uma dada ordem, uma curiosa mistura de qualidades e de defeitos contraditórios; por exemplo, uma verdadeira originalidade e uma extravagância afetada; talento e falta de gosto; às vezes, até mesmo inspiração que se percebe muito presente, mas cujas manifestações são amiúde falseadas ou pervertidas.

A loucura essencial será explicada pela impotência da direção subconsciente, tão simplesmente quanto à histeria. Apenas, na loucura, a impotência do

Acervo Virtual Espírita

princípio centralizador é completa, e não mais relativa e parcial. O resultado disso é a anarquia dos centros do psiquismo inferior.
Assim, com muita comodidade, interpretam-se os diversos gêneros de loucura essencial. Forneçamos alguns exemplos; suponhamos o psiquismo inferior em plena anarquia e mergulhado num estado de prostração anormal, devido a causas secundárias (tóxicas, infecciosas, reflexas, etc.): temos a melancolia. Suponha nas mesmas condições mórbidas, mas sobre excitado, ao invés de deprimido. . . Temos a mania aguda.
Suponhamos, ainda, o psiquismo inferior em estado de anarquia face a face com a direção subconsciente, embora chegando a subordinar-se a um grupo de elementos mentais predominante: temos o delírio sistematizado, etc.

IV. INTERPRETAÇAO DOS CASOS DE PERSONALIDADES MULTIPLAS E, DE UM MODO GERAL, DAS ALTERAÇÕES DA PERSONALIDADE.

Os casos de personalidades múltiplas e, de um modo geral, os de todas as alterações da personalidade, compreendem-se sem dificuldade através das novas noções sobre a complexidade da síntese psíquica e sobre a possibilidade de uma descentralização momentânea, mais ou menos acentuada, dessa síntese. A supressão relativamente completa e mais ou menos durável da direção subconsciente é a condição essencial dessas manifestações. A descoordenação que dela resulta permite a manifestação preponderante de um dos grupos psicológicos, manifestação essa açambarcadora ou isolada.
Os casos observados no hipnotismo e nos estados conexas, em certos estados patológicos, no mediunismo elementar, denotam simplesmente pseudo personalidades da subconsciência inferior, puramente automáticas, ou de origem sugestiva.
Os casos observados no mediunismo superior, ou na psicologia anormal, fora da hipnose e do mediunismo, são, com freqüência, manifestações fragmentárias da subconsciência superior.
Quando se trata de uma personalidade muito completa, possuidora de todas as capacidades e aparências que estamos habituadas a reconhecer nas personalidades normais, sem muita temeridade pode concluir-se que ela simplesmente representa uma das personalidades anteriores do sujet, de modo mais ou menos nítido ou deformado.
Quando se trata de personalidades incompletas, de subpersonalidades mais ou menos bem caracterizadas e mais ou menos autônomas, como tão freqüentemente se observam no mediunismo, está-se autorizado a ver em cada uma delas apenas a manifestação isolada de um grupamento mental secundário do ser subconsciente, tendo esse grupamento, ele próprio, por diversas condições (época particular da vida intelectual do sujet, preocupação

Acervo Virtual Espírita

dominante, acontecimento impressionante, concentração da atenção sobre um ponto especial, etc., etc.), sido determinado e sistematizado.
Essas subpersonalidades poderão mostrar-se mais ou menos deformadas e modificadas pela sugestão ou pela auto-sugestão, bem como por adjunções imaginativas, de valor e de interesse assaz variáveis, etc.
O famoso caso de Helen Smith, tão magistralmente analisado pelo Dr. Flournoy, oferece, como se sabe notáveis exemplos dessas diversas alterações da personalidade: manifestações puramente automáticas; subpersonalidades infantis no romance marciano; personalidades já elevadas no ciclo hindu e no ciclo real; personalidade muito completa e superior à normal, no papel de Espírito-Guia Leopoldo.
Sendo expressamente feitas todas as reservas sobre o valor das provas dadas pelo Dr. Flournoy em favor de sua interpretação exclusiva dessas personalidades e de certos dos seus inesperados conhecimentos, é-nos permitido sustentar que sua opinião nada apresenta de contraditório com as idéias expostas no meu trabalho, ainda que integralmente aceitas.

V. INTERPRETAÇAO DOS SONOS

Sabemos que,, do ponto de vista fisiológico, o sono é o repouso dos centros nervosos. Explica-se facilmente a contradição entre o repouso funcional e a persistência possível da atividade psíquica, se admite, na consciência pessoal, a coexistência de uma substância superior independente do funcionamento do cérebro atual. Não há necessidade de se procurar alhures uma teoria psicológica do sono e dos sonos.
Antes de qualquer separação, há no sono, primeiramente, ruptura de colaboração entre o ser subconsciente e o cérebro. Desaparece a consciência normal. Repousa o organismo e sua atividade reduz-se ao mínimo. Os sonhos ordinários, mais ou menos incoerentes, são os produtos automáticos de um resto de atividade cerebral, que não é totalmente abolida pela morte. Os sonhos lógicos e coerentes, inteligentes, geniais, são manifestações da subconsciência superior, que não ficou cerceada pelo repouso dos centros nervosos, e sim - ao contrário - exaltada, se bem que sua atividade seja então mais difícil e irregularmente percebida.
Nítida e imediatamente, as operações subconscienciais poderão chegar à consciência, se há - por uma causa ou por outra - despertar brusco. Caso contrário, nem por isso são forçosamente perdidas para o ser consciente. Apenas, elas não tomam contato com ele senão pouco a pouco, no estado de vigília, freqüentemente se confundindo com os produtos do trabalho voluntário.

Acervo Virtual Espírita

O sono tóxico (narcóticos, anestésicos) dá lugar às mesmas observações gerais. De qualquer modo, ele faz-se acompanhar não somente de diminuição das manifestações conscienciais, mas também, de sua perversão (embriaguez).
Restam ainda os sonos hipnótico e mediúnico. O mecanismo é o mesmo. Essencialmente, são causados pela diminuição da atividade funcional do cérebro e pela obnubilação da vontade consciente.
Mas, em grau superior ao verificado nas outros sonos, existe a exteriorização do ser subconsciente, em gradações variadas, donde a nitidez de suas manifestações aparentes.

VI. INTERPRETAÇAO DO HIPNOTISMO

Todas as manifestações da hipnose se explicam pela separação, a ação isolada dos dois psiquismos e a exteriorização mais ou menos completa do ser subconsciente sabida que os fenômenos característicos podem ser verificados seja no organismo do paciente, seja fora dele. Os fenômenos orgânicos (anestesia verdadeira, hiperestesía real, catalepsia, letargia, etc.) são devidos, como acontece com os histéricos, precisamente à impotência diretora e perceptiva da subconsciência superior que, em parte, se acha exteriorizada do organismo.
Os fenômenos verificados fora do organismo são devidos ao ser subconsciente exteriorizado.
Os fenômenos sensitivos, em geral, são em parte pertinentes à exteriorização: a anestesia e a híperestesía são acontecimentos secundários. Essencialmente, não há nem diminuição nem aumento, mas deslocamento da sensibilidade. Esta que desapareceu da superfície do corpo e dos órgãos dos sentidos, encontra-se, às vezes, transferida para linhas e pólos de exteriorização, descritos pelo Senhor de Rochas.
Desde logo, compreende-se como simultaneamente podem verificar-se dois fenômenos em aparência contraditórios: a insensibilidade orgânica e a percepção, fora da mediação dos órgãos sensoriais, de sensações tácteis, olfativas, auditivas, gustativas e visuais.
Por outro lado, compreende-se que essa sensibilidade possa exercer-se através de obstáculos materiais, que não têm ação apreciável sobre a força-inteligência exteriorizada.
Finalmente, explica-se o estranho fato de que os sentidos diversos se exercem indiferentemente sobre qualquer ponto da irradiação periorgânica, comprovação de que todos os sentidos normais são condensados e sintetizados num sentido único sobre todo o organismo subconsciente.
Os fenômenos supranormais (leitura de pensamento, lucidez, etc.) serão os resultados da entrada em serviço das faculdades e dos conhecimentos transcendentais do ser subconsciente liberado.

Acervo Virtual Espírita

É claro que, apenas acidentalmente, como em relâmpagos, de um modo relativo e fragmentário, faculdades e conhecimentos transcendentais poderão repercutir no psiquismo inferior. Mas, isso em conseqüência da descentralização produzida pela hipnose e por condições anormais de funcionamento dos dois psiquismos.
O automatismo do psiquismo inferior é o produto do seu isolamento do ser subconsciente e da cessação da ação diretora desse último.
Esse automatismo é de fato notável tanto na hipnose quanto nos estados conexos, permitindo que se faça uma idéia suficiente do papel das faculdades cerebrais.
Permite, por exemplo, o reencontro, no paciente hipnotizado, de muitos conhecimentos habituais, ou aparentemente esquecidos do ser consciente. Isso pode explicai-se seja por um armazenamento desses conhecimentos na subconsciência inferior, armazenamento esse análogo ao que se opera na subconsciência superior, seja principalmente, pela ação dessa última na conservação da personalidade.
Com efeito, o permanente esforço do ser subconsciente é suficiente para esclarecer como esses conhecimentos permanecem gravados no cérebro, apesar da continua renovação de suas moléculas constitutivas, prontas para serem utilizadas na vida normal ou automaticamente nos estados anormais.
Às vezes, como se sabe o hipnotismo ou o sonambulismo permite a realização de atos automáticos mais perfeitos que os normais. Como o psiquismo inferior, nesses estados, se acha isolado de seu psiquismo superior, semelhante constatação poderia parecer contrária às idéias esposadas neste volume.
Não é, na realidade, nada disso o que acontece: a perfeição dos atos automáticos explica-se facilmente pelo fato de que todas as forças vitais se concentram, por assim dizer, em vista da execução de uma ordem dada, ante a obediência à sugestão ou à auto-sugestão. E assim o fazem, sem reflexão, sem hesitação, sem distração.
Daí o notável caráter do automatismo fisiológico ou psicológico, e mesmo a possibilidade de modificações orgânicas curativas ou desorganizadoras na hipnose e nos estados conexos.
Passemos agora à sugestão
Poderá ela exercer-se:
1- Sejam sobre a consciência orgânica obnubilada;
2- Sejam sobre a subconsciência exteriorizada.
1) Sugestão sobre a consciência orgânica obnubilada - Eis em que consiste: a vontade do magnetizador toma pura e simplesmente o lugar diretor da subconsciência exteriorizada. Desde então, dirige o organismo e a cerebração do paciente à sua vontade.
Como, sem dúvida, o ser subconsciente, sobretudo sobre o psiquismo inferior, age pelo mecanismo da sugestão na vida normal, há na hipnose simplesmente

Acervo Virtual Espírita

mudança de influência sugestiva: a da subconsciência superior é exteriorizada e a do magnetizador é interiorizada.
2) Sugestão sobre a subconsciência exteriorizada - Explica-se essa sugestão pelo fato considerável, se bem que momentâneo - de a vontade subconsciente separar-se de seu instrumento cerebral.
O ser subconsciente passa por uma obnubilação relativa que, facilmente, o fará submeter-se à potente fluência do magnetizador. Quanto ao resto, essa obnubilação, além de ligada às fases elementares da exteriorização, é meramente passageira.
Como acontecem nos estados mediúnicos superiores, logo que a exteriorização é suficiente, o ser subconsciente manifesta uma vontade toda pessoal e uma característica assaz original. Em todos os casos, a questão de sugestão sobre a subconsciência superior necessita de novas pesquisas experimentais, com esse propósito sistematizado; elas por si só permitirão a própria distinção nítida da sugestão sobre a subconsciência inferior, além do conhecimento dos limites nos quais seja ela possível, caso o seja.
Resta o estudo da sugestão em prazo predeterminado; seu mecanismo, no entanto, é mais complicado, razão pela qual me vejo obrigado a estudar, antes, a sugestibilidade em geral, para a qual é imperioso fornecer uma teoria conforme as novas noções.
Da sugestibilidade - Não consiste ela apenas na possibilidade de se sofrer influências diversas, senão também na de adaptar-se à consciência pessoal tudo o que pode influenciá-la. Em outras palavras, a sugestibilidade é a faculdade de adaptação do ser psíquico ao meio e às influências ambientes, bem como de adaptação dessas influências ambientes ao ser psíquico, portanto, a condição primeira do processo de assimilação psíquica, permitindo ao "eu" a aquisição de novos elementos conscienciais.
Em relação ao moral, a sugestibilidade simplesmente representa o apetite e a de absorção. Assim compreendida, necessita ela estar restrita aos limites convenientes, sem o que atravancaria o eu com as mais diversas aquisições, sob cuja pressão caótica a personalidade arriscar-se-ia a desaparecer mister um freio à sugestibilidade. Esse freio é à vontade. E isso por duas razoes: por temor do esforço demandado por toda aquisição nova e por um instinto que mantém o próprio instinto de conservação.
A vontade luta pela conservação da personalidade psíquica, que comprometeria o afluxo de elementar estranhos muito numerosos ou diferentes de seus próprios elementos. Instintivamente, ela é hostil às aquisições intelectuais que não estão acordes com os traços principais da característica pessoal.
Numa pessoa qualquer, à vontade e a sugestibilidade atuam em razão inversa, como potência e como extensão.

Acervo Virtual Espírita

Estando essas noções gerais admitidas, estudemos a sugestibilidade em seus pormenores.
E necessário considerá-la no estado de vigília normal, no sono normal e nos anormais.
Sugestibilidade no estudo de vigília - Posto que a sugestibilidade tenha por contrapeso a vontade, para que se mantenha em seus limites úteis será mister que o equilíbrio entre aquela e esta seja bom. Se for defeituoso, a sugestibilidade será ou muito farte, ou muito fraca.
Intervém, no entanto, um outro fator importante: o da influência de uma vontade estranha à vontade consciente. Aquela pode ser ou a vontade interna do ser subconsciente, ou uma vontade exterior.
Qualquer que seja a vontade diferente, subconsciente ou exterior, poderá influenciar a sugestibilidade do ser.
Se os dois psiquismos estão de acordo, e, felizmente, é o caso mais freqüente, assegura-se o equilíbrio. O psiquismo superior preenche seu papel normal de direção psicológica e a vontade consciente não mais passa do reflexo da vontade subconsciente, salvo exceções variáveis em importância e em freqüência.
Se, por outro lado, a concordância estiver mal assegurada, se o psiquismo superior preencher mal o seu papel de direção (relativo a uma das causas estudadas no capítulo das neuroses), o psiquismo inferior fácil e fortemente sofrera a possível influência de uma vontade exterior que, mais ou menos, se substituirá à do ser subconsciente por isso que os neuropatas inferiores são por demais acessíveis à sugestão exterior, mesmo no estado de vigília normal.
Finalmente, e, sobretudo, as influências exteriores serão poderosas sobre as crianças. Com efeito, por dois motivos é considerável a sugestibilidade destas:
Pela insuficiência da vontade consciente (que apenas se esboçou)
Pela impotência da vontade subconsciente (que só pode agir plenamente sobre o ser após o remate do desenvolvimento orgânico).
Daí, para a criança e para o adolescente, os imensos perigos de uma educação mal compreendida ou sistematicamente falseada, cuja impressão pode persistir e comprometer, paia toda a vida, a influência favorável e regular da vontade subconsciente.
Sugestibilidade durante o sono - Neste estado, a vontade consciente do ser acha-se bastante diminuída; há, portanto, aumento da sugestibilidade. Esta, quando acrescida, será acessível seja à influência da vontade subconsciente (donde os efeitos importantes do trabalho subconsciente durante o sono, se bem que necessariamente irregulares e aleatórios), seja à influência de uma vontade exterior. Mas, no sono natural, a vontade subconsciente geralmente preserva o ser das sugestões exteriores.

Acervo Virtual Espírita

No sono hipno-mediúnico, ao contrário, estando à subconsciência exteriorizada, não mais pode exercer esse controle; donde, precisamente, a importância das sugestões exteriores.
Com essa teoria da sugestibilidade, pode-se compreender até mesmo a sugestão a prazo predeterminado.
Esta só se pode explicar pela impotência ou pela aniquilação da vontade subconsciente. Com efeito, não é admissível que, no momento fixado, a vontade subconsciente deixe se cumpra o ato sugerido, sobretudo se trata de um ato nocivo ao ser. Segundo a expressão de Myers. parece singular que a divindade interior possa ser conduzida com tanta facilidade, à menor palavra. Tudo pode compreender-se. Não é a divindade interior que assim se deixa levar; é simplesmente o psiquismo inferior. A sugestão a prazo predeterminado, tal como a sugestão ordinária, só é todo-poderosa porque suplanta a do ser subconsciente.
Do mesmo modo, o ato sugerido só pode ser levado a cabo pelo prévio retorno do ser ao estado de hipnose em que se encontrava quando a sugestão foi dada. Sem duvidar disso, o magnetizador sugere a hipnose ao mesmo tempo em que o ato a ser praticado. No momento fixado, o sujeito acha-se tal qual estava quando recebeu a ordem: não há lugar para que atine com o intervalo de tempo escoado entre sugestão e o seu efeito.
A não realização da hipnose prévia é, sem dúvida, a causa do freqüente insucesso da sugestão a prazo predeterminado.

VII. EXPLICAÇAO DAS AÇÕES A DISTANCIA E DAS AÇÕES DE PENSAMENTO A PENSAMENTO

As ações da sensibilidade à distância, da motricidade, das faculdades organizadoras e desorganizadoras da matéria; as ações de pensamento a pensamento (leitura de pensamento, sugestão mental, certos casos de telepatia), todas têm sua explicação na exteriorização parcial da força-inteligência subconsciente, em sua projeção e utilização mais ou menos afastada do organismo.
Essas são as propriedades do ser subconsciente exteriorizável, propriedades essas que, numa larga medida, escapam às condições de espaço e de tempo. Desde então, compreende-se serem elas em maior parte inacessível à vontade consciente normal.
Apenas em algumas circunstâncias poderá esta última obter fenômenos elementares de ação à distância ou de pensamento a pensamento, porque, no cômputo geral, se acha estreitamente associada a essa substância que ela ignora.

Acervo Virtual Espírita

Finalmente, esses fenômenos elementares serão até por vezes obtidos sem sano hipnótico, no estado normal (por conseguinte, sem exteriorização), graças à irradiação periorgânica constante da força-inteligência subconsciente.

VIII. EXPLICAÇAO DA TELEPATIA

Depois de todo o precedente, é certo que os fenômenos de telepatia não se originam de uma cansa única. Sua origem é variável, podendo ser:
1 - Uma ação de pensamento a pensamento;
2 - uma ação de lucidez (em geral, visão a distância)
3 - uma ação exterior real.
l) Ação de pensamento a pensamento, seja espontaneamente, seja pela influência subconsciente, seja por um efeito intenso da vontade.
2) Ação a distância durante o sono, por exteriorização parcial elementar da força-inteligência subconsciente do adormecido. Se o choque emotivo é bastante intenso, pode resultar um despertar brusco e a conservação da lembrança da visão. Freqüentemente, então, esse despertar é acompanhado de uma projeção alucinatória reflexa concordante.
3) Ação exterior real - A aparição seria objetiva. Os sentidos do percipiente seriam diretamente impressionados pelo ser subconsciente do sujet transmissor. É necessário, para tal, que o fantasma constituído pelo ser subconsciente tenha levado com ele alguns elementos materiais do organismo, sem o que não conseguiria impressionar o percipiente (isso é possível, sobretudo, quando se trata de um acidente de uma morte brusca, de vez que o ser subconsciente poderá melhor conservar, por algum tempo, elementos de um organismo que a doença não teve tempo de consumir).
Provavelmente, a ação telepática é muito freqüente, senão constante; apenas, raramente é percebida e conservada pelo ser consciente.
A subconsciência superior, sem dúvida, pode e deve apreender muitas coisas concernentes aos acontecimentos que nos interessam ou às pessoas que nos são caras, graças a uma exteriorização elementar, durante o sano. Apenas, esses conhecimentos só chegam claros e nítidos à consciência normal por exceção (em geral, devido a um despertar brusco). Esta é a razão por que a ação telepática com freqüência se faz sentir na personalidade consciente por impressões vagas e imprecisas: pressentimentos, tristeza ou alegria durante o despertar ou em pleno estado de vigília, sem causa direta.
Para uma pessoa habituada à meditação e à auto-observação, essas impressões podem tornar-se muito nítidas, adquirindo uma real importância prática.

IX. EXPLICAÇAO DE CASOS DE LUCIDEZ

Acervo Virtual Espírita

Certo número de casos de lucidez é plenamente explicável por leituras de pensamento e por comunicações intersubconscienciais; outros advêm da telestesia e da ação a distância da sensibilidade exteriorizada.
Finalmente, os outros - os casos de lucidez quanto ao passado, ao futuro e os de lucidez sintética - deverão ser atribuídos à misteriosa faculdade, produto da evolução extraterrestre do ser subconsciente.

X. EXPLICAÇAO DO MEDIUNISMO

O mediunismo elementar freqüentemente será explicado pelo automatismo do psiquismo inferior. Sem dúvida alguma, os movimentos da mesa com contato das mãos e muitas das pretensas personalidades espíritas não têm outra origem.
O mediunismo elevado será obra do ser subconsciente exteriorizado.
Repito: justamente por esse ser subconsciente não depender do organismo, pode ele, por si próprio, possuir ação sensível, motora, organizadora, intelectual fora dos órgãos dos sentidos, dos músculos e do cérebro.
As manifestações intelectuais elevadas (personalidades completas e originais, conhecimentos e faculdades transcendentais) explicam-se pelas noções que do estado real do ser subconsciente temos. Imediatamente, no entanto, se propõe uma questão capital: a ação do ser subconsciente pode explicar tudo? E que, sob condição rigorosa de aceitar a definição, a descrição e a interpretação integrais que fomos levados a conceber do ser subconsciente exteriorizável, isso é possível. Apenas, essa explicação exclusiva de mediunismo, tudo sendo possível, acarreta grandes dificuldades.
O ser subconsciente atribui aos espíritos dos mortos o que, na realidade, dele provém; logo, ou ele nos engana ou se engana a si mesmo.
Se assim o faz, no que tange a si próprio, é porque suas faculdades de clarividência são limitadas, e então não mais se compreende como conheceria ele todos os detalhes minuciosas que, às vezes, apresenta como identidade dos espíritas; nem como pode ele saber de suas características completas, quando mal está informado do que concerne à sua própria identidade.
Se nos engana, sem razão plausível e tão constantemente, não mais pode ser considerado como desempenhando um papel superior no eu.
E muito mais: esse ser subconsciente não se contentaria em nos enganar de modo tão lastimável, indo, às vezes, colocar-se em oposição com o ser consciente e até mesmo a procurar fazer-lhe mal. Isso é absolutamente inconciliável com as noções que adquirimos a respeito da subconsciência superior.
E então, necessário levar em consideração a hipótese espírita?
Vejamos, antes de responder, a objeção essencial feita a essa hipótese pela maioria dos sábios que se ocuparam com a questão. Ei-la:

Acervo Virtual Espírita

A partir do momento em que tudo pode ser explicado pela exteriorização e pela subconsciência, passa a ser contrário ao método científico o apelo a uma nova hipótese: o Espiritismo.
Esse raciocínio seria irrefutável se o Espiritismo constituísse uma nana hipótese. Mas, nada disso acontece: o Espiritismo, no todo, acha-se contido na hipótese integral do ser subconsciente exteriorizável. A constituição progressiva desse ser nos organismos sucessivos implica na anterioridade e na sobrevivência sua a esses organismos. Por conseguinte, implica na certeza da existência do ser depois da destruição do organismo material; ou seja, na possibilidade da ação espírita,
Se, portanto, se admite a hipótese integral do ser subconsciente é possível repelir o Espiritismo. Todas as ações elevadas e ditas supranormais do mediunismo são, portanto: ou, primeiro, o fato de o ser subconsciente do médium descentralizar, isolar ou exteriorizar os princípios inferiores de seu ser, para agir em diferentes condições das que presidem sua habitual colaboração com eles; ou, segundo, o fato de um ser subconsciente desencarnado servir, do mesmo modo, dos princípios inferiores do médium descentralizado, para agir sobre o plano físico.
Terminando, reconheçamos que as novas noções sobre as complexidades psicológicas do ser só podem tornar extremamente difícil e complicada a interpretação exata da origem e da verdadeira natureza de qualquer das manifestações ditas supranormais.
Nem sempre é cômodo distinguir o que vem do psiquismo inferior daquilo que promana do superior, em face do que sabemos da perfeição possível dos atos automáticos. Mais difícil ainda é o distinguirmos o que é emanação ou ação do ser subconsciente do que é ação espírita. Em realidade, jamais se poderá apresentar alguma coisa, que ultrapasse os cálculos de probabilidade.
E, se nos desembaraçarmos de toda a idéia, preconcebida, não menos verdadeiro que freqüente será o fato de que a probabilidade para a explicação espírita será realmente mais forte que para a explicação subconsciencial.

XI. CONCLUSAO E RESUMO

A conclusão à qual cheguei relativamente ao ser subconsciente parece-me cientificamente inatacável, se admite a autenticidade dos fatos dos quais ela é deduzida. Somente pela negação ou pelo fato de duvidar dessa autenticidade é que se pode combatê-la. Não podemos, no entanto, negar todos os fatos.
O hipnotismo, a histeria, as alterações da personalidade, as manifestações subconscientes elevadas na psicologia normal não são mais negadas do que negáveis. Ora, o que me choca é precisamente que nenhum desses fenômenos é compreensível fora da nova hipótese; e que, reciprocamente, uma vez sendo

Acervo Virtual Espírita

ela admitida, todos os outros fenômenos perdem sua aparência de maravilhoso e se explicam tão facilmente quanto os primeiros.
Foi, portanto, em vão que se quis distinguir a psicologia anormal e a psicologia supranormal. A distinção repousa sobre nada de sério. Todos os fatos obscuros de uma e de outra são tidos como elos de uma mesma cadeia. Todos realçam uma mesma e só interpretação geral. Aí está o que explica o insucesso fatal e o caráter ilusório das tentativas de explicação parcial e isolada de um desses fatos.
Na hipótese de agora querermos resumir em algumas linhas nossa concepção da psicologia, diremos: a síntese psíquica é constituída por dois psiquismos de natureza e origem diferentes: o psiquismo inferior, pra duto do funcionamento cerebral; o psiquismo superior do funcionamento cerebral.
O que se chama de consciência normal é o resultado da colaboração dos dois psiquismos; colaboração na qual o psiquismo superior desempenha o papel diretor e centralizador. O que se chama de subconsciência é o resultado da atividade isolada do psiquismo inferior (subconsciência inferior) ou do psiquismo superior (subconsciência superior).
O exame de todos os fenômenos psicológicos inexplicáveis pela fisiologia clássica a observação nítida da separação dos dois psiquismos, bem como a distinção, por essa separação, de suas diferenças de natureza, origem e fins. Durante a vida cotidiana, regular e normal, observa-se a separação no estado de esboço.
O exame do sono mostra-nos uma descentralização ligeira, durante a qual o cérebro repousa, atinge um grau mínimo de funcionamento e assim escapa ao controle do psiquismo superior.
O exame na inspiração genial, seja durante o sono, seja no estado de vigília, prova-nos que essa descentralização ligeira, longe de acarretar uma diminuição do psiquismo superior, exalta-o e - mais do que pela colaboração íntima com o psiquismo inferior - permite-lhe manifestações mais elevadas, se bem que, freqüentemente, menos acessíveis à consciência normal, menos facilmente por ela utilizáveis e irregularmente percebidas.
Na psicologia anormal, percebe-se a acentuação da separação dos dois psiquismos, e aparecem mais nitidamente suas respectivas propriedades.
O hipnotismo, seus estados conexos e o mediunismo elementar indicam uma já notável descentralização, transtornando as condições habituais de memória e de pensamento.
A ação isolada do psiquismo cerebral manifesta-se por seu automatismo, sua sugestibilidade exaltada, suas pseudo personalidades A atividade liberada, ou melhor, a meia liberação do psiquismo superior manifesta-se pela transmissão acidental, mais ou menos nítida, de conhecimentos inesperados atribuídos geralmente à criptomnésia, pela manifestação passageira de faculdades

Acervo Virtual Espírita

ignoradas, às vezes até mesmo por relâmpagos de lucidez e por outros fatos supranormais.
Nessa reviravolta das condições de funcionamento e de associação dos dois psiquismos, a direção central do psiquismo superior personalidades fictícias, produto do automatismo cerebral; subpersonalidades ou personalidades verdadeiras e completas podendo predominar e permanecer no primeiro plano, vindas das reservas subconscientes elevadas.
A histeria e a loucura essencial mostram-nos, não mais a secessão anormal, mas a separação mórbida, vinculada a um vício congênito ou a taras adquiridas. A descentralização permanente, e não mais passageira, traduz-se peba impotência diretora (relativa na histeria, completa na loucura) do psiquismo superior e a ação anárquica ou desviada do psiquismo inferior. Em certos estados mórbidos, as manifestações isoladas do psiquismo superiores só percebidas excepcionalmente, ou então não acontecem senão perturbadas e pervertidas.
A discordância entre os dois psiquismos - mas uma discordância que não chega à separação mórbida e à ruptura de equilíbrio, como na histeria e na loucura - aparece-nos até nos simples problemas neuropáticos. Essa discordância revela-se pelas taras características de que padecem as neuropatias de qualquer categoria, desde os mais inferiores aos homens de gênio.
Nas mais estranhas manifestações da psicologia anormal, observam-se - levados ao mais alto grau - a descentralização do ser e a distinção de natureza dos dois psiquismos.
A lucidez é-nos revelada como uma faculdade especial do psiquismo superior, sem analogia no psiquismo inferior.
As ações de pensamento a pensamento mostram-nos bem a ação extra corporal da subconsciência superior.
O mediunismo elevado mostra-nos essa ação extra corporal elevada ao sumo grau.
O mediunismo permite-nos verificar, com evidência, que o psiquismo superior é inteiramente separável do organismo; que pertence a um verdadeiro ser subconsciente; que esse ser subconsciente tão pouco do corpo que é capaz não somente de agir fora dele, como também de desorganizar sina matéria constitutiva e de reorganizá-la em formas diferentes e distintas.
Finalmente, a análise psicológica do ser subconsciente e de suas manifestações fazem-nos descobrir nele uma vontade original, bem corno faculdades e conhecimentos muito diferentes do que os da consciência normal; faculdades e conhecimentos supranormal e transcendentais; personalidades completas e autônomas.

Acervo Virtual Espírita

Essa análise permite-nos reconhecer no psiquismo superior uma síntese complexa, cujos elementos constitutivos apenas em mínima parcela provêm das aquisições da personalidade consciente e da existência atual.
Em uma palavra, o exame minucioso de todos os fatos ainda inexplicados pela fisiologia clássica, no domínio da psicologia normal e anormal, permite-nos concluir pela presença de princípios dinâmicos e psíquicas de ordem superior no ser subconsciente, princípios esses independentes funcionamento dos centros nervosos, preexistentes e sobreviventes ao corpo, e submetidos a uma evolução correlata á evolução orgânica.
Não sei qual será o porvir reservado à teoria da consciência subliminal ou do Ser Subconsciente. Mas, desde já é permitido afirmar que uma doutrina sintética, capaz de explicar todos os fenômenos psicológicos deixados na obscuridade, merece a mais séria discussão. E a isso faz jus tanto mais quanto as conseqüências filosóficas e morais que acarreta, são - como veremos - as mais satisfatórias. Antes, no entanto, de expor essas conseqüências filosóficas, creio necessário refutar algumas objeções.

CAPITULO QUINTO

OBJEÇÕES E TEORIAS OPOSTAS

Duas, dentre as objeções gerais freqüentemente opostas às teorias idealistas, que se deduzem dos fenômenos psíquicos, são particularmente importantes:
1) A objeção relativa ao olvido das personalidades anteriores.
2)A relativa ao valor intelectual das personalidades mediúnicas e de suas comunicações.
1ª) Aquela não conseguiria embaraçar-nos durante muito tempo.
Verdadeiramente, é ela sem importância para as pessoas a par da psicologia moderna. Nada de mais simples - nós o vimos - que a compreensão desse esquecimento, relativo e momentâneo.
O estudo da memória nos estados anormais e, particularmente, a verificação das personalidades múltiplas, podendo ignorar-se umas às outras, mostram a possibilidade do esquecimento das existências precedentes e trazem-nos a sua compreensão. Trata-se pura e simplesmente de uma criptomnésia que não está limitada à existência atual. Quanto ao resto, o esquecimento responde a uma necessidade filosófica.
É necessário que nas suas fases inferiores (e cada personalidade é uma fase inferior) o ser ignore seu destino e seu estado real, para que se submeta e se conforme o melhor passível à lei do esforço.
Para tanto, é necessário que ele tema a morte; que se desenvolva conforme ao meio onde nasce sem ser torturado pela comparação com os estados anteriores.

Acervo Virtual Espírita

Lembranças, afeições, rancores passadas, com efeito, desviam-no da rota.
Do mesmo modo, o conhecimento de suas faltas anteriores, ou daquelas de seus semelhantes, só poderia prejudicar sua vida atual.
Do mesmo modo, enfim, a utilização das antigas aquisições psíquicas freqüentemente o impediria de trabalhar como o deve com vista a novas aquisições que lhe não pareceriam indispensáveis.
Todos esses argumentos também explicam a utilidade da morte: a morte das personalidades sucessivas é simplesmente uma condição que favorece o progresso da individualidade.
2ª) A objeção extraída do valor intelectual das personalidades mediúnicas e de suas comunicações é muito mais séria. Baseia-se sobre esta dupla verificação:
a) O valor intelectual de muitas das personalidades mediúnicas é assaz variável, mas freqüentemente medíocre.
b) Suas comunicações, no que concerne às questões de metafísica, são diversificadas e contraditórias: Infelizmente para os espíritas, diz Maxwell pode uma objeção, que me parece irrefutável, ser feita ao ensinamento dos Espíritos. Em todos os países do continente, eles afirmam a reencarnação... Na Inglaterra, ao contrário, os Espíritos afirmam que não nos reencarnamos.
De minha parte, creio sex esta uma objeção muito simplesmente refutável. Em primeiro lugar, é mister recordar-se que muitas das personalidades mediúnicas são pura e simplesmente personalidades subconscientes. São personalidades da subconsciência superior no mediunismo superior; mas, freqüentemente, são pseudo personalidades saídas do automatismo cerebral no mediunismo elementar.
Em segundo lugar, as verdadeiras personalidades mediúnicas - não importa que representem o ser subconsciente do médium ou que sejam Espíritos desencarnados - não são nem um pouco infalíveis nem oniscientes.
Segundo seu grau evolutivo, fruem de conhecimentos metafísicos ou de outros mais ou menos extensos, estando necessariamente sujeitas o erro. Ora, são evidentes que, por muitas razões, concebidas copiosamente, a maior parte das personalidades que se manifestam nas sessões espíritas não é, salvo exceções, seres elevados, capazes de altas visões metafísicas.
Para apreciar o valor e a importância dos ensinamentos dos Espíritos, é necessário, finalmente e, sobretudo, levar em conta a fatal deformação que o próprio mecanismo do mediunismo impõe a esses ensinamentos: o comunicante, para manifestar-se sobre o plano físico pela palavra, pela escrita ou por qualquer outro meio, está obrigado a tomar emprestado ao médium os elementos materiais necessários, bem como a fazer uso de sua celebração e a colaborar com seu psiquismo inferior.
Desde então, compreende-se o problema considerável que deve produzir a inusitada utilização de órgãos ajustados ao médium, por ele e para ele talhados, e de um cérebro habituado a certa corrente de idéias.

Acervo Virtual Espírita

Além disso, pelo próprio fato da utilização de um organismo de empréstimo, o comunicante sofre uma espécie de reencarnação relativa e momentânea, a qual, como a encarnação completa, mais ou menos será acompanhada do olvido do estado real, de uma obnubilação das faculdades e dos conhecimentos transcendentais. Com efeito, verifica-se que as comunicações parecem invencivelmente conduzidos às condições psíquicas pré-morte: manifestam-se não como são, mas como eram.

Todas as comunicações de cunho um pouco elevado descrevem expressamente a fatal obnubilação que o mecanismo do mediunismo impõe ao pensamento. Esse pensamento não é jamais recebido integralmente e em sua pureza., mas sempre mesclado com elementos estranhos saídos do psiquismo automático do médium ou sugeridos pelos experimentadores, às vezes muito deformado ou totalmente perdido. Os mais preciosos ensinamentos seriam, evidentemente, os que houvessem sido dados não pela ação física, mas pela ação de pensamento a pensamento. Ainda aí, no entanto, a deformação é fatal. Se os ensinamentos são bem recebidos pelo psiquismo superior do médium, perdem-se ou se desnaturam durante a transmissão o seu psiquismo inferior. Em suma, no estado atual de nossa evolução, as condições do pensamento sobre o plano físico não permitem conhecer, positiva e exatamente, senão o que é relativo ao plano físico.

Os conhecimentos que a esse plano não são mais relativos só nos são acessíveis de um modo incerto e fragmentário, seja pela intuição direta e o raciocínio, seja pela ação mediúnica.

O ser subconsciente, seja ele desencarnado ou exteriorizado, tende a esquecer tudo o que concerne é, sua essência transcendental, ao se unir novamente à matéria então, necessária realizar completa abstração dos ensinamentos dos Espíritos?

Não. Alguns sobejos de verdades, suficientes para auxiliar a intuição, sempre nos chegam. Apenas, é necessário nunca se referir cegamente a uma comunicação espírita, não importa quão bela ela nos pareça imperioso estudá-la e discuti-la, antes de tirar-lhe proveito.

Em segundo lugar, urge proceder a uma escolha dentre as inumeráveis comunicações. Entre elas, só devem ser comparadas as que tenham sido recebidas em condições mais ou menos idênticas, graças a médiuns igualmente evoluídos e igualmente treinados, e por observadores igualmente sagazes.

Pretensas revelações, banais e contraditórias, encontradas não importa ande, e cuja maior parte não passa de reflexos do psiquismo dos médiuns ou dos experimentadores, senão seu produto, não devem ser contrapostas os ensinamentos assaz concordantes entre si, nas grandes linhas, e quando essas condições tenham sido observadas (qualquer que seja o país onde tenham sido

Acervo Virtual Espírita

dadas e qualquer que sejam as idéias filosóficas ambientes). Acima de tudo, é perfeitamente permitida o não se levar em conta teorias de origem espírita. Pode chegar-se, coma me esforcei por provar, à convicção da sobrevivência do ser e a um conhecimento relativo de seu destino, através de um exame rigoroso dos fatos.

Uma teoria de transição. (O sistema do Prof. Grasset.).

Não posso terminar este estudo sem consagrar algumas linhas à teoria que o Prof. Grasset acaba de imaginar para explicar todos os fatos obscuros da psicologia. Faço-o tanta mais prazerosamente quanto esta teoria traz segundo minha opinião, apoio dos mais preciosas e inesperados à minha concepção do ser subconsciente, muito embora estivesse, senão no pensamento do seu autor, ao menos no de seus partidários, destinada a refutar qualquer doutrina idealista baseada na psiquismo anormal. A base da explicação geral do Prof. Grasset é, com efeito, a mesma que a do ser subconsciente: é a distinção dos dois psiquismos, superior e inferior, sua separação possível, sua ação isolada.

Mas, o que de modo absoluta distingue os dais sistemas é a maneira de compreender a essência do psiquismo superior e do psiquismo inferior.

Para o Prof. Grasset, o psiquismo inferior está ligado ao polígono esquemático de Charcot. O polígono, sede dos centros cerebrais sensoriais e matares, seria, igualmente, a do psiquismo inferior e do automatismo psicológico (papel destinada, em minha teoria, inteiramente à crosta cerebral). O psiquismo superior, longe de ser independente do funcionamento orgânico, estaria ligado a um centro cerebral especial, o centro 0, localizado algures na substância cortical cinzenta.

Essa concepção cerebral do psiquismo superior proíbe ao Prof. Grasset qualquer interpretação racional da psicologia dita supranormal. Desse modo, o seu respeito, ele não tenta nenhuma explicação.

Em minha opinião, não consegue ele levar mais compreensão ao campo da inspiração genial, posto que - para ele - o trabalho inconsciente reduz-se ao automatismo do psiquismo inferior. Ao contrário dos outros fatos obscuros da psicologia, confere ele urna explicação idêntica ou quase idêntica à minha.

Citemos alguns exemplas:

O sono é devido à dissociação dos dois psiquismos, ao desaparecimento do psiquismo superior e à persistência do psiquismo inferior, que produz os sonhos.

As neuroses são devidas à relação defeituosa entre os dois psiquismos e à impotência diretora do psiquismo superior.

O hipnotismo e os estados conexos são devidos à separação dos dois psiquismos e à ação isolada do psiquismo inferior.

A sugestão é devida à emancipação do psiquismo inferior, face a face com seu psiquismo superior, e à submissão a um psiquismo superior estranho.

Acervo Virtual Espírita

O mediunismo elementar e as alterações da personalidade sempre se explicam pela separação e pela ação isolada e automática do psiquismo inferior.
O sistema do Prof. Grasset - que a alta autoridade científica de seu autor impôs à atenção geral - terá possuído o grande mérito de atrair a discussão sobre a idéia tão fecunda dos dois psiquismos, bem como o de mostrar com que luminosa simplicidade essa idéia dá conta das dificuldades psicológicas.
Não parece possível, contudo, considerar como definitiva essa doutrina. Ela se choca, sem qualquer modificação, com graves objeções gerais: por exemplo, concebem-se mal como centros cerebrais de mesma essência anatômica podem tão comodamente separar-se no seu funcionamento; e não se compreende nem o processo fisiológico, nem o interesse vital dessa separação contínua. Ainda mais, o sistema só engloba uma fraca porção - a menos importante - dos fatos que, logicamente, não mais do que na prática, se pode separar na teoria.
Cedo ou tarde, esse vasto e luminoso espírito sintético que é o Prof. Grasset deverá, sob pena de renegar sua obra, decidir-se a dar-lhe toda a extensão que ela comporta. Sua tese atual não passa de transição magistral entre a psicologia de ontem e a de amanhã.

SEGUNDA PARTE

ESBOÇO DE UMA FILOSOFIA IDEALISTA BASEADA SOBRE NOVAS CRENÇAS

CAPITULO PRIMEIRO

A FILOSOFIA PALINGENÉSICA

I. A EVOLUÇAO DA ALMA

Duas noções capitais decorrem de nosso estudo do psiquismo anormal e dos fenômenos subconscientes:
1 - A primeira é relativa à presença., no ser, de princípios dinâmicos e psíquicas independentes do funcionamento do organismo, capazes de se separarem dele durante a vida e devendo, por conseguinte, a ele preexistir e sobreviver.
2 - A segunda prende-se à dupla evolução, terrestre e extraterrestre, do ser subconsciente.
Dessas duas noções, bem provável é a primeira, se verdadeiros são os fenômenos psíquicos que lhe dão causa. A segunda apenas apresenta presunções a seu favor, as quais Podem ser tidas carro mais ou menos

Acervo Virtual Espírita

convincentes, mas que, certamente, são suficientes para merecer toda a atenção dos pensadores.
Em suma, trata-se de uma concepção científica dessa grande doutrina da palingenésica, admitida em todos os tempos Por tantos homens de elite, base do budismo, do bramanismo e da doutrina secreta, bem como - parece - da maior parte das religiões da Antigüidade.
Eu não saberia, sem sair dos limites que me impus expor aqui, ainda que em resumo, tudo o que respeita à doutrina palingenésica seus fundamentos históricos, os numerosos argumentos que a seu favor pudemos encontrar, até mesmo fora do campo da Psicologia. Contentar-me-ei em fornecer uma rápida pincelada de seus ensinamentos e conseqüências.
Segundo esse sistema, a alma (ou seja, o que há de essencial na consciência individual), potencialmente contida no mineral, foi progressivamente elaborada nos reinos inferiores viventes, com o fim de adquirir seu maior desenvolvimento na humanidade e nos estados super-humanos que ainda ignoramos. Essa evolução progressiva cumpriu-se em inumeráveis séries de encarnações e desencarnações.
Realizou-se ela pelo jogo normal da vida, fora de qualquer influência sobrenatural: são sensações, emoções, esforços diários, exercício das diversas faculdades, trabalhos, alegrias e dores que se gravam na alma, indestrutivelmente, assim como tantas e todas as novas experiências se traduzem por um aumento no campo da consciência. Não se perdeu nenhuma experiência; seu esquecimento não é mais do que aparente e temporário.
A perda da lembrança das existências anteriores em cada nova encarnação é relativa e momentânea. É necessária, como o é por si mesma a morte, paia nos forçar a um trabalho constante, a múltiplas experiências e a um desenvolvimento contínuo nas condições mais diversas e por meio delas. A lembrança reaparece tanto mais extensa quanto mais elevado seja o ser nas fases de desencarnação. Quando conseguirmos alcançar um estado superior, o esquecimento, tornado inútil para o nosso progresso, não mais existirá e o passado tornar-se-nos-á acessível, em toda a sua integridade. A doutrina da palingenésica permite assim compreendida, uma admirável explicação do mal, além da fundação de uma moral sobre base inabalável, moral essa assegurada por uma sanção perfeita e natural.

II. EXPLICAÇAO DO MAL

Inicialmente, é necessário notar que o mal, na filosofia palingenésica, perde a maior parte de sua pretensa importância.
Com efeito, ele é sempre reparável e jamais se investe de caráter que não seja relativo e transitório. A verificação do mal, assim atenuada, suscita uma explicação tripla:

Acervo Virtual Espírita

O mal é a medida da inferioridade dos mundos e dos seres.
É a condição propícia à evolução.
E a sanção dos atos individuais durante essa evolução.
O mal é a medida da inferioridade dos mundos e dos seres.
Com efeito, o progresso mostra-nos sua incessante diminuição. Na maior parte das dores que nos atingem, nada devemos enxergar além da conseqüência de nossa atual inferioridade; o mesmo acontece em grande Parte dos sofrimentos físicos ou morais, no mal que resulta de nossas franquezas, de nossa impotência, da limitação de nossas forças e faculdades, de nossa ignorância, de nossa sujeição à matéria.
O mal é a condição propicia à evolução.
Com efeito, é o mal que impõe o esforço e o trabalho nas fases inferiores da evolução. Impede o ser de permanecer imóvel na sua situação presente, constrangendo-o a aspirai e a chegar mais rápido à felicidade futura.
Enfim, o mal lhe confere o mérito de aos poucos, adquirir, por seus esforços próprios essa felicidade futura, cujo gozo, conquistado e compreendido será a correta compensação dos sofrimentos suportadas.
Como cada progresso adquirido diminui o mal e aumenta a consciência, a liberdade e a capacidade emotiva do ser, a felicidade futura - cuja essência ele não pode suficientemente compreender, devido à sua atual inferioridade - será o resultado natural do desenvolvimento psíquico coincidente com a diminuição do mal.
Como a evolução é sempre progressiva, todos os seres, sem exceção, escaparão do mal; todos alcançarão à felicidade; mas, lá chegarão mais ou menos rápido, na medida em que mais ou menos se conformem às leis evolutivas, mais adiante abordadas.
Finalmente, o mal é a sanção dos atos individuais.
Com efeito, somos sempre o que de nós mesmos fizemos, por nossos próprios esforços nas existências sucessivas, preparando inconscientemente, em cada encarnação, a seguinte; gozando atualmente os progressos anteriormente adquiridos; utilizando as faculdades que soubemos desenvolver; sofrendo também as más disposições que permitimos que em nós se estabelecessem.
Além disso, nossas passagens às fases evolutivas superiores e, por conseguinte, à felicidade, é precipitada ou retardada pela observância ou pela não observância da lei moral. A sanção é, portanto, perfeita. Pesa consideravelmente sobre as seres chegados a um certo grau de liberdade moral. Quanto mais o ser avançou, mais sua conduta reflexa terá influência sobre seu progresso. Assim, ainda mais, a sanção será assegurada. A importância dessa sanção será sempre proporcional ao grau de liberdade moral.
A confirmação da lei moral é a causa principal das desigualdades verificadas nos seres conscientes.

Acervo Virtual Espírita

Com efeito, as desigualdades acidentais ou consecutivas às variadas condições de encarnação (organismo mais ou menos defeituoso, influência do meio e da educação, etc.) aniquilam-se e neutralizam-se numa vasta série de encarnações, de modo que todos os seres passam por uma soma de contingências felizes ou não, sensivelmente igual. As desigualdades morais ou intelectuais, portanto, provêm sobretudo da observância e da inobservância das leis morais evolutivas (numa série de indivíduos congraçados pelas condições de nascimento e de vida)

III CONSEQUENCIAS MORAIS E SOCIAIS

Compreendem-se à primeira vista as conseqüências morais de tal doutrina que se resumem em algumas prescrições: trabalhar, amar-se, ajudar-se mutuamente. Rejeitar todos os sentimentos baixos e inferiores, como o egoísmo, o ciúme e sobretudo o ódio e o espírito de vingança.
Evitar tudo o que possa ser nocivo a outrem. Não menosprezar ninguém; ver nos imbecis, nos iníquos e nos criminosos seres inferiores, quando não sejam de todo doentes; ser, por conseguinte, profundamente indulgente para com as faltas de outrem, e mesmo abster-se de julgá-las, na medida do possível; enfim, estender nossa piedade e nossa ajuda até aos animais, aos quais os mais possíveis, evitarão o sofrimento e aos quais não daremos morte sem absoluta necessidade. As conseqüências sociais da concepção científica da palingenésica não são menos importantes. Quando os homens estiverem certos de sua evolução indefinida nas existências sucessivas e nas mais diversas condições, saberão resignar-se às desigualdades naturais e passageiras, resultado forçado da lei evolutiva; com isso, desprezarão profundamente as desigualdades fictícias, as divisões malsãs, provenientes dos prejuízos de castas, de religiões, de raças e de fronteiras, todos pueris e malfazejos. Saberão conciliar os princípios da liberdade individual e da solidariedade social. Compreenderão que têm direito ao livre desenvolvimento, mas que são rigorosamente solidários, nesse seu livre desenvolvimento, não só de seus semelhantes, mas de tudo o que pensa, de tudo o que vive, de tudo o que é. Sustentada por semelhantes idéias e por tais convicções, a humanidade resolverá sem esforço as dificuldades, ainda insuperáveis, os grandes problemas sociais e internacionais. As quimeras de hoje em dia tornar-se-ão a esplêndida realidade de amanhã.

CAPÍTULO SEGUNDO

INDUÇOES METAFÍSICAS

I. AS GRANDES LEIS NATURAIS DA EVOLUÇAO

Acervo Virtual Espírita

Com o auxílio de algumas prováveis noções que sabre o destino do ser adquirimos, podemos elevar-nos à pesquisa de algumas das grandes leis do Universo. Vimos que a evolução é o grande princípio da lei universal. Todas as leis que a regem parecem reduzir as três essenciais: a Lei do esforço, a Lei da solidariedade, a lei do Progresso.

1 - A lei do esforço - Segundo essa lei, todo ser chegado a um rudimento de sensibilidade e de consciência deve contribuir ativamente para o progresso evolutivo. Seu desenvolvimento pede esforços perpétuos e inumeráveis, os quais constituem o próprio mérito desse desenvolvimento.

A filosofia naturalista por vezes torceu, numa certa medida, o sentido geral dessa lei, reduzindo-a, toda ela, à luta pela vida. Em realidade, a luta pela vida não passa de um modo especial da lei de esforço, de outro modo vasta e geral. Quanto ao resta, os naturalistas modernos de mais a mais se põem de acordo, no sentido de dar à seleção natural não o papel primordial e indispensável na evolução, mas um simples desempenho favorecedor dessa evolução. De um mundo a outro, a lei do esforço é a causa das grandes diferenças de pormenores, e, num mesmo mundo, responde por inumeráveis discrepâncias ali verificadas quanto à forma. É ela - a lei do esforço - o fator essencial das numerosas e consideráveis desigualdades das partes evolucionárias. Resulta ela na ativação da evolução, criando as variedades e desigualdades.

2 - Lei de solidariedade - Por si, não é nem menos importante nem menos evidente que a lei de esforço, implicando na solidária evolução de todas as partes constituintes de um universo. Essas partes - as mais diversas, como as mais afastadas - só podem evolver umas com as outras e umas pelas outras. Os efeitos dessa lei podem ser observados por tudo e em tudo: entre os mundos de um mesmo sistema (e também, provavelmente, entre os sistemas vizinhos) fixados em volta de um ou de muitos astros centrais, e solidários pela atração, bem como por certos fenômenos magnéticos ou elétricos, etc.; entre as porções constituintes de um mesmo mundo, forçosamente solidários material, intelectual e moralmente; entre os minerais, os vegetais e os animais, inseparáveis uns dos outros, apesar do grau diferente de evolução, pelo só fato das necessidades orgânicas e funcionais. Entre as porções constituintes de um ser organizado. Com efeito, é sabido que, na realidade, um ser é constituído por um agregado de seres elementares e solidários no conjunto.

Há, além disso, no ser, matéria, força e inteligência, ou seja - na hipótese de se admitirem as teorias monistas -, aparências diversas do princípio único, mas sempre inseparáveis e solidárias no seu progresso.

Agora se compreende o propósito e a necessidade das encarnações, da associação da alma e do corpo. Ambos não podem evoluir senão correlativa e simultaneamente.

A lei de solidariedade subdivide-se em leis secundárias:

Acervo Virtual Espírita

a) lei de atração entre os mundos e os átomos;
b) lei de afinidade ou de simpatia, pela qual a solidariedade entre as partes evolucionárias é tão mais ativa e potente quanto mais aproximadas, por sua fase e seu nível de evolução, o forem essas partes.
Assim, a inteligência é solidária da força, sobretudo, e a força, da matéria, o que faz com que esta seja o intermediário necessário para a ação daquela sobre a matéria. Existe, graças a essa divisão da lei de solidariedade, gradação de solidariedade do animal ao homem; do selvagem ao homem civilizado; deste ao compatriota, aos parentes, etc. Tal é a lei de solidariedade plena. E ela apresenta uma conseqüência capital: atenua os deploráveis efeitos da luta pela vida e restabelece, no conjunto, a igualdade nos pormenores, destruída pela lei do esforço.
Somente favorecendo as partes menos evoluídas podem continuar sua evolução as que já o sejam mais.
Na evolução, a lei de solidariedade é, ao menos, tão importante quanto à lei de esforço.
A solidariedade não é um simples princípio de moral, mas uma necessidade absoluta, a mola real, a engrenagem essencial da evolução.
É por não haver, às claras, colocado a lei de solidariedade ao lado da luta pela vida que o transformismo pode, tão freqüentemente, ser mal interpretado; e foi por isso que ele provocou o estonteante julgamento de certa escola: a natureza é imortal!
Vimos como as noções novas sobre o destino individual fazem antecipadamente surgir à lei de solidariedade, colocando-a no primeiro plano, na evolução progressiva da natureza e dos seres. Todo o ser adiantado possui a consciência, ou ao menos a intuição dessa grande lei: Aquele é o melhor, diz Guyau, o que mais consciência tem de sua solidariedade com os outros seres e com o todo.
3 - Leis de desenvolvimento indefinido - Essa lei só pode ser admitida com um caráter de probabilidade e não de certeza.
Parece, de fato, que necessariamente ela resulta das noções que sobre o destino dos mundos e dos seres acabamos de expor. Não se concebe uma possível regressão geral, nem o estancar do processo evolutivo.
Se verdadeira é essa lei, o mundo inteiro deve evoluir quaisquer que sejam as condições físicas ou químicas exteriores, se bem que sempre conforme a essas condições. O mundo inteiro deve originar manifestações vitais e intelectuais.

II. MODO DE APLICAÇAO GERAL DAS LEIS EVOLUTIVAS

Verifica-se que, se estuda o modo de aplicação geral das leis evolutivas de Progresso, de Es f orço e de Solidariedade, esse modo varia conforme as fases da evolução.

Acervo Virtual Espírita

No seu início, inapreciável é a inteligência; o mundo criado está inconsciente. Puramente mecânica é, portanto, a aplicação das leis evolutivas. O desenvolvimento forçado efetua-se conforme ao meio ambiente. Num certo período da evolução, assim que aparece um rudimento de consciência, não mais somente mecânica é a aplicação das leis; passa a ser instintiva. Os seres inferiores a ela submetem-se instintivamente, ao mesmo tempo em que a ela são constrangidos pela necessidade. A aparição desse instinto facilita a aplicação das leis evolutivas, porque a satisfação do instinto já é um prazer. Quando de um período mais avançado ainda, a aplicação das leis passa a ser moral. Os seres bastante elevados (animais superiores, homens) a ela submetem - se não somente pela necessidade e pelo instinto, mas também pelo dever.

As três leis: de progresso, de esforço e de solidariedade são à base da moral natural. Infelizmente, essa base é amiúde desconhecida. O homem não compreende nem a origem nem o verdadeiro propósito do dever nem o próprio dever.

Eis a origem dos desvios da moral, dos enfadonhos prejuízos, das restrições e das obrigações inúteis ou nocivas. A isso se deve uma concepção falseada das punições, bem como a idéia das sanções sobrenaturais. (Já vimos quais são as verdadeiras sanções.).

Numa fase muito avançada da evolução, a aplicação das leis naturais passa a ser consciente e livre. Os seres elevados compreenderam sua origem e sua finalidade; sabem e estão livres proporcionalmente ao seu desenvolvimento consciente. Desde então, escapam - em grande parte - à penosa idéia da obrigação, à concepção relativamente inferior e dolorosa do dever de modo livre que eles se conformam às leis evolutivas, porque sabem que o progresso, o esforço e a solidariedade são as condições naturais de sua felicidade. Para eles, a fase do dever cedeu lugar à de consciência, ou seja, à de liberdade e de amor.

Assimilada ao conhecimento, essa concepção de liberdade forçosamente nos conduz à discussão do livre arbítrio e do determinismo.

Como se pode, num espírito conforme as idéias que expus divisar a questão? Inicialmente, se a evolução se faz segundo leis imutáveis, é necessário admitir o determinismo absoluto no conjunto.

Se entende por liberdade a possibilidade de escapar às leis naturais, de alguma coisa aditar ou suprimir a natureza, faz-se de liberdade o sinônimo de faculdade sobrenatural, o que é absurdo.

Se, ao contrário, se assimila ao conhecimento a liberdade, esta é possível: conhecer as leis naturais e seus modos de ação é ser capaz de melhor utilizá-las para o progresso geral e a felicidade individual. Quanto mais se estende o conhecimento, mais aumenta a liberdade. Consciência e liberdade são

Acervo Virtual Espírita

inseparáveis uma da outra. Na base da evolução a liberdade é nula, parque a consciência é nula.
Na fase média de evolução, a liberdade é relativa e proporcional à extensão da consciência.
A velha comparação clássica, aplicada a esta fase, é sempre justa: num certo sentido, o ser é livre, como o pássaro em sua gaiola ou como o prisioneiro encarcerado. Mais ou menos vasta pode ser a gaiola, a cadeia mais ou menos ampla.. O grau de sujeição depende do grau de ignorância.
Na fase superior da evolução, pede-se, idealmente, supor o conhecimento completo, a onisciência. A liberdade seria, desde então, absoluta. Mas, o raciocínio, nesse caso, leva-nos a uma dedução interessante, a de que a liberdade completa contradiz o determinismo absoluto.
Essa opinião, tão paradoxal na aparência, não passa de simples aplicação da teoria dos extremos: liberdade absoluta e determinismo absoluto confundem-se, porque, inegavelmente, um ser onisciente há de sempre determinar-se, e sem hesitação, no sentido do melhor, o qual, bem entendido, será sempre conforme as leis naturais.
Em resumo, a aplicação das leis evolutivas de progresso, de esforço e de solidariedade é, primeiramente, mecânica, depois instintiva, depois moral, depois consciente e livre.
Necessidade, instinto, dever: tais são os degraus inferiores da evolução.
Consciência, com suas dependências, liberdade, amor, felicidade, tal o cume que a evolução permite atingir.
As encarnações e desencarnações sucessivas do ser obedecerão a essas grandes leis. De início inconscientes e forçadas, tornar-se-ão, nas fases superiores, conscientes e livres.
Os seres superiores não mais se reencarnam por necessidade ou por instinto, mas livremente, seja por seu próprio progresso, seja pelo de seus irmãos; seja nas humanidades de planetas avançados, seja nas humanidades inferiores, sendo sempre portadores de verdades essenciais, precursores e, freqüentemente, mártires. Podem também, desencarnados, escapando à dor, livres, conscientes, felizes, gozarem do progresso alcançado.

III. ADAPTAÇAO DAS NOVAS NOÇÕES A FILOSOFIA MONISTA

Podemos, sobre o terreno da metafísica, avançar ainda mais?
E sem dúvida, fácil e lógico tentar uma adaptação das novas noções à filosofia monista.
A evolução, base da doutrina monista, o é também da palingenésica. Par outro lado, contrariamente à banal e tão propalada opinião, as esperanças de imortalidade individual não são logicamente conciliáveis senão com o panteísmo: porque, segundo o argumento de Schopenhauer, não se pode

Acervo Virtual Espírita

conceber como infinito senão o que não teve começo, e come imortal, senão o que não foi criado.
Finalmente, sentamos tanto mais conduzidos ao panteísmo, quanto a hipótese de uma divindade exterior ao Universo nos aparece, na doutrina palingenésica, tão inútil do ponto de vista idealista, quanta do ponto de vista criador.
Podemos, então, adotar logicamente o monismo: mas, sob a condição de que fique claro que nos colocamos no campo das hipóteses e que os sistemas concebidos sobre essa base, guardando inteiramente um caráter racional e verídico, ainda não derivam da filosofia científica propriamente dita. Qualquer tentativa de edificação de um sistema metafísico completo sobre uma base positiva é ainda vã e prematura. É permitido, no máximo, indicar alguns pontos de sinalização, esboçar alguns traços esquemáticos, mas sem se iludir a respeito de seu caráter de insuficiência e de relatividade.
Se partimos da noção de um princípio único, origem e fim de tudo, para tentar uma explicação completa do Universo, imediatamente nos encontram em presença de capital dificuldade: esse princípio único é-nos tão incompreensível nele mesmo quanto o deus criador dos deístas. O infinito, o absoluto não é acessível à inteligência finita.
Também, em realidade, só podemos conceber o absoluto por uma primeira limitação. Nós supomos no absoluto uma primeira limitação; depois, séries de limitações secundárias, constituindo a totalidade das coisas manifestadas.
Sob as inumeráveis aparências das coisas, desde então mais não vemos além de agregações de mônadas, ou seja, parcelas individualizadas do princípio único.
E necessário distinguir cuidadosamente a essência imortal e imutável do princípio único das modalidades transitórias sob as quais ele nos aparece. Ele não é nem inteligência, nem força, nem matéria; mas, inteligência, força e matéria são-lhe as modalidades essenciais a nós representadas.
Depois do processo de delimitação criador ou de involução, de acordo com uma expressão freqüentemente empregada essas modalidades estão no princípio único em estado potencial. Realizam-se pela evolução e, terminada esta, permanecem no estado residual no princípio único. Não passarão, então, de lembranças, de indeléveis estados de consciência. A evolução poderá, assim, ser considerada como a fatal transposição de energias potenciais em energias realizadas; a aquisição da consciência será seu propósito e seu fim.
Tudo o que, a nossos olhas, constitui o Universo material, dinâmico e intelectual não passaria, então, de aparência temporária. Em realidade, só haveria mônadas imortais e agregações transitórias dessas mônadas imortais.
Os grupamentos são sempre efêmeros, desagregam-se num dado momento, e as mônadas liberadas vão alhures formar novos desses grupamentos. Mas, cada uma conserva - gravadas em sua essência imortal - a lembrança e a

Acervo Virtual Espírita

experiência realizada em cada grupamento, assim desenvolvendo a consciência.
Os minerais, os vegetais e os animais são grupamentos de mônadas, mais ou menos complexos, em diferentes fases evolutivas.
O homem compreende uma mônada central, muito evolvida, alma ou eu real, grupando em sua volta séries de mônadas menos evoluídas.
Os processos de encarnação e de desencarnação não passam de constituição ou ruptura (total ou parcial) de um desses grupamentos complexos e elevados, que representam o ser vivente.
Há, pelo processo de associação ou de encarnação, subdivisão analítica da atividade particular de cada mônada.. Cada uma deve subordinar sua atividade própria à atividade geral do grupo, para a evolução solidária.
Pelo processo de desagregação ou de desencarnação, há a concentração sintética da atividade particular de cada mônada e assimilação da experiência adquirida no grupamento. Assim se desenvolve a consciência particular das mônadas.
Terminada a evolução, desapareceram as modalidades transitórias. O princípio único imortal desenvolveu suas potencialidades e adquiriu a consciência que a todos resume.
Ao mesmo tempo que cessam as modalidades passageiras, perde as mônadas a aparência de sua separação ilusória e fundem-se na unidade.
Mas, a noção de sua individualidade para tal não se perdeu; a consciência individual realizada durante a evolução faz, naturalmente, parte da consciência total. Apenas, chegada a seu máximo, cada consciência individual passou a ser a própria consciência total.

IV. CONCLUSÃO

Seja-nos permitido ater-nos a esse esboço metafísico, sem nos iludirmos - ainda uma vez recordo - sobre seu valor científico, e bastante convencidos a respeito do caráter quimérico de que se reveste a busca obstinada das verdades ainda inacessíveis, por parte da consciência humana. Se ao menos guardamos a esperança de chegar, um dia, pelo desenvolvimento ininterrupto da consciência imortal, a conhecer tudo o que há de verdadeiro, de belo e de bem em nosso mundo e no Universo, que importa para tudo nossa atual impotência! ?
Ora, nós o vimos; tal esperança não é mais uma quimera; a menos que, conclusivamente, no estudo e na pesquisa dos fenômenos psíquicos nada exista além do erro; a menos que seja pura e simplesmente de mentira e de ilusão o domínio da psicologia anormal! Isso não me parece possível. Como não haver uma larga margem de verdade numa teoria capaz de explicar todos os fatos obscuros de ordem psicológica? Numa doutrina que nos traz a mais

Acervo Virtual Espírita

satisfatória solução do problema doloroso das desigualdades humanas, dos sofrimentos imerecidos, de todo o mal do Universo? . . . Estamos, sem dúvida, bem longe da época em que essa doutrina chegará a dominar os sistemas filosóficos e a substituir os dogmas religiosos.
Mas, o que bem menos afastado se encontra - tenho a firme e absoluta convicção - é o momento em que será definitivamente provada e admitida integralmente a noção elementar, base de todo o meu estudo:
Há no ser vivente princípios dinâmicos e psíquicos de ordem superior, independentes do funcionamento orgânico, preexistindo e sobrevivendo ao corpo.
Essa certeza será a origem da mais impressionante revolução a ser levada a cabo no domínio da atividade intelectual e moral da humanidade.
Os positivistas serão, então, os primeiros a construir teorias idealistas sobre essa base científica.
Os fiéis das velhas religiões poderão, ainda, guardar emocionante lembrança das crenças ancestrais; mas, enfim, compreenderão que elas viveram seu tempo e desempenharam seu papel; esforçar-se-ão, nesse ínterim, por adaptar suas esperanças à consciência moderna e às verdades demonstradas. Um dos mais geniais fundadores de religião já não proclamara, ele mesmo, há treze séculos, o caráter relativo dos sistemas dogmáticos, no que concerne às épocas e às grandes raças humanas?
O tempo das revelações de aparência sobrenatural agora passou, do mesmo modo que passou o das negações a priori.
Os sábios, doravante, serão profetas do porvir, em toda a força do termo. Sozinhos, hão de nos trazer, apoiada sobre provas, à revelação das mais altas verdades.

APENDICE

A partir da publicação da segunda edição desta obra, surgiram interessantes trabalhos a respeito da psicologia anormal; numerosos fatos foram coligidos e citados, bem como novas teorias foram dadas à luz.
Quanto à minha concepção do ser subconsciente, nada - nem esses trabalhos, nem os fatos ou teorias - a modificou.
Seja-me permitido, de modo breve, indicar o porquê. As mesmas objeções podem ser antepostas a todas essas teorias.
Algumas constituem verdadeiras petições de princípios, vinculando um fato incompreendido a outro, de igual modo sem explicação (ainda que aquele seja mais familiar); são teorias que se esforçam por explicar, uns pelos outros, fenômenos que devem, em realidade, ser esclarecidos uns com os outros.
Quando não são petições de princípios, são, essas teorias recentes, nitidamente insuficientes.

Acervo Virtual Espírita

Eis as hipóteses incompletas, dirigindo-se tão-somente a fenômenos ou a grupos de fenômenos considerados isoladamente.
Se for julgada racional a argumentação desenvolvida em O Ser Subconsciente, imediatamente aparecem essas hipóteses incompletas, pelo simples fato de que possuem caráter fragmentário, só podendo conduzir à ilusão e ao erro, porque falsas em seus princípios. Algumas dessas teorias, ai de mim! . . . , as favoráveis, em maior parte, são puramente verbais.
Se, por exemplo, consideramos a famosa hipótese da desintegração do eu, com tanto açodamento acolhida pela maior parte dos atuais psicólogos, servindo à interpretação dos casos de múltiplas personalidades, nela imediatamente verificamos o caráter de insuficiência e de relatividade.
Nesses casos estranhos, sem dúvida, existe a desintegração do eu, ou melhor, a descentralização momentânea e passageira, em consonância com a doutrina do ser subconsciente. Isso é óbvio; mas, não passa de verificação.
O essencial é o saber-se - e somente isso - o corro pode haver desintegração passageira, e o como pode existir, por essa pretensa desintegração, manifestação de personalidades autônomas, originais, ignoradas pela consciência normal, e em muito diferindo desta última, às vezes até mesmo a ela superiores, ou ainda, possuindo, em alguns casos, faculdades supranormais,
Não se poderia falar em explicação, quando se não formulasse uma hipótese capaz de se adaptar a todas essas comprovações.
Os numerosos casos de múltiplas personalidades recentemente publicados, tais como os da Srta. Beauchamp, de Mary Reynolds, de Arnold Bourne, etc. demonstram que, sem dúvida, a descrição desse fenômeno singular de psicologia anormal deve ser ampliada e menos sistematizada; o seu minucioso estudo, entretanto, em nada infirma, bem ao contrário, aliás, a interpretação geral que a ele emprestei.
Uma outra teoria muito em voga, atualmente, a de Babinski, a respeito da natureza da histeria, é passível das mesmas reprovações aplicadas às seus predecessores.
Como se sabe para Babinski a histeria não passa de um estado psicótico especial, oriundo da exaltação ou dos desvias da sugestibilidade. Exata ou não, isso não importa, tal concepção da histeria não traz nenhuma luz nova.
O raciocínio que apliquei à sugestibilidade hipnógena, evidentemente, e sem a menor dificuldade, se aplica à sugestibilidade histerógena.
O caráter nitidamente verbal dessas novas teorias prova uma vez mais que, fora de uma interpretação geral, não existe filosofia metafísica possível.
E agora discutirei, ainda que brevemente, algumas objeções feitas ao próprio sistema do ser subconsciente. Para tal, devo - primeiramente - retornar à diferença que me mantém separado do Dr. Maxwell.

Acervo Virtual Espírita

Em muitas discussões que tive a honra de sustentar com o autor dos Fenômenos Metafísicos, declarou-me ele que considera, sempre, como irrefutável a objeção por ele feita à teoria palingenésica, do mesmo modo que considera insuficientes as minhas razões explicativas. Como se sabe, a objeção do Dr. Maxwell baseia-se sobre contradições doutrinárias que existiriam entre as comunicações mediúnicas colhidas na Inglaterra, por um lado, e no resto do continente, por outro. Mantendo integralmente a argumentação que opus àquela do meu eminente confrade, fui levado a examinar bem de perto se a contradição por ele assinalada é tão importante e tão absoluta como se pensa. E tive a grata satisfação de verificar que não o é.

A idéia palingenésica, inicialmente, acha-se afirmada numa série de comunicações recebidas por médiuns ingleses, sendo suficiente à leitura de revistas especializadas para que se fique convencido.

No entanto, o que - sobretudo - comprova o engano do Dr. Maxwell é a leitura atenta do belo livro de Stainton Moses: Ensinos Espiritualistas, obra que ele invoca como servindo, precisamente, de apoio à sua opinião. Verifica-se, então, com evidência:

1 - Que em parte alguma está dito que não se reencarna.

2 - Que os ensinamentos recebidas por Stainton Moses afirmam uma evolução progressiva da alma, evolução essa indefinida, concebida tal qual o é nas comunicações francesas, com as mesmas conseqüências e, evidentemente, pelos mesmos meios, se bem que a idéia palingenésica não esteja, tal qual é de modo sistemático e exclusivo, exposta, no livro inglês, como fundo daquela doutrina evolutiva.

3 - Que a reencarnação, longe de ser negada, acha-se categoricamente afirmada em diversas passagens.

Ser-me-á, de tal modo, permitido juntar à argumentação que ao Dr. Maxwell opusera uma nova e peremptória razão: não é exato pretender, ao menos sem a menor reserva, que em todos os países do continente os Espíritos afirmam a reencarnação. . . E que, na Inglaterra, asseveram que não se reencarna.

Apresentada desse modo absoluto, a afirmação do Dr. Maxwell lança raízes sobre um erro material.

Em último lugar, discutirei uma grave objeção à minha teoria dos dois psiquismos e dos dois subconscientes. Tal objeção foi-me apresentada pelo Senhor, de Vesme, nos Annales des Sciences Psychiques, a excelente revista por ele dirigida com tanta competência e autoridade.

Se cada vez que um fenômeno mediúnico de ação extra corporal se apresenta, escreve ele, pudéssemos nele reconhecer a lucidez, a inspiração genial, tal divisão demarcada entre subconsciência superior e subconsciência inferior não formaria, sequer, a sombra de uma dúvida. Mas, por exemplo, quando são vistas mesas movendo-se sob a influência extra corporal ou extra-orgânica, conseqüentemente atribuível, segundo o consenso do Dr. Geley, à

Acervo Virtual Espírita

subconsciência superior, queda-se desconcertado pela verificação das banalidades que a dita mesa declama, por meio de pancadas, banalidades que, freqüentemente, não são menos incoerentes que os sonhos ordinários, atribuídos pelo autor à subconsciência superior. . .
Baseia-se, portanto, a abjeção do Sr. de Vesme sobre a mediocridade de certas manifestações intelectuais associadas às manifestações físicas extracorporais.
Assim compreendida, resulta ela de um simples mal-entendido; origina-se do fato de que a expressão subconsciência superior se presta a equívoco. Na realidade, em parte alguma disse eu que o psiquismo superior, tal como 0 compreenda, provém exclusivamente da lucidez ou do gênio.
Contrariamente, descrevi esse psiquismo constituído por síntese altamente complexa, compreendendo - além das faculdades transcendentes e supranormais - todas as capacidades e todos os conhecimentos oriundos do psiquismo cerebral ou inferior, penetrando, a seguir, a subconsciência superior e sendo por ela assimiladas.
Esta última, portanto, possui integralmente - eu o repito - a soma das faculdades e aquisições psicológicas, aquisições essas de natureza e valor os mais diversos.
Ora: há, na base das manifestações metafísicas, antes de tudo, descentralização do ser; separação do psiquismo extra cerebral do psiquismo cerebral, ação isolada da subconsciência inferior, ação isolada da subconsciência superior, ou mesmo de grupos constitutivos quaisquer desta última.
Eis a razão por que os fenômenos de ordem intelectual, associados ou não aos fenômenos físicos extracorporais, podem apresentar valores os mais variados: acontecerem, na razão direta dos elementos em jogo da subconsciência superior, momentaneamente descentralizada, de modo genial, elevado, medíocre ou fraco.
Dos diversos capítulos de meu livro ressaltava, nitidamente, essa explicação; mas, vem ela a lucrar em ser apresentada em bloco, pelo que me encontro reconhecido ao eminente diretor dos Annales, por me haver propiciado semelhante ocasião.

FIM.

Acervo Virtual Espírita

Gentilmente Cedido Por: www.autoresespiritasclassicos.com